

Revista

FONTES DOCUMENTAIS

v.4, n.2

maio/ago. 2021

ISSN – 2595-9778

GEPHIBES 



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe



 @REVISTAFONTESDOCUMENTAIS

EXPEDIENTE

*Revista Fontes Documentais, Aracaju, SE, v. 4, n. 2, maio/ago., 2021.
Publicação quadrimestral organizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas
em História das Bibliotecas de Ensino Superior (GEPHIBES)
Instituto Federal de Sergipe (IFS)*

EQUIPE EDITORIAL

Editor-Chefe

Salim Silva Souza – Bibliotecário do Instituto Federal de Sergipe (IFS)

Editora da Seção Informação, Cultura e Patrimônio

Profa. Dra. Zeny Duarte de Miranda – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Editora da Seção Informação, Tecnologia e Sociedade

Profa. Dra. Bárbara Coelho Neves – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Conselho Editorial

Profa. Dra. Bárbara Coelho Neves – Universidade Federal da Bahia (UFBA);

Prof. Dr. Edilson Damasio - Universidade Estadual de Maringá (UEM);

Profa. Dra. Jussara Santos Pimenta – Universidade Federal de Rondônia (UNIR);

Profa. Dra. Nídia Maria Lienert Lubisco – Universidade Federal da Bahia (UFBA);

Profa. Dra. Niliane Cunha de Aguiar – Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Pablo Boaventura Sales Paixão – Instituto Federal de Sergipe (IFS);

Prof. Dr. Raimundo Nonato Ribeiro Dos Santos – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Silvânia Santana Costa - Universidade Tiradentes (UNIT);

Profa. Dra. Zeny Duarte de Miranda – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Comitê Avaliativo

Profa. Ma. Andreia Bispo dos Santos – Rede Estadual de Sergipe;

Ma. Jandira Reis Vasconcelos – Universidade Federal de Sergipe (UFS);

Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira – Instituto Federal de Sergipe (IFS);

Profa. Dra. Márcia Ivo Braz - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);

Profa. Ma. Maristela do Nascimento Andrade – Universidade Federal de Sergipe (CESAD/UFS);

Dr. Ronnie Fagundes de Brito - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Capa e Diagramação

Gabriel Ferreira Souza

Tradução

Luana Inês Alves Santos

Secretária Executiva

Ida Conceição Andrade de Melo

Colaboração

Júlio Cezar dos Santos Barbosa

Comunicação

Valber Jose Andrade de Melo

Normalização

Salim Silva Souza

Ida Conceição Andrade de Melo

Juliana Santos da Silva

José Mateus Correia Silva

Revisão de Texto

Cláudia Andrade;

Jéssica Mirelle Lopes Matos;

Juliana Pereira Sant'Ana Santos;

Maria Edite Santos de Araújo;

Maria Monize Andrade de Paula

Indexadores

Latindex;

LatinRev

ERIH PLUS;

Livre;

BRAPCI;

Diadorim;

Súmarios;

Google Acadêmico

RIFS

RI-UFS

RI-UFBA

INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE

Reitora: Ruth Sales Gama de Andrade

R454 Revista Fontes Documentais / Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Bibliotecas de Ensino Superior – GEPHIBES/IFS. v. 4, n. 2, 2021 – Aracaju: IFS, 2018-

Quadrimestral
e-ISSN 2595-9778 (publicação eletrônica)

Endereço eletrônico:
<https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdocumentais>

1. Ciência da Informação – Periódicos I. Brasil, Instituto Federal de Sergipe.

CDU 02(05)

CDD 020.5

A Revista Fontes Documentais está licenciada no Creative commons – atribuição não comercial 4.0 internacional.

EDITORIAL

A Revista Fontes Documentais (RFD) é um periódico quadrimestral, organizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Bibliotecas de Ensino Superior – GEPHIBES/IFS com o objetivo em atuar como um veículo difusor e fomentador da produção acadêmica, voltada a área da Ciência da Informação em sua multidisciplinaridade.

Desde janeiro de 2021, a RFD faz parte da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) e conta com bases indexadoras nacionais e internacionais para divulgação dos seus artigos, ampliando a visibilidade de seus autores e dos programas de pós-graduações vinculados a eles.

A RFD conta nesta edição com as seções multidisciplinares *Informação, Cultura e Patrimônio* que aflora de forma muito direcionada ao estreitamento existente entre conceitos de Informação, Cultura e Patrimônio; *Informação, Tecnologia & Sociedade*, que problematiza a relação entre Ciência da Informação e Educação, a partir das discussões que envolvem o tema tecnologia e sociedade; e “*Narrativas reminiscetes*” que trata de um ambiente que serão expostas narrativas com homenagens e/ou passagens memoráveis trazidas por nossos autores.

Começando essa edição, apresentamos o artigo da bibliotecária do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) e Mestra em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante, em parceria com a professora doutora Jussara Santos Pimenta Docente da UNIR, cujo título: **Biblioteca Clarice Lispector: lugar de ações educativas, nos conduz em uma** análise sobre as ações educativas promovidas pela biblioteca do IFRO, Campus Cacoal, e de que forma elas têm beneficiado estudantes e professores.

Em seguida o artigo intitulado **Biblioteca universitária e a pandemia de Covid-19: relato de atuação na Universidade Federal do Ceará**, do graduando em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Ítalo Teixeira Chaves, do bibliotecário pesquisador, Luciano Pereira dos Santos Cavalcante e da Prof^a Dr^a Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra, do Departamento de Ciência da Informação da UFC, apresentando uma relevante pesquisa sobre a atuação da Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará identificando quais aspectos demarcam a atuação da biblioteca e equipe de bibliotecários nesse período de pandemia.

O próximo artigo a ser apresentado tem como título: **Biblioteca Snicket: elementos da Biblioteconomia representados na obra “Desventuras em série”**, de autoria da professora Niliane Cunha de Aguiar, do Departamento de Ciência da Informação da UFS e do bibliotecário Valfran Nascimento Souza, da Faculdade São Luís de França, respondendo a seguinte questão: A obra “Desventuras em Série”, de Lemony Snicket, apresenta elementos relacionados aos aspectos da Biblioteconomia e seus objetos de estudo que possam ser analisados e utilizados como divulgação da área de Biblioteconomia?

Em sequência, terá destaque o artigo **Sources for the history of secondary education: the class reports of the “history subjects” at the Ginásio Estadual de Itabaiana/SE (1951-1968)**, fruto da pesquisa dos professores doutores do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, João Paulo Gama Oliveira, Roselusia Teresa de Moraes Oliveira, Rosemeire Marcedo Costa, do Colégio de Aplicação da UFS, Ana Márcia Barbosa dos Santos Santana, e da Faculdade São Luís de França, Simone Paixão Rodrigues. Eles nos apresentam em seus textos uma breve discussão sobre a história das disciplinas escolares e sobre aspectos da História do ensino secundário em Sergipe e do Ginásio Estadual de Itabaiana. Vale a pena conferir!

Na seção **Informação, Tecnologia & Sociedade**, iremos conferir o artigo, **Quando algoritmos não conscientes, mas altamente inteligentes nos conhecerem melhor do que nós nos conhecemos**, de autoria do Doutorando em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFBA, Daniel de Jesus Branco, do Mestre e Bibliotecário da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Jorge Raimundo da Silva; e do Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP), Luiz Viva, que apresenta um estudo técnico conceitual sobre o conceito de algoritmos, cognição, inteligência artificial e robótica a luz da Ciência da Informação, apontando também até que ponto há uma interferência dos algoritmos sobre a humanidade.

Na seção **Informação, Cultura e Patrimônio**, vamos apreciar o artigo **Conexões entre conceitos de direitos humanos, arquivo e memória**, dos autores: Leandro Coutinho Silva, doutorando em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFBA, Zeny Duarte de Miranda, professora doutora do referido Programa de Pós-graduação, Diego Rabelo Nonato, museólogo e Eduardo Roberto Jordão Knack, docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Esta pesquisa nos faz refletir acerca do conceito de direitos humanos, sobretudo no sentido de compreender, tanto a sua natureza política quanto o papel político do profissional da informação.

A seção **Narrativas reminiscentes**, relembra um ano do 5º MEDINFOR VINTE VINTE nos presenteando com o discurso de encerramento do referido evento, pronunciado pelo médico e escritor português António José de Barros Veloso, cujo tema tem muito haver com este espaço comemorativo, **Narrativas sobre os médicos e e cultura portuguesa no século XX**

Desejamos a todos uma ótima leitura! Paz e Saúde a todos!

Salim Silva Souza

Editor-chefe

SUMÁRIO

ARTIGOS

BIBLIOTECA CLARICE LISPECTOR: LUGAR DE AÇÕES EDUCATIVAS 6

Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante
Jussara Santos Pimenta

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE ATUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ 19

Ítalo Teixeira Chaves
Luciano Pereira dos Santos Cavalcante
Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra

BIBLIOTECA SNICKET: ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA REPRESENTADOS NA OBRA “DESVENTURAS EM SÉRIE” 36

Niliane Cunha de Aguiar
Valfran Nascimento Souza

SOURCES FOR THE HISTORY OF SECONDARY EDUCATION: THE CLASS REPORTS OF THE “HISTORY SUBJECTS” AT THE GINÁSIO ESTADUAL DE ITABAIANA/SE (1951-1968) 56

João Paulo Gama Oliveira
Ana Márcia Barbosa dos Santos Santana
Roselusia Teresa de Moraes Oliveira
Rosemeire Marcedo Costa
Simone Paixão Rodrigues

INFORMAÇÃO, TECNOLOGIA & SOCIEDADE

QUANDO ALGORITMOS NÃO CONSCIENTES, MAS ALTAMENTE INTELIGENTES NOS CONHECEREM MELHOR DO QUE NÓS NOS CONHECEMOS 73

Daniel de Jesus Barcoso Cautela Branco
Jorge Raimundo da Silva
Luiz Viva

INFORMAÇÃO, CULTURA E PATRIMÔNIO

CONEXÕES ENTRE CONCEITOS DE DIREITOS HUMANOS, ARQUIVO E MEMÓRIA 93

Leandro Coutinho Silva
Zeny Duarte de Miranda
Diego Rabelo Nonato
Eduardo Roberto Jordão Knack

NARRATIVAS REMINISCENTES

NARRATIVAS SOBRE OS MÉDICOS E A CULTURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX 110

Antônio José de Barros Veloso



BIBLIOTECA CLARICE LISPECTOR: LUGAR DE AÇÕES EDUCATIVAS*CLARICE LISPECTOR LIBRARY: PLACE OF EDUCATIONAL ACTIONS***Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante**

Mestre em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória (MNEMOS). Bibliotecária do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6127-5695>. E-mail: fernanda.cavalcante@ifro.edu.br

Jussara Santos Pimenta

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória (MNEMOS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5283-2509>. E-mail: jussara.pimenta@unir.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as ações educativas existentes na biblioteca do Instituto Federal de Rondônia – Cacoal, e de que forma essas ações beneficiam estudantes e professores. Participaram do mesmo vinte e três estudantes e cinco professores. O instrumento utilizado foi o questionário e entrevistas. Adotou-se como referencial teórico os autores Campello (2008) e Roca (2012), no que se refere ao papel da biblioteca escolar; e Perrotti (2008; 2015) e Freire (2015), na questão da leitura e mediação cultural. Os dados foram analisados por meio da análise do conteúdo. Os resultados mostraram que existem problemas na divulgação das ações educativas e projetos de leitura. A maioria dos alunos respondeu que desconhecem esses projetos, mas contribuíram com propostas para inovação nas práticas educativas da biblioteca. Os professores sentiram a necessidade de propor melhorias da biblioteca, e a pesquisa contribuiu para melhor utilização do espaço educativo biblioteca. Com a aplicação das práticas leitoras (ações e/ou projetos da biblioteca), análise e interpretação dos dados, pode-se perceber a importância das práticas biblioteconômicas e pedagógicas no seio escolar e na Biblioteca por meio da mediação de leitura e, principalmente, o poder transformador que ela possui no cotidiano dos estudantes, que os tornam capazes de ser jovens reflexivos e críticos.

Palavras-chave: biblioteca escolar; ações de incentivo à leitura; pesquisa-ação; mediação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the educational actions existing in the library of the Federal Institute of Rondônia - Cacoal, and how these actions benefit students and teachers. Twenty-three students and five professors participated in it. The instrument used was the questionnaire and interviews. It was adopted as theoretical reference the authors Campello (2008) and Roca (2012), regarding the role of the school library; and Perrotti (2008; 2015) and Freire (2015), on the issue of reading and cultural mediation. Data were attenuated through content analysis. The results demonstrated that there are problems in the dissemination of educational actions and reading projects. Most students answered that they are not aware of these projects but contributed with proposals for innovation in the library's educational practices. Teachers felt the need to propose to improvements in the library, and the research contributed to a better use of the educational library space. With the application of reading practices (library actions and/or projects), data analysis and interpretation, one can see the importance of library science and pedagogical practices in the school environment and in the Library through the mediation of reading and, mainly, the power transforming it has in the daily lives of students, which make them capable of being reflective and awake youth.

Keywords: school library; reading incentive actions; action research; mediation.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar o estudo que teve como *lócus* a Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRO) *Campus* Cacoal que atende usuários de diferentes níveis de ensino, vinculados à instituição e à comunidade externa em geral. A Biblioteca Clarice Lispector faz parte do espaço escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRO), no município de Cacoal. O atendimento é realizado por duas bibliotecárias e duas auxiliares de biblioteca, das segundas às sextas. A Biblioteca do Instituto é o campo de estudo da pesquisa, tendo como participantes estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado e professores que a utilizam.

A partir de ações que incentivam a leitura, a Biblioteca tem um papel significativo na vida dos estudantes e professores, beneficiados pelos projetos de leitura, e as ações educativas decorrentes desse processo são o objeto de estudo desta pesquisa. Levantamos as seguintes questões: De que forma os professores e estudantes são beneficiados pelas ações da Biblioteca? Quais possibilidades de ensino e aprendizagem a partir da utilização do acervo da Biblioteca? De que maneira as práticas pedagógicas exercidas pelos bibliotecários atingem e motivam o incentivo à leitura?

A Constituição Brasileira (1988) garante a todos os cidadãos direitos iguais de ir e vir e ter acesso à educação, à informação, à saúde, cultura e lazer. No entanto, pode acontecer restrição às pessoas com baixa renda que não têm condições, na maioria das vezes, de adquirir livros ou até mesmo frequentar escolas que possuem bibliotecas adequadas. Essa carência de bibliotecas escolares faz parte da realidade brasileira, pois ainda há o silêncio por parte dos profissionais bibliotecários e demais profissionais na área da Educação. A Biblioteca tem um papel indispensável na formação do leitor. O incentivo à leitura é um trabalho contínuo. As inquietações de profissionais da educação são marcadas pelas pesquisas, projetos, mas é possível fazer mais. A leitura no país ainda é deficiente nas escolas.

As práticas de incentivo à leitura requerem disposição, aptidão, comprometimento do profissional bibliotecário e todos que trabalham na Biblioteca. É perceptível a necessidade de contribuir na formação do leitor nas Bibliotecas do Instituto Federal, mediante o propósito da biblioteca escolar que é fomentar a leitura no espaço escolar, dar oportunidade ao acesso a livros de literatura e demais especificidades, contribuir na formação do aluno como cidadão crítico (NASCIMENTO; CARVALHO, 2017). Sendo assim, a pesquisa baseou-se no objetivo geral: analisar as ações educativas da Biblioteca do Instituto Federal de Rondônia, na perspectiva de torná-la um espaço de reflexão e novas propostas de práticas pedagógicas de forma participativa e interativa.

O referido estudo seguiu cunho de pesquisa-ação, tendo como subsídio a intervenção já que essa metodologia permite que todos os envolvidos reflitam e repensem os meios de explorar as ações educativas exercidas na Biblioteca, a fim de melhor atingir as perspectivas dos estudantes e professores. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou: elaborar ações conjuntas com os bibliotecários, funcionários e usuários da biblioteca que fossem suficientes para evidenciar as contribuições da

biblioteca/leitura para a formação de leitores na vida escolar do educando; pontuar as contribuições do profissional Bibliotecário como fomentador da leitura; identificar as motivações dos alunos ao lerem os materiais bibliográficos da biblioteca; implementar ações que divulguem e motivem os educandos a conhecerem os materiais bibliográficos (formatos e suportes: Revistas, HQ's, Dvd's, Cd's, entre outros) contribuindo com a formação do leitor no processo de ensino e aprendizagem.

O artigo está organizado em três partes além da introdução, são eles: percurso metodológico, resultados e discussão e as considerações finais. Apresenta uma leitura fundamentada, de maneira lógica e de fácil compreensão nas etapas executadas na pesquisa, cujo objetivo é análise das concepções de estudantes e professores que utilizam a biblioteca a respeito das ações educativas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo foi estruturado conforme a metodologia da pesquisa qualitativa, na qual buscamos analisar as ações educativas que acontecem na Biblioteca Clarice Lispector do Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Cacoal. Os participantes da pesquisa se constituíram de uma amostragem de estudantes e professores pertencentes do Ensino Médio. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados aos professores que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura em documento de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A organização da pesquisa partiu de dois grupos focais, sob a perspectiva de Barbour (2009), por ter a capacidade única de fornecer um entendimento de como essas visões de formam. Encontros separados destes dois grupos foi possível a coleta de dados com exatidão e cumplicidade de suas concepções e reflexões.

O primeiro passo da pesquisa foi a aplicação do questionário para vinte e três estudantes e cinco professores, um diagnóstico. Nesse processo, os estudantes e professores responderam conforme suas visões e conhecimento da Biblioteca e das suas ações educativas. Relataram individualmente que é possível formar parcerias para cumprir as três vertentes dos IFs: ensino, pesquisa e extensão. O último passo, a Intervenção, aconteceu por meio de oficinas, explanação a respeito da Biblioteca e análise de quatro ações educativas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário utilizado serviu como base para extrair as informações pertinentes à problemática do estudo, como diagnóstico. A realização de oficinas culminou em futuros reajustes das ações educativas na biblioteca, assim como, conhecimento e aprendizado a respeito do funcionamento da biblioteca, os objetivos de sua existência na escola e o papel do profissional bibliotecário.

O local escolhido para o estudo foi contemplado a partir de observações no trabalho desde 2015, quando encontrava poucos estudantes nos pátios em seus horários vagos lendo livros, sendo assim, foi possível verificar a potencialidade de ações educativas que poderiam ser realizadas no

Instituto Federal de Rondônia; e após as primeiras ações, houve a necessidade de reavaliar as ações e pensar novas propostas pedagógicas para a biblioteca.

O critério de escolha dos estudantes participantes da pesquisa se deu a partir da participação dos mesmos em atividades da Biblioteca, ou seja, os que utilizam o espaço para estudo, consulta ao acervo. Os professores foram selecionados de acordo com suas demandas expressivas na Biblioteca e interesse próprio em participar da pesquisa.

Justifica-se a participação dos professores, pois são educadores-chave na construção de saberes, além de serem motivadores para os demais educadores da instituição. De acordo com Rigoletto; Di Giorgi (2009, p. 219) “para trabalhar na biblioteca, um indivíduo, independentemente de ser professor ou outro profissional, deve ser um educador”. E é na condição de educador que estará participando do envolvimento dos outros parceiros no trabalho escolar como um todo e na biblioteca especificamente.

Um dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa, foi a entrevista. Romanelli (1998, p. 125-126) afirma:

[...] é uma relação didática, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade, em que, inicialmente, os parceiros da díade se defrontam como estranhos, pautados por uma alteridade que aparentemente não admite o encontro e que deve ser superada para que a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de uma troca.

Realizada individualmente, a entrevista captou informações mais específicas que no questionário não foi possível. Nesse momento os pesquisados sentiram-se mais à vontade, com o desejo de contribuir numa pesquisa que de certa forma irá contribuir em suas práticas docentes e na vida escolar, no caso dos estudantes, diretamente e indiretamente.

O recorte das principais perguntas constitui-se no total de 23 estudantes e 5 professores. E a análise dos questionários possibilitou a construção do Quadro 1.

Quadro 1 - Questões e respostas dos estudantes

Perguntas	Respostas	Análise das respostas
Quais desses tipos de leitura gosta de ler?	2 (dois) Área Técnica; 2 (dois) Romance e Área Técnica; 2 (dois) Romance, Terror e Área Técnica; Demais respostas foram mistas, predominando Romance, Área Técnica, Terror e Histórias em Quadrinhos.	O tipo de leitura às vezes tem o poder de influenciar na escolha profissional, e além da diversidade dos tipos de leitura colaborar em sala de aula.
Conhece as ações/projetos da biblioteca?	10 (dez) estudantes responderam SIM, e 13 (treze) que NÃO. 6 – Feira de Troca de Livros 1 – Projetos Amigo da Biblioteca e o da Feira de Troca de Livros. 1- Projeto Semana do Livro e da Biblioteca 1 – Projeto Semana do Amor e da Amizade 1 – Ação Procura-se Livro da Biblioteca.	A Feira de Troca de Livros foi a ação mais lembrada pelos estudantes. Mas, a quantidade maior para os que não conhecem as ações da biblioteca é um sinal que precisam ser mais divulgadas, conforme palavras dos estudantes.

O que você mudaria na biblioteca?	12 (nove) estudantes responderam: mais espaço na Biblioteca e novos livros literários; 2 (dois) responderam que não mudaria nada; 8 (seis) responderam mais computadores; 1 (um) mais mesas e cadeiras.	A maioria das respostas foram a questão do espaço da Biblioteca, mais livros novos e computadores. Por se tratar de estudantes de IF, eles precisam de maior espaço para estudar, ler, que não seja a sala de aula.
-----------------------------------	---	---

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

No Quadro 1, os estudantes responderam as suas preferências quando entram na biblioteca as quais são por livros na área técnica, romance e terror. Esse ponto, reflete na vida estudantil e pessoal, às vezes influencia na escolha profissional, e além da diversidade dos tipos de leitura que auxilia o estudante em sala de aula e abre uma visão de mundo, sendo ele o protagonista da própria vida, pois a leitura liberta e permite a autonomia de pensamentos. Assim como afirma Paulo Freire (2015), que defende a escola que incentiva reflexão, se propõe formar cidadãos críticos capazes de opinar, compartilhar ideias, conhecimentos, por meio do relacionamento de aprendizado – professor e estudante.

Por meio deste diagnóstico, pode-se constatar que os dez estudantes que responderam que conhecem as ações da Biblioteca, são parte dos propagadores da Biblioteca. Porém, a Biblioteca ainda precisa divulgar mais suas ações educativas, baseado no diagnóstico realizado por meio de questionários, no **Grupo 1** - 52% afirmam que não conhecem e 48% que sim.

A exaustiva quantidade de informações que rodeia os adolescentes e jovens não impedem que as Bibliotecas utilizem estratégias para chamar a atenção dos seus usuários. É preciso mostrar que essas unidades informacionais oferecem além de empréstimos, renovações e devoluções de materiais bibliográficos. Nota-se, também, a importância dessas estratégias e sua significação nas ações da Biblioteca e que auxilia numa transformação de um cenário interativo, dinâmico que propõe destaque na atualidade.

Nesse diagnóstico, é visível a importância de um ter um espaço maior e atrativo, que seja amplo e confortável e mais livros novos, a pesquisa aponta que 56% dos estudantes afirmam que desejam uma Biblioteca ideal para suas necessidades de aluno do Ensino Médio Técnico, de estudo integral.

Com as atividades da Biblioteca, notamos as contribuições nos seus usuários, e na desenvoltura dos alunos em sala de aula, motivação dos alunos nos eventos promovidos pela instituição; já os professores, os que participam dos projetos da Biblioteca, concordam e consideram que sejam de grande valia para o Ensino e que de certa forma auxiliam nas suas práticas docentes.

O trabalho desenvolvido na biblioteca é importante para que a escola alcance os objetivos propostos pelo Projeto Político Pedagógico, pois, trabalhando em conjunto, professores e bibliotecários planejarão situações de aprendizagem que desafiem e motivem os alunos,

acompanhando seus progressos, orientando-os e guiando-os no desenvolvimento de competências informacionais cada vez mais sofisticados (CAMPELLO, 2008).

A partir do momento, que os funcionários da Biblioteca tenham iniciativas para mostrar a Biblioteca por meio de projetos e atividades que podem realizar, conseguirá apagar gradativamente o pensamento de depósito de livros mencionado por Roca (2012), algo sem movimento e por fim atingir a maioria dos estudantes para que possam ter novas perspectivas deste espaço educativo e interativo.

No **Grupo 2**, formado por cinco professores de áreas distintas – História, Língua Portuguesa, Engenharia Florestal, Artes e Educação Física - foram formuladas perguntas diferenciadas para saber as concepções de Biblioteca e as ações educativas realizadas. Os cinco professores afirmaram que conhecem algumas ações, o que é um ponto positivo; por outro lado, dois apontaram a dificuldade de participar pois não estão tendo tempo e que gostariam muito, como exemplo citaram a Feira de Troca de Livros.

Em relação à dinâmica de ministrar aulas, como se pode perceber a partir das entrevistas, os professores participantes da pesquisa relataram que às vezes é difícil se organizar para participar diretamente dos quatro projetos da Biblioteca. Uma forma que eles encontram de contribuir, é divulgando em sala de aula e incentivando os alunos a irem à Biblioteca, emprestar livros e se envolverem nas ações educativas.

As reflexões de Ranciere, sinalizam ser desejável que o educador, seja ele o mestre embrutecido, o mestre rígido ou o mestre ignorante, desconstrua a distância imaginária existente entre o mestre e os educandos. Em suma, o autor pontua que “o segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender” (RANCIERE, 2002, p. 21-22).

Educadores tem a missão de incentivar os alunos a ser “luz”, crítico e fazer que percebam que ler é o caminho para diminuir o desconhecido. Para os docentes especificamente, a missão é mais trabalhosa, é aprender ensinando, ensinar a aprender, compreender seus alunos e além se permitir que os alunos o compreendam também.

Professores e educadores, por meio de metodologias, estratégias de incentivo à leitura de livros clássicos da literatura, por meio de peças teatrais, gincanas em sala de aula, exposições criativas das obras literárias, exposições da História (lugar, esporte, culinária, ente outros) podem semear e plantar esses estímulos.

Quanto à Oficina realizada com os estudantes, após a análise dos quatro projetos da Biblioteca, surgiram contribuições valiosas, conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 - Contribuição dos estudantes para as ações desenvolvidas na Biblioteca.

Grupos dos participantes	Projeto	Contribuições
G 1	Feira de Troca de livros.	Reorganização dos espaços, colocando os livros para a Troca por: área técnica, romances, terror, clássicos da literatura, gibis. Os participantes perceberam após a leitura do Projeto, não menciona a organização dos livros e também os que participaram em anos anteriores percebeu que não é organizado dessa maneira. E contribuíram que a Biblioteca deve divulgar mais.
G 2	Semana do Amor e da Amizade.	Dar mais protagonismo aos livros. Formas de chamar atenção para o livro: criação de um Varal com imagens e sinopses; expor trechos do livro, sinopses no mural; colocar Placas grandes pelo Instituto, como sinalização de pontos turísticos. Como exemplo, falta 10 metros para você descobrir...
G 3	Semana do Livro e da Biblioteca.	Divulgar mais; Murais fora da Biblioteca; colocar uma lista dos livros que mais são emprestados; mais comodidade para leitura na parte externa da Biblioteca; fazer Mesa Redonda sobre os melhores livros. Escritores participando da Semana do Livro e da Biblioteca, conversa sobre obras literárias.
G 4	Amigo da Biblioteca.	Para eles, a divulgação do Projeto precisa ser mais fomentada nas redes sociais, líderes das salas de aula, cartazes. Uma forma de incentivar a todos a lerem e ser Amigo da Biblioteca, fazer o Cardápio Literário, que seria sugestões de leitura semanal. Outra ideia, fazer um ranking dos livros, ou seja, quais os que mais tiveram empréstimos durante o mês. Idealizar um Bate Papo Literário, que servia para discutir os livros lidos ou doados.

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

A oficina realizada com os professores, foi direcionada a pontos relevantes à sua prática docente e conhecimento aos trabalhos da Biblioteca e sua importância, tais como: em sua aula costuma lançar desafios aos seus alunos a lerem obras literárias e fazer uma peça teatral (P2, professora língua portuguesa); Incentiva à leitura dos livros técnicos para formação acadêmica com sucesso, em suas aulas teóricas e práticas de campo, (P4, professora de Engenharia Florestal); Utilização de livros e DVD em sua aula, (P1, professor de Artes); conhecer e participar, é uma forma de incentivo, ser inspiração para seus alunos para participar das ações da biblioteca é ponto positivo. (P3, professora de Educação Física); disponibilidade de materiais didáticos diferentes, como o DVD.

(P5, professor de História).

Com o término da oficina com os professores, foi solicitado a eles a colaboração para melhorias das ações educativas realizadas na Biblioteca e sugestões para que todos - estudantes, professores, bibliotecárias e os demais integrantes da equipe Biblioteca possam trilhar seus objetivos. Ressaltamos, que no campo científico a pesquisa se apoia em utensílios como diálogo e observações, estes, caminhos para a construção do diário de bordo que por meio das escritas do pesquisador, é possível fazer as conexões – do problema com os anseios de um determinado grupo, conforme visto no Quadro 3.

Quadro 3 - Contribuição dos professores para as quatro ações desenvolvidas na Biblioteca

Características dos Participantes	Reflexões e Perspectivas	Descrição das Sugestões
P1 – professor que trabalha com diversas expressões artísticas, reflexões do ser humano.	O aluno precisa de um espaço interativo, onde possam deitar e ler um livro, com mais arborização. A biblioteca é pequena e dificulta que muitos permaneçam na Biblioteca.	Exposições permanentes no espaço estratégico, parte externa da Biblioteca.
P2 – professor que incentiva à leitura por meio de obras literárias.	A Biblioteca precisa divulgar mais suas ações e buscar mais parcerias com os professores.	Realizar projeto de extensão em hospitais públicos para crianças, contação de histórias e peças teatrais.
P3 – professor que trabalha com o desenvolvimento físico e intelecto dos estudantes.	Faço uma observação, que os alunos precisam ser mais motivados a frequentar mais Biblioteca. Entendo que o trabalho precisa ser em conjunto, parceria professor e bibliotecária.	Competições, tipo gincanas literárias, perguntas e respostas sobre os livros do acervo da Biblioteca, tendo premiações de livros.
P4 – professor que apoia usos dos materiais bibliográficos para reforçar a teoria e contribuir nas aulas práticas da Área Técnica.	Afirmou que a Biblioteca é importante e fantástica na vida dos alunos, pois já conversou com alguns alunos e eles falam que o Instituto Federal tem uma estrutura boa e que não tinham biblioteca nas escolas onde estudavam, e também os outros afirmam que tinham poucos livros.	As ações que a Biblioteca realiza são fantásticas, precisa um pouco mais edições ao ano. Por exemplo, a Feira de Troca de Livros poderia ser mais de uma vez por ano.

<p>P5 – professor que incentiva a utilização dos livros que contam a história da humanidade.</p>	<p>É interessante ter ações educativas na Biblioteca com foco nos estudantes, devido a carência de leitura, interpretação de texto que alguns apresentam em sala de aula.</p>	<p>Mais projetos juntos com professores.</p>
--	---	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Primeiramente, a abordagem sobre a importância da leitura, biblioteca e os desafios que os profissionais que trabalham nela encontram. No final da Oficina “Ações educativas na Biblioteca Clarice Lispector IFRO *Campus* Cacoal”, foi salientada a importância da colaboratividade para melhorias, e com isso, observou-se nas contribuições dos participantes um *feedback* plausível, que oportunizando um repensar das práticas pedagógicas na Biblioteca e constatar o quanto a prática biblioteconômica é uma eterna aprendizagem.

Os participantes foram divididos em quatro grupos, realizado o sorteio para que não houvesse preferência na escolha, permitindo, dessa forma, imparcialidade para garantia de espontaneidade e melhores resultados. Grupos definidos e sorteio realizado, em seguida foi iniciada a Oficina. A intervenção foi realizada em grupos de estudantes e professores que utilizam a Biblioteca com frequência, conhecem as ações da Biblioteca. Contar com professores apaixonados pela leitura, pois quanto maior for o conhecimento do docente sobre literatura, tanto maior será sua capacidade de auxiliar o aluno a descobrir o grande universo da leitura.

A sociedade antes sem excesso de informações e o hoje que nos faz às vezes perdemos o equilíbrio e discernimento pela quantidade das informações. Em meio à profusão de signos, faltam-nos quase sempre ferramentas cognitivas e socioculturais para lidar com o excesso, para dar sentido aos signos, para participar afirmativamente, como protagonistas dos processos coletivos de construção de conhecimento e a cultura (PERROTTI; VERDINI, 2008).

As atividades de ensino, pesquisa e extensão nos Institutos Federais são características marcantes no convívio dos estudantes. Vivemos no momento das informações, de diferentes opções possíveis de aprendizagem (livros digitais, *Youtube*, redes sociais, entre outros). Muitos casos, os estudantes têm dificuldades em se organizar (disciplinas básicas e as técnicas) da grade curricular inchada, e também o excesso de informações na internet e a velocidade que elas surgem.

A pesquisa-ação é uma das tipologias do campo científico recomendadas no âmbito das Ciências Humanas, pois reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência

dos autores do problema numa ação coletiva (BARBIER, 2002).

Os dados foram coletados por meio de duas reuniões realizadas com os professores, ouvindo-os e registrando em anotações, como fonte de pesquisa – diário de bordo - além dos questionários respondidos por eles, que contribuíram para a idealização desta pesquisa.

A primeira reunião teve o foco em escutar as perspectivas em relação à Biblioteca, as alternativas que eles encontram na utilização da Biblioteca e reflexões que fizeram sugerir de que forma o espaço educativo Biblioteca pode cada vez mais fazer parte do processo ensino e aprendizagem. A abordagem foi pensada de maneira que todos reunidos em uma roda de conversa pudessem expor suas ideias, deixando-os à vontade, sem prescrição nenhuma, pois o propósito deste procedimento é coletar o máximo de informações pertinentes à pesquisa, sem direcionamentos por parte do pesquisador.

O segundo momento aconteceu para mostrar todo o trabalho da Biblioteca, bastidores dos Projetos da Biblioteca, de como localizar de maneira rápida os materiais bibliográficos na Biblioteca, o sistema automatizado, as sinalizações das estantes e os armários que guardam DVD's, CD's, cordéis e os periódicos impressos.

A visita guiada foi satisfatória, as pequenas dúvidas foram sanadas e o desejo que a Biblioteca em breve possa ocupar o seu prédio definitivo também foi mencionado, pois em um espaço maior, mais ideias, mais oportunidades surgirão para que as práticas docentes possam acontecer também dentro da Biblioteca. Com o diagnóstico foi possível antever as possíveis mudanças, melhorias nos processos educativos da biblioteca e o questionário foi uma das formas de conhecer os participantes e seus anseios, foi realizada a intervenção, com duas oficinas distintas para contemplar o Grupo 1: estudantes e o Grupo 2: professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendências das práticas pedagógicas com ênfase em Biblioteca estão sendo cada vez mais vivenciadas em escolas, instituições federais de ensino pelo país com o intuito de consolidar uma educação de sucesso, que motive estudantes e professores.

Em tempos atuais, percebemos que já não podemos mais ignorar a existência da Biblioteca, seus benefícios e sua importância no contexto escolar. Para que haja um funcionamento dinâmico neste setor educacional, faz-se necessário, a prática do profissional Bibliotecário em ações educativas.

Ações essas, que na maioria das vezes é para atingir a todos que não sentem motivação para ler um livro, entrar numa Biblioteca, interagir com outros leem ou não, participar dos projetos

de incentivo à leitura e por fim, criar o hábito da leitura. Para isso, a pesquisa culminou em participação de dois grupos – estudantes e professores a fim de forma colaborativa repensaram melhores estratégias para atingir a todos a participarem dos projetos da Biblioteca e que as ações educativas já existentes sejam mais expressivas na vida dos estudantes e professores.

As práticas pedagógicas, independentemente de quem as executa, tem a missão de envolver o maior número de pessoas da escola, pois abre os olhos e os mantêm abertos para um mundo de oportunidades e de aprendizagens, pois todos nós somos eternos aprendizes dentro e fora da sala de aula e da Biblioteca, já que dentre tantos objetivos, segundo a UNESCO, tem que fomentar à leitura, o acesso às informações e contribuir na formação leitora do cidadão, para que este se torne um ser humano capaz de discernir, refletir, tornando-se crítico e autônomo em sociedade, seja na educação, na família, entre outros.

A Biblioteca, para a língua portuguesa é considerada “substantivo”, partindo deste princípio assim carrega consigo o adjetivo, dentre os quais são: espaço das letras, universo das letras, cantinho do conhecimento, berço da sabedoria, dentre tantos que as gerações nomearam este espaço educativo que exprime relevância, pois as Bibliotecas são marcadas pelas letras nos livros - histórias e culturas do mundo, que jamais será extinto.

No universo das letras, o qual a Biblioteca faz parte, permite que a humanidade seja agraciada com conhecimento e cultura. Dentro dela é possível por meio de ações, práticas pedagógicas realizadas nas escolas podemos enriquecer nosso vocabulário, adquirir experiências e aprender a partir de compartilhamentos.

De fato, no decorrer da vida, temos vários personagens que contribuem com suas próprias vivências para construirmos o conhecimento. As memórias das nossas narrativas nos acompanham e passamos para nossos filhos, familiares e alunos, por meio da oralidade e a escrita, pois precisamos registrar o conhecimento.

O texto, a mensagem - e seu escrito - lá estão, no papel ou em variados suportes, antes de se tornarem imagem, gesto, cor, música, som, silêncio. A vida mesmo, como organizada em nossas sociedades, não prescinde do escrito.

Pois bem, a Biblioteca quando tem uma boa estrutura, um amplo acervo, em especial na área literária, colabora no desejo do aluno ler e além das contribuições do profissional bibliotecário quando ele faz divulgação do acervo, cria um espaço aconchegante para leitura que atrai o público estudantil.

Uma das percepções dos estudantes de Ensino Médio Técnico Integrado, é que na biblioteca tem que ter livros de sua preferência para ser um motivo forte da sua permanência, que de certa forma, cria a sensação de lugar interessante pois têm livros que chamam a atenção.

A realidade em bibliotecas, é cada vez mais a procura, por assuntos específicos encontrados nos livros de não ficção (KUHLTHAU, 2009). As crianças possuem habilidades, uma memória, uma nostalgia dos momentos vividos, que se for bom o livro, a atividade realizada pelo professor e/ou bibliotecário, ela sente vontade de ler outros livros diversificando seus gostos.

É preciso ter os canais de percepções livres para se perceber matizes, nuances, cores, sons, fragrâncias; nessa acepção, quem sabe, a Educação nas Bibliotecas possa ser também uma poesia encontrada além da sala de aula. Permitir que a autonomia seja o ápice do conhecimento, pois nossos jovens precisam se apropriar de todos espaços educativos da Instituição de Ensino (PERROTTI, 2015).

Pelas experiências de vida da escritora brasileira Heloísa Seixas conhecida pela obra *O prazer de ler*, nota-se que é no teatro, no cinema e nas artes plásticas que há a possibilidade de viajarmos, mas é a literatura que nos permite ser mais do que meros espectadores. A leitura de um livro faz que sejamos cúmplices, coautores, tenhamos a chance de criar em nossa mente, aquilo que o autor tenta nos transmitir com palavras. O livro nos fala muito, nos sacode e faça-nos reagir, lutar por condições melhores na escola, por mais Bibliotecas.

É preciso que a leitura seja um ato de amor, discurso magnifico de Paulo Freire (2015), que faz parte do nosso ontem, hoje e futuro. Não podemos massacrar o amor pela palavra de mundo, pois nos faz sermos sonhadores de uma educação com qualidade, com autonomia para nossas crianças, adolescentes e jovens.

O caminho é esse, resgatar o encanto da palavra, proporcionar a cultura, combater as mazelas da vida, dar suporte aos estudantes e colaborar nas ações educativas, esse é o nosso papel nas Instituições de Ensino. Por meio de concepções adquiridas com a prática bibliotecária é possível definir as ligações da Biblioteca na vida das pessoas como: apoio no currículo escolar; inspiração para a imaginação - viver várias histórias nos livros; interatividade além da sala de aula e a melhor parte – a autonomia na escola e na vida.

Importante também, é se permitir aprender com os outros, reavaliar nossas práticas profissionais que costumamos a fazer às vezes no automático. As reflexões e perspectivas de pessoas que estão dispostas a contribuir, nos leva a pensar em diversas possibilidades de aprendizagens e nos leva a crer no poder da Educação e da Cultura que nos proporciona, pois nos habilita a direcionar um olhar diferente e ter certeza de que todos somos capazes de opinar e melhorar, para o bem de todos.

A educação nos proporciona conhecimento que é evidenciada - pelos professores em sala de aula, mas também é através da Biblioteca que o estudante ao abrir livros, acessar sites de busca e Biblioteca digital, enxerga o mundo de maneira diferente, consegue assimilar conceitos, percebe o poder da educação, da leitura, da cultura em sua vida e que conseqüentemente influencia no seu convívio social.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002. 159 p.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216 p.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.
- CAMPELLO, Bernadete dos Santos. *et. al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- KUHLTHAU, Carol. **Como Usar a Biblioteca na Escola**. São Paulo: Autêntica, 2009.
- NASCIMENTO, Lorayne Kelly da Silva; CARVALHO, Luciana Moreira de. Ação cultural na Biblioteca Escolar Visconde de Sabugosa do Nei-UFRN: práticas de incentivo à leitura e desenvolvimento sociocultural. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 1, n. 3, jul./dez., 2017.
- PERROTTI, Edmir; VERDINI, Antonia de Sousa. Estações do Conhecimento: espaços e saberes informacionais. *In*: ROMÃO, L.M.S. (org.) **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Alfabeta, 2008, p. 13-40.
- PERROTTI, Edmir. Estações de leitura, dispositivos de mediação cultural e a luta pela palavra. **Nuances**: estudo sobre Educação, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 93-112, set./dez. 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIGOLETO, Ana Paula; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 219-237.
- ROCA, Glòria Durban. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Tradução: Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Penso, 2012. 110 p.
- ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. *In*: Geraldo Romanelli; Zélia Maria Mendes Biasoli Alves (org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Ed. Legis Summa Ltda, 1998.

Recebido/ Received: 28/04/2021
Aceito/ Accepted: 27/07/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021

**BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE ATUAÇÃO NA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

*UNIVERSITY LIBRARY AND THE PANDEMIC OF COVID-19: REPORT OF ACTION AT THE FEDERAL UNIVERSITY
 OF CEARÁ*

Italo Teixeira Chaves

Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais (GICAE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7351-9565>. E-mail: italochaves55@hotmail.com

Luciano Pereira dos Santos Cavalcante

Bacharel em Biblioteconomia pela UFC. Membro do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais (GICAE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1464-7177>. E-mail: luciano319690@gmail.com

Maria Áurea Montenegro Albuquerque Guerra

Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Docente do Departamento de Ciência da Informação pela UFC. Líder do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais (GICAE). Orcid: E-mail: aurea.mguerra@gmail.com

RESUMO

O presente estudo contextualiza-se no período da pandemia de Covid-19, abordando aspectos teóricos e práticos no que diz respeito às bibliotecas e à adaptação administrativa, oferecimento de recursos informacionais. Aborda no referencial teórico questões voltadas aos novos protocolos desenvolvidos pelas bibliotecas neste período, bem como as novas formas de atuação do bibliotecário envolvendo as tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, tem como objetivo analisar a atuação da Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará (BU-UFC) identificando que aspectos demarcam a atuação da biblioteca e equipe de bibliotecários durante a pandemia. Como resultado recuperou-se 100 notícias apresentadas e discutidas em quatro categorias: a) adaptação dos fluxos administrativos, b) serviços de informação e capacitação do usuário, c) disseminação da informação científica e d) ação cultural. Como conclusão evidencia a atuação da BU e dos bibliotecários em diversos eixos, com o propósito de continuar disponibilizando informação à comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Biblioteca universitária; Atuação do bibliotecário; Covid-19.

ABSTRACT

The present study is contextualized during the Covid-19 pandemic period, addressing theoretical and practical aspects regarding libraries and administrative adaptation, offering information resources. It addresses in the theoretical framework issues related to the new protocols developed by libraries in the pandemic period as well as the new forms of action of the librarian involving information and communication technologies. The theoretical framework addresses issues related to new protocols developed by libraries during the pandemic period, as well as new forms of librarian performance involving information and communication technologies. In this sense, it aims to analyze the performance of the University Library of the Federal University of Ceará (BU-UFC), identifying which aspects demarcate the performance of the library and librarian team during the pandemic. As a result, 100 news items presented and discussed in four categories were recovered: a) adaptation of administrative flows, b) information services and user training, c) dissemination of scientific information and d) cultural action. As a conclusion, it highlights the performance of the university library and librarians in several areas, with the purpose of continuing to provide information to the academic community.

Keywords: university library; performance of the librarian; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

O contexto informacional da sociedade contemporânea está imerso pelo imediatismo e o dinamismo de notícias que são produzidas em suas múltiplas mídias. Nesse contexto, destacamos o papel das bibliotecas universitárias, as quais compõem um local importante que relaciona-se intrinsecamente à pesquisa, ensino e extensão, os pilares da universidade. São consideradas importantes centros de produção e disseminação da informação e do conhecimento no âmbito acadêmico e científico, tanto pelo que é produzido na universidade como disponibilizado para os seus usuários.

As bibliotecas universitárias têm seu funcionamento tradicionalmente presencial, com consultas livres ao acervo, treinamentos, capacitações, dentre outras funções relacionadas ao desenvolvimento científico e tecnológico, contudo, essa configuração de funcionamento foi alterada em decorrência da pandemia de Covid-19.

Assim, estudar a referida temática se justifica pela relevância que o atual cenário trouxe, onde acarretou mudanças abruptas no universo do trabalho e que por sua vez, abrange as bibliotecas universitárias, as quais tinham atendimento aos seus usuários majoritariamente de forma presencial. Assim, tem-se exigido do bibliotecário uma adaptação em seu ofício laboral para atender as demandas informacionais, no sentido de prezar pela continuidade da oferta de produtos e serviços informacionais nas bibliotecas bem como uma reconfiguração da própria biblioteca universitária.

Salientamos ainda que as bibliotecas universitárias são consideradas importantes organizações que balizam a pesquisa, ensino e extensão como instrumentos que contribuem de maneira significativa na construção do conhecimento na universidade (HUBNER; KUHN, 2017). Todavia, o cenário pandêmico emergiu para o bibliotecário trazendo à tona novas perspectivas de atuação, exigindo-se do profissional uma postura criativa e dinâmica que condizem com o contexto vivenciado pela impossibilidade das atividades presenciais, migrando para os meios digitais, onde para Santos (2020), o bibliotecário necessitou se adaptar às condições impostas pelo meio, no intuito de prosseguir na publicização de conteúdo e informação, mantendo a credibilidade do que é transmitido para seus usuários.

Nessa perspectiva, o presente estudo se propõe a compreender como a biblioteca universitária vem desenvolvendo suas atividades, considerando as condições limitadoras estabelecidas pela pandemia de Covid-19. Para tanto, realizamos uma pesquisa no *site* institucional da Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará (BU-UFC). Levantamos como pergunta de partida: De que maneira foram desenvolvidas as atividades pela BU-UFC na pandemia de Covid-19?

Tem-se como objetivo central do estudo analisar a atuação da Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará (BU-UFC) a fim de identificar quais aspectos demarcam a atuação da biblioteca e equipe de bibliotecários durante esse período pandêmico. Como objetivos específicos pretende-se a) verificar como as bibliotecas universitárias estão atuando diante das limitações e

empasses impostos pela pandemia de Covid-19 na oferta de produtos e serviços de informação e b) identificar quais foram as estratégias de atuação utilizadas pelos bibliotecários que compõe a BU-UFC. Utilizou-se de uma abordagem exploratória e descritiva no *site* da BU-UFC para identificar notícias no âmbito da atuação bibliotecária para, após isso, operacionalizar uma análise de conteúdo, criando categorias e descrevendo-as a partir do conteúdo analisado.

2 A PANDEMIA DE COVID-19 E O CENÁRIO DE ATUAÇÃO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Em dezembro de 2019 a notícia de um surto de coronavírus (Covid-19), na cidade de Wuhan, na China, começou a circular nos veículos de comunicação. Em poucos meses tal epidemia tomou proporções globais e, em março de 2020 foi decretado o estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde. Passado mais de um ano desde o início da pandemia, o território nacional conta com mais de 13 milhões de habitantes infectados pelo vírus e mais de trezentos e cinquenta mil óbitos (BRASIL, 2021).

Diante desse cenário pandêmico, foi necessária a elaboração e implementação de uma série de protocolos e recomendações dos órgãos de saúde e das autoridades sanitárias, de modo a oferecer à população mecanismos de biossegurança e prevenção diante da crise sanitária que está sendo enfrentada, com o intuito de conter a disseminação do coronavírus.

Nesse ínterim, abrangendo-se ao contexto laboral, as instituições tiveram que se adaptar ao cenário em curso, onde resultou-se na inviabilização da prática das atividades presenciais e a migração para o teletrabalho. Esta migração resultou em outras formas de desenvolver as práticas e fazeres laborais que outrora eram realizadas majoritariamente de modo presencial.

No tocante às bibliotecas, houve organizações como a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) e o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) que desenvolveram protocolos ou recomendações para fomentar a reabertura das unidades de informação com menos riscos possíveis aos profissionais das bibliotecas (bibliotecários, auxiliares, professores) e aos usuários.

Conhecer e implementar tais protocolos tornam-se fundamentais no contexto atual, sobretudo para que as bibliotecas possam continuar oferecendo seus produtos e serviços informacionais à sociedade com o menor risco possível. Santos (2020) desenvolveu uma compilação das medidas preventivas tanto no que diz respeito à proteção da saúde dos colaboradores como também das possíveis formas de desinfecção dos acervos das unidades de informação.

As recomendações técnicas para o funcionamento das bibliotecas de maneira geral, visa aferir medidas de segurança para o atendimento aos seus usuários em tempos de pandemia. O SNBP elaborou um protocolo com quatro níveis: o primeiro diz respeito ao funcionamento interno das bibliotecas, o segundo sobre serviços à população, o terceiro sobre reabertura das bibliotecas e o quarto e último sobre informações gerais produzidas por outras organizações (SNBP, 2020). À seguir, apresentamos o Quadro 1 com os principais tópicos apontados pelo SNBP.

Quadro 1 - Recomendações técnicas do SNBP

Nível 1 - Funcionamento interno	Suspensão do atendimento presencial nas bibliotecas; Suspensão das atividades culturais e projetos desenvolvidos nas bibliotecas, abertos ao público em geral; Divulgação dos portais, redes sociais e canais para comunicação com a biblioteca Oferta de serviços de referência virtual [...];
Nível 2 - Serviços à população	Interrupção de eventuais cobranças de taxas por atrasos na devolução de acervos; Possibilitar aos usuários, acesso a mecanismos de busca do acervo, sejam digitais [...], ou consulta por e-mail ou telefone; Agendamento para os serviços de empréstimo e devolução de acervos; Alocação de acervos e demais itens devolvidos em local separado dos demais, por período superior a 5 dias, pelo menos; Proibição da circulação e permanência dos usuários na biblioteca [...];
Nível 3 - Reabertura das bibliotecas	Restrição de entrada e permanência por meio de senhas e horários pré-agendados; Garantir a limpeza permanente e contínua de todos os equipamentos e mobiliário utilizados pelos usuários externos e pelos servidores e colaboradores da biblioteca, por profissionais capacitados e seguindo normas e procedimentos adequados;
Nível 4 - Informações gerais	Reabrindo Bibliotecas, IFLA; Atividades em Bibliotecas: limpeza, higienização e desinfecção, AGUIA USP; Recomendações para salvaguarda de acervos em Bibliotecas, CRB-8;

Fonte: Adaptado de SNBP (2020)

Como consequência do exposto anteriormente, as bibliotecas como instituições que disseminam o saber tiveram uma grande dificuldade inicial para manter seu funcionamento, entretanto, tais protocolos fomentaram uma atuação com menos riscos à exposição do coronavírus. Nesse olhar, Sophia (2020) enaltece a importância dos mecanismos digitais na disseminação do

conhecimento, sobretudo no que concerne à informação para os seus usuários no intuito de manter as unidades de informação em funcionamento. Sendo assim, tais instituições têm recorrido de maneira assídua a recursos eletrônicos como *sites* institucionais e mídias sociais que podem conferir uma ampla divulgação de conteúdo dos serviços que são oferecidos pelas bibliotecas.

Tratando-se das bibliotecas universitárias, os recursos oferecidos pelas plataformas digitais estão sendo utilizados como uma alternativa de amortecer o contexto vivenciado pela pandemia, onde as rotinas das bibliotecas ficaram comprometidas. Assim, as mídias e redes sociais têm tido um papel fundamental no que diz respeito à disseminação da informação científica. Mendes (2021, p. 251) ressalta que

No contexto de pandemia, as mídias e redes sociais tornaram-se uma alternativa rápida, objetiva e prática para divulgar e discutir informações de utilidade pública, assim como realizar compartilhamento de conhecimento e descobertas científicas, em especial as da ciência aberta, o que tem auxiliado equipes médicas, bem como toda a sociedade.

Dessa maneira tais mecanismos também funcionam como uma tentativa de manter as referidas instituições próximas de seus usuários, tendo em vista atender as demandas informacionais. É importante ainda compreender que a biblioteca universitária relaciona-se fortemente com a informação científica, logo, disseminar esse tipo de informação durante a pandemia foi um dos novos atributos da biblioteca. Marteleto (2010) destaca sobre dois tipos de redes sociais a partir da literatura científica, sendo o primeiro tipo relativo às interações cotidianas e o segundo pela atuação coletiva de grupos ou organizações para compartilhamento de informação de determinados fins. Nesse contexto, ressalta-se mais uma vez a importância da biblioteca e das redes sociais para disseminação da informação científica, uma vez que as redes sociais têm tornado-se ambiente de diálogo entre o pesquisador, a ciência e a sociedade (MENDES, 2021).

A biblioteca universitária também precisou adaptar seus afazeres para continuar promovendo serviços de informação e capacitação do usuário de uma forma virtual, validando-se ainda mais das tecnologias de informação e comunicação (TIC) voltadas à fins educativos. Acrescenta-se que a relação usuário-biblioteca mediada pelas TIC não é algo novo, contudo, seu uso foi intensificado neste período de crise para dar continuidade às atividades (SALA *et al*, 2020).

Ferramentas como *google meet* e *google classroom* são exemplos de como a tecnologia possibilitou a atuação do bibliotecário no que diz respeito a treinamentos e capacitações de usuários em um contexto em que o isolamento social faz-se necessário. Essa experiência com o *google classroom* é algo que já vem sendo adotado pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará desde 2017 para atender demandas da comunidade acadêmica, a qual já vem tendo bons resultados como apontado por Lima, Santos e Santos (2017).

Ainda no contexto de pandemia, Tanus e Sánchez-Tarragó (2020, p. 9) pontuam que “a predominância dos serviços baseados em recursos eletrônicos assume um espaço e intensidade predominante nas bibliotecas, talvez como jamais visto”. Nesse sentido, fica evidente a importância que as TIC assumem no atual contexto em que a sociedade vive, ao possibilitar a continuidade de oferta de recursos informacionais por parte da biblioteca, bem como auxiliar no desenvolvimento de pesquisas.

3 PERSPECTIVAS, COMPETÊNCIAS E ATUAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA PANDEMIA DE COVID-19

O bibliotecário desempenha um papel importante no que concerne a sua atuação dentro das unidades de informação de maneira geral, pois a este profissional cabe a função de armazenar, tratar, disseminar e recuperar a informação de maneira efetiva para seus usuários (SPUDEIT, 2017). Não obstante, pela etimologia da palavra, bibliotecário significa transpor o conhecimento para fora da caixa, ou seja, ordenar e condicionar o saber de maneira sistematizada para um público alvo, conferindo-lhes informações pertinentes e precisas dentro das unidades de informação (BELLUZZO, 2002). Desse modo o bibliotecário se configura como um profissional o qual detém a responsabilidade de caráter social no âmbito da mediação, disseminação e publicização da informação.

Entretanto, na sociedade contemporânea ainda existe o estereótipo do bibliotecário como um ofício unicamente para atuar em biblioteca e que somente tem como função guardar livros, embora a realidade seja outra e aos poucos esteja sendo transformada a partir da consolidação da atuação do bibliotecário em diferentes campos profissionais. Nessa perspectiva, Mueller (1989, *apud* SILVA, 2020), define o perfil profissional como sendo um arcabouço de competências, habilidades e técnicas que balizam determinada carreira. Posto isso, salienta-se que a formação acadêmica e profissional do bibliotecário não limita-se à organização de acervos, envolvendo também processos de mediação, gestão e competência em informação, editoração, análise de sistemas e recuperação da informação, dentre outras possibilidades envolvendo a formação em biblioteconomia.

No tocante ao cenário pandêmico, ficou evidente a reclusão de muitos trabalhadores em suas residências, onde tal contexto atingiu de maneira irrestrita as atividades presenciais. Diante disso, Sophia (2020), aponta para a situação pandêmica que está em curso, onde grande parte das atividades nos ambientes informacionais tiveram que migrar para o formato *online* como alternativa a dar continuidade ao trabalho dentro das unidades de informação. Assim, os bibliotecários precisaram aprender outras possibilidades para realizar a mediação e disseminação da informação para os usuários.

Dessa forma, Assis (2018, p.16 *apud* SILVA, 2020, p. 23) ressalta que “o profissional bibliotecário é o responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, sejam em meio físico, seja digital, aos seus usuários desenvolvendo um papel de mediador”. Diante disso, com o

cenário pandêmico vivido pela humanidade, trouxe à tona uma maior demanda informacionais e de conteúdo que necessita ser tratada, organizada, recuperada, dando um destaque para a atuação do bibliotecário, sobretudo em contextos onde são desenvolvidas pesquisas, como é o caso de organizações, institutos e universidades.

O período de pandemia está sendo um grande desafio, pois, se de um lado havia a necessidade de informação, do outro, estava a dificuldade em acessar o conteúdo das bibliotecas por estarem de portas fechadas. De modo que coube ao bibliotecário consolidar o uso de TIC para conseguir atuar com a informação durante esse processo, uma vez que o uso de recursos eletrônicos tornou-se uma possibilidade no tocante à circulação da informação.

A difusão do uso das tecnologias a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais. O ato de conhecer os mecanismos virtuais existentes tornou-se natural tanto quanto saber a localização de um livro na estante da biblioteca e o uso da internet passou a ser um instrumento obrigatório de trabalho do bibliotecário (SILVA, 2005, *apud* TEOTONIO, 2011 p. 37).

É notável que neste contexto paandêmico, o bibliotecário potencializou o uso das TIC no intuito de fornecer aos usuários recursos eletrônicos de informação. Para que isso ocorresse, houve um rearranjo da forma como as atividades administrativas vinham sendo realizadas de maneira presencial, além destes profissionais terem se capacitado para atuar com as TIC, como pontuam Tanus e Sánchez-Tarragó (2020).

Serviços como agendamentos e promoção de *lives*, como também outros eventos como os *webinars* foram tipos de atividades desenvolvidas pelas bibliotecas nesse período. Além do esforço realizado por bibliotecários, instituições, organizações e profissionais da saúde para criação de novas políticas e protocolos de biossegurança que assegurassem uma reabertura das unidades da informação com menos risco de transmissão do coronavírus (Covid-19) (SANTOS, 2020).

As redes sociais têm impulsionado a atuação das bibliotecas nesse período de pandemia, como é o caso do *Whatsapp*, *Instagram*, *Youtube*, *Twitter*, além dos canais institucionais já consolidados, como *sites* oficiais e catálogos. A internet torna-se assim uma arena capaz de potencializar a interação, comunicação e sociabilidade entre os usuários (MARTELETO, 2010). As redes sociais desencadearam para as bibliotecas um grande consumo de informação por seus usuários para esse tipo de formato, pelos quais funcionou também como instrumento de entretenimento e capacitação.

Essa foi a alternativa encontrada pelas bibliotecas para proteger seus usuários nas unidades de informação em não expor as pessoas ao risco de contaminação, visto que qualquer tipo de aglomeração caracteriza risco de transmissão. No entanto, requereu das bibliotecas um

planejamento para enfrentar os desafios impostos neste processo de modo que possibilitasse um diálogo entre os usuários e os bibliotecários, para que estes oferecessem recursos adequados aos usuários. A presença das bibliotecas foi reconfigurada de um espaço físico para o digital, o que pode ter alterado a percepção da sociedade a respeito da posição em que a biblioteca ocupa na mediação disseminação do conhecimento (ANJOS, 2020).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é embasado primeiramente em uma pesquisa bibliográfica que buscou compreender o estado da arte a respeito da atuação dos bibliotecários no período da pandemia de Covid-19 com o foco nas bibliotecas universitárias. Gil (2010) pontua aspectos importantes para desenvolver esse tipo de pesquisa, como a escolha e delimitação do tema e a identificação de fontes que serão utilizadas na pesquisa. Posto isso, nos delimitamos a pesquisar no âmbito das bibliotecas universitárias e utilizamos como principais fontes para a pesquisa o portal de periódicos da CAPES e a BRAPCI. Quanto aos objetivos, a pesquisa configura-se também como exploratória e descritiva à medida em que os pesquisadores buscaram expandir seus conhecimentos no campo estudado, para formular hipóteses e entender a complexidade da realidade (TRIVIÑOS, 1987).

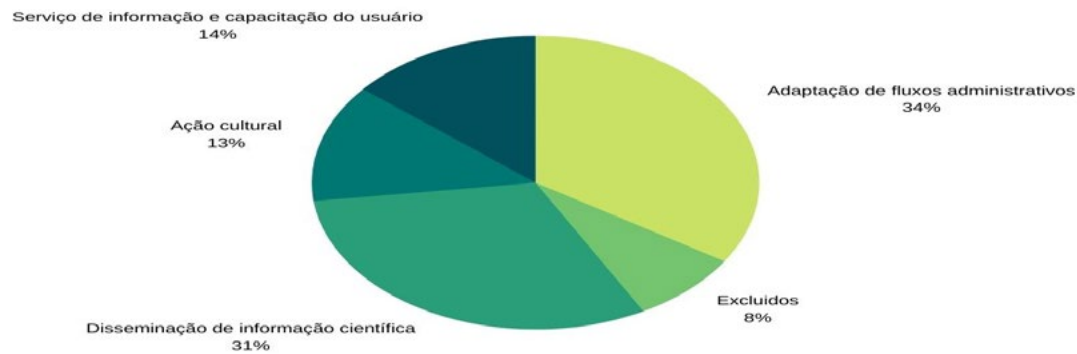
A partir de uma abordagem qualitativa foi realizada uma análise de conteúdo no *site* da Biblioteca Universitária. Foi analisado como desde março os bibliotecários da UFC vem atuando, desenvolvendo serviços e produtos de informação para sanar as necessidades informacionais dos usuários nesse período de pandemia. As notícias e postagens analisadas para este estudo serão relativas ao período de março de 2020 até março de 2021. O estudo primeiramente mapeou as notícias do *site* da BU-UFC para após isso criar categorias de análise e fazer uma discussão a partir das considerações da literatura científica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No recorte temporal de um ano entre março de 2020 e 2021 foram totalizadas 100 notícias no site da Biblioteca Universitária da UFC, sendo a primeira notícia datada em 16 de março e a última em 31 de março. As notícias encontradas no site foram categorizadas da seguinte forma: a) Adaptação dos fluxos administrativos, b) Serviço de informação e capacitação do usuário, c) Disseminação de informação científica e d) Ação cultural.

Dentre o *corpus* de notícias analisadas foram excluídas um total de oito notícias por não serem pertinentes aos objetivos deste estudo. Tais notícias relatavam sobre funcionamento do campus, manutenção de sistema, cargos comissionados, dentre outras que fogem ao escopo do estudo. No Gráfico 1, apresenta-se as percentagens de notícias referentes a cada categoria.

Gráfico 1 - Porcentagem das notícias



Fonte: Dados da pesquisa

Nas seções que se seguem são apresentadas detalhadamente as categorias supracitadas, com a atuação do BU-UFC a partir do extraído das notícias bem como sua relação com a atuação do bibliotecário no período de pandemia, como já explanado teoricamente

5.1 Adaptação dos fluxos administrativos

O mês de março de 2020 foi marcado pelas adaptações iniciais que foram operacionalizadas nos fluxos administrativos da biblioteca universitária para subsidiar uma nova forma de prestar atendimento aos usuários no contexto pandêmico. Durante o referido período os prazos para devoluções de materiais receberam uma prorrogação inicial de 15 dias. A notícia pontua que “como medida inicial para combater a disseminação do Coronavírus, no sentido de se evitar aglomeração, foi prorrogado o prazo de devolução de todas as obras emprestadas” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020a).

Como o período vivenciado é incerto, essa prorrogação inicial foi de 15 dias. Entretanto, a BU-UFC adotou a prática de prorrogar a devolução de materiais durante todo o ano de 2020 e o mesmo também aconteceu durante o ano de 2021. No período analisado foram identificadas 14 notícias que iam de encontro ao aviso de prorrogação da devolução de materiais. Essa medida tomada pela biblioteca é também percebida na literatura científica ao pontuar que o empréstimo e devoluções de materiais impressos são um dos desafios causados pela pandemia, seja pela falta de recursos para um empréstimo *Drive Thru* ou a escassez de recursos digitais para substituir os impressos (TANUS; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, 2020).

Outra medida desenvolvida foi a criação de um canal de comunicação via *Whatsapp*, para possibilitar a comunicação por outros meios. Tanus e Sanchez-Trragó (2020, p. 9) ponderam que “o uso do *Whatsapp* tem ganhado mais espaço institucionalmente, sobrepassando inclusive ao telefone - podendo se configurar como uma nova tendência de comunicação institucional”. Além disso, a biblioteca desenvolveu um serviço que permitisse o cadastro de novos usuários de forma remota - o que antes só era possível de forma presencial, foi pontua pela BU-UFC que “diante da situação de pandemia que estamos passando e visando o retorno de nossas atividades, criamos o serviço de cadastro *online* em nossas bibliotecas, o CadOnline” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020b).

A partir de julho de 2020, a BU-UFC preparou um plano de retomada para a reabertura segura, desse modo considerou as recomendações de instituições gabaritadas, como IFLA e FEBAB. O plano foi elaborado em Seção de Conservação e Restauração e pela Divisão de Coordenação de Bibliotecas, e dentre essas ações estavam o pagamento de multas por meio de boleto e o agendamento para a realização de empréstimos ou devoluções de materiais, de modo a evitar aglomeração e garantir o distanciamento social. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020c).

Outra medida adotada em agosto foi a abertura de salas individuais para que fossem realizadas apresentações de trabalhos de conclusão de cursos, como monografias, dissertações e teses. Sala *et al* (2020) fala a respeito do papel da biblioteca universitária e sua relação para a mediação e disseminação científica, nesse sentido, a biblioteca universitária remodela o seu papel ao auxiliar estudantes e professores com a disseminação de informação científica ao oferecer um espaço com recursos tecnológicos adequados. Ademais, em dezembro a BU-UFC também passou a reabrir os salões individuais para o estudo, medida esta que também é agendada como forma de garantir o distanciamento social entre os usuários (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020d).

Entretanto, a medida supracitada teve sua suspensão temporária em meados de fevereiro, devido ao aumento de casos de Covid-19 no estado do Ceará. Os serviços de empréstimos e devoluções de material, por sua vez, permaneceram em funcionamento, seguindo os protocolos de agendamento já estabelecidos, porém, com o horário de atendimento reduzido (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021a; 2021b).

Em decorrência a outro decreto de *lockdown* no estado, a BU-UFC teve que retroceder o seu planejamento de funcionamento e reabertura durante todo o período de março, o que impediu a realização de quaisquer processos presenciais como já vinham ocorrendo. Destaca-se ainda que a BU-UFC e sua equipe de profissionais também teve uma atuação em outros eixos que serão desenvolvidos nas seções seguintes.

5.2 Serviço de informação e capacitação do usuário

Um dos principais desafios que as bibliotecas enfrentam, segundo pesquisa de Tanus e Sánchez-Tarragó (2020) está relacionado à manutenção de serviços de informação de qualidade e aquisição de competências para ferramentas *online*. Foi identificado também mudanças vislumbradas nesse contexto, como maior diversidade de serviços virtuais e uso de aplicativos, uso de redes sociais para comunicação e interação com os usuários, uso de treinamentos e cursos virtuais para usuários (TANUS, SÁNCHEZ-TARRAGÓ, 2020).

Para oportunizar a continuação de serviços de informação para capacitação de usuários, uma das ferramentas gratuitas e que foi observado considerada utilização, inclusive na BU-UFC foi o *Google classroom*. “A proposta da ferramenta é que professores e alunos se conectem facilmente, dentro e fora da escola ou universidade” (LIMA; SANTOS; SANTOS, 2017, p. 1525). Logo, essa foi uma ferramenta simples e que conseguiu, no período de pandemia, possibilitar que bibliotecários continuassem a ofertar serviços, agora de modo *online*. Entretanto, é preciso destacar o apontado por Tanus e Sánchez-Tarragó (2020) no que diz respeito à necessidade de os bibliotecários procurarem se capacitar em para oferecer tais treinamentos *online*.

A BU-UFC ofereceu cursos diversificados promovidos por diferentes bibliotecas do sistema no *google classroom* e também no *google meet*, para treinamentos síncronos. Foram ofertados os seguintes cursos e capacitações: “A arte de falar em público” e “Plágio acadêmico”, pela Biblioteca do Campus de Quixadá (BCQ), duas turmas sobre citação em trabalhos acadêmicos, elaboração de referências, pesquisa em base de dados, treinamentos de normalização pela BCCP, além de minicursos sobre fonte de informação relacionados a áreas específicas do conhecimento pela BU-UFC.

Para além de minicursos houve também a realização de evento *online* organizados pela própria biblioteca universitária, a V Semana de Metodologia & Produção Científica (SMPC), evento que vem sido organizado pela BU-UFC desde 2016 teve sua primeira versão *online* em 2020, com transmissão no *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, no Canal Plurissaberes. O evento gravado continua disponível para acesso ao público no canal do *Youtube* (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020e).

5.3 Disseminação de informação científica

As TIC têm assumido um papel primordial no que diz respeito à disseminação da informação científica, o que possibilita uma ampliação de visibilidade para a informação, uma vez que esta passa do âmbito do acesso local e regional para o mundial, possibilitando uma maior discussão entre pesquisadores e cientistas (MORAES, 2012). O cenário pandêmico intensificou o uso das TIC para fins educacionais e científicos uma vez que as escolas, universidades e bibliotecas estavam quase todas fechadas, sobretudo nos primeiros meses.

Dessa maneira, há demanda já existente para recursos eletrônicos, como bibliotecas digitais, repositórios, bases de dados e afins foram intensificados por ser, naquele período, uma das possibilidades para acessar a informação científica. Moraes (2012) salienta que o mundo digital facilitou o acesso ao conhecimento científico, oportunizando assim outras formas de realizar e conhecer pesquisas. Assim sendo, umas das preocupações da BU-UFC está no tocante a disponibilização de recursos eletrônicos de qualidade para que a comunidade acadêmica tenha subsídios para dar continuidade com as produções científicas. Dentre as 31 notícias relativas a esta categoria, 19 (61,29%) são relativas aos recursos eletrônicos. O Quadro 2 apresenta a relação de recursos eletrônicos disponibilizados pela BU-UFC durante o período de pandemia, envolvendo plataformas educacionais, editoras, base de dados, bibliotecas digitais nas mais variadas áreas do conhecimento científico.

Quadro 2 - Recursos eletrônicos disponibilizados pela BU-UFC

Meses/Ano	Recursos eletrônicos disponibilizados
março, abril e maio de 2020	Pearson, ProQuest, Gale, Ebsco, Cengage, ClinicalKey, Bloomsbury, vLex, Karger,
junho, julho e agosto de 2020	Complete Anatomy, ExpertPATH & ImmunoQuery, STATdx, RADPrimer, InforMed, Focus Collection, Statista, PressReader,
setembro, outubro e novembro e dezembro de 2020	-
janeiro, fevereiro e março de 2021	SIAM

Fonte: elaborado pelos autores

Embora o contexto de pandemia seja um desafio para diversos profissionais, ter a possibilidade de alcançar a informação e transformá-la em conhecimento ainda é um dever. É nesse sentido que:

A Internet disponibilizou diferentes panoramas para o saber, melhorou o acesso e o tempo ao conhecimento, mudaram os modelos de relação entre autor e leitor, novas formas de ver o conteúdo. Ao mesmo tempo temos imagens, sons e links, abrindo um novo horizonte para o ser e para o saber (MORAES, 2012, p. 60).

Considerando os apontamentos de Moraes (2012) percebeu-se uma adequação da BU-UFC em também disseminar e produzir informação científica por meio de *lives* e *webinars* (ou

webconferências). Um ponto a se destacar está no sentido de que “com a crise causada pela pandemia do novo Coronavírus, houve uma explosão de eventos científicos realizados em ambientes virtuais, incluindo transmissões em redes sociais” (MENDES, 2021, p. 250). Neste tocante é importante o profissional bibliotecário compreender esses atuais ambientes onde há circulação da informação, para uma efetiva e consciente mediação e disseminação da informação.

Mendes (2021) verifica em uma pesquisa realizada com perfil variantes dentre graduandos, graduados, mestres, mestrandos e doutores que o uso de redes sociais aumentou durante a pandemia, com destaque ao *Youtube e Instagram*. Percebe-se que “as redes sociais na internet se tornaram espaços científicos de diálogo que inserem, nesse ecossistema, o pesquisador e sua apropriação não só do conhecimento do tema, mas suas relações dialógicas com especialistas e não especialistas (MENDES, 2021, p. 257).

Considerando o exposto relacionado às novas formas de produzir ciência envolvendo redes sociais, a BU-UFC divulgou cerca de 11 (35,48%) *webinars* ou *lives*, abordando temas envolvendo normalização de trabalhos acadêmicos, inclusão e acessibilidade, recuperação da informação e utilização de base de dados, organização de pesquisa. Além disso, houve também a divulgação de um dossiê temático produzido e publicado em periódico com autoria de bibliotecários e professores da instituição.

A partir da análise de conteúdo no site institucional da BU-UFC não se pode mensurar o impacto que a disseminação de tais informações científicas teve na comunidade acadêmica. Contudo, é possível afirmar e perceber o comprometimento existente relacionado à responsabilidade social e institucional da biblioteca universitária em relação a disponibilização de informação científica para os seus usuários.

5.4 Informação e mediação cultural

Baptista e Gonçalves (2018) pontuam que a biblioteca universitária não pode voltar sua atenção unicamente para fins acadêmicos, podendo essa também ter um papel cultural na organização de eventos, exposições, atividades artísticas, dentre outras possibilidades. E na medida em que o bibliotecário vem se modernizando, que este profissional assume novos papéis atuando com mediação da informação cultural e *marketing* em unidades de informação (BAPTISTA; GONÇALVES, 2018).

Nesse sentido, além da informação científica, a BU-UFC também teve um papel importante no tocante à disseminação e mediação da informação voltada à cultura. Uma dessas ações foi intitulada dicas culturais: arte e inclusão, projeto produzido pela Seção de Atendimento à Pessoa com Deficiência (SAPD). “O objetivo da ação é divulgar informações que possam contribuir para um maior conhecimento de questões importantes para o movimento de inclusão na comunidade acadêmica” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020f). Foram divulgados por meio das dicas culturais filmes, séries e livros que tratavam como eixo central a Pessoa com Deficiência. Além disso,

a SAPD também desenvolverá um projeto relacionando arte e inclusão em segmentos e áreas do conhecimento, tais como saúde e educação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020g).

Outra ação cultural é intitulada “Arte na Biblioteca” organizada pela Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP). Uma das ações do projeto foi a declamação de poesias por meio do projeto Lugar de Poesia. As ações ocorreram no *Instagram* da BCCP durante o mês de maio. Além disso, houve também o lançamento do programa “Bota a Tua”, “onde o público poderá acompanhar a conversa, interagir e conhecer o trabalho de poetas, músicos, empreendedores, artistas, ativistas e profissionais ligados às periferias, às questões sociais e aos direitos humanos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020h).

A BCCP ainda realizou um evento em alusão à semana nacional do livro e da biblioteca, oferecendo minicursos e *lives* como programação do evento, tanto no *Instagram* como no canal da biblioteca no *Youtube*. Ainda no tocante à semana nacional do livro e da biblioteca, a Biblioteca do Campus de Crateús (BCCR) também realizou um evento trazendo como temas plágio acadêmico e Currículo Lattes.

No tocante às homenagens, a BU-UFC por meio da Biblioteca do Instituto de Ciências do Mar Dr. Rui Simões de Menezes (BICM) realizou uma série de posts no *Instagram* voltado ao Dia Internacional da Mulher, homenageando servidoras da instituição. Ainda no mês de março, a BU-UFC também fez uma programação voltada ao “Dia do Bibliotecário”, com a temática “de onde viemos, para onde vamos e o que queremos?” o Canal Plurissaberes, da Biblioteca de Ciências Humanas (BCH) realizou aproximadamente 12 horas de programações voltadas ao bibliotecário e sua *praxis*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorrido mais de um ano desde o início da pandemia de Covid-19 o Brasil ainda se situa em um contexto incerto, com menos de 10% da população vacinada, mais de 400 mil vítimas do Coronavírus, número elevado de leitos e UTIs ocupadas em hospitais e com estados em situações críticas, em uma variação constante entre aderir ou não o *lockdown*.

É nesse contexto indeterminado que bibliotecários vem adquirindo novas competências e habilidades para conseguir continuar promovendo a mediação e disseminação de recursos informacionais em novos contextos, utilizando-se fortemente das tecnologias de informação e comunicação. As bibliotecas, por sua vez, têm garantido por meio de protocolos de biossegurança a viabilidade de manter, na medida do possível, suas portas abertas para à comunidade acadêmica na qual estas atendem, além de também solidificar a atuação de modo remoto subsidiado pelas TIC.

Esse cenário evidencia a necessidade de que cada vez mais a atuação do bibliotecário está

relacionada às tecnologias de informação e comunicação para que haja êxito na ação mediadora que a biblioteca faz com a comunidade na qual esta atende. Dar-se ênfase a Biblioteca Universitária que tem um papel significativo para a mediação, gestão e disseminação de informação científica e que contribui diretamente com a produção científica e intelectual.

Dessa maneira, o presente estudo fomenta contribuições para que se possa compreender como está ocorrendo a atuação da biblioteca universitária da Universidade Federal do Ceará, evidenciando alguns pontos já existentes e que foram adaptados nesse período, assim como novas práticas em emergência.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Anabela. As Bibliotecas públicas face à pandemia da COVID-19. **Postal**, 2020. Disponível em: <https://postal.pt/opiniao/2020-09-09-As-Bibliotecas-publicas-face-a-pandemia-da-COVID-19>. Acesso em: 16. maio 2021.
- BAPTISTA, Michele Marques; GONÇALVES, Márcia Servi. Ações e atividades culturais em bibliotecas universitárias: a busca por espaços mais atrativos aos usuários na biblioteca central da universidade de Caxias do Sul. **Revista ACB**, v. 23, n. 3, p. 542-554, 2018.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Liderança & formação e desenvolvimento de equipes**. São Paulo: SP, SIBi, 2002. Apostila.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- HUBNER, Marcos Leandro Freitas; KUHN, Ana Carolina Araujo. Bibliotecas Universitárias como espaço de aprendizagem. **Biblos** v. 31, n. 1, 51-72, 2017.
- LIMA, Juliana Soares; SANTOS, Izabel Lima dos; SANTOS, Francisco Edwander Pires. Google classroom como ferramenta para treinamentos a distância: um relato de experiência em bibliotecas universitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1511-1535, 2017.
- MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesq. bras. ci. inf.**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, 2010.
- MENDES, Suênia Oliveira. Lives, postagens, curtidas, webinários: que ciência é essa?. In: BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; FURTADO, Cassia; PERCEGUEIRO, Cláudia Maria de Abreu (Orgs). **Leitura e escrita no mundo digital: desafios e oportunidades para alunos e professores**. São Luís: EDUFMA, 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Covid-19 no Brasil. **Ministério da Saúde**, 2021. Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/Covid-19_html/Covid-19_html.html. Acesso em: 20 abr. 2021.

MORAES, Maria Helena Machado de. As tecnologias de informação e comunicação contribuindo para a disseminação da produção científica. **BIBLOS**, v. 26, n. 1, p. 57-64, 2012.

SALA, Fabiana *et al.* Bibliotecas universitárias em um cenário de crise: mediação da informação nas redes sociais durante a pandemia de Covid-19. **Informação em Pauta**, v. 5, n. 1, p. 10-32, 2020.

SANTOS, João Carlos Gardini. O procedimento de reabertura das bibliotecas após a quarentena: uma compilação das medidas de prevenção contra o novo corona-vírus (SARS-CoV-2). **Múltiplos olhares em Ciência da informação**, v. 10, p. 1-13, 2020.

SILVA, Maria de Lourdes Gomes. **O trabalho do bibliotecário em tempos de pandemia**: desafios e perspectivas. 2020. 43 f. Monografia - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS (SNBP). Recomendações técnicas COVID-19. **SNBP**, 2020. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/recomendacoes-tecnicas-Covid-19/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOPHIA. O papel da biblioteca escolar no cenário da pandemia. **Sophia**, 2020. Disponível em: <https://www.sophia.com.br/blog/o-papel-da-biblioteca-escolar-no-cenario-da-pandemia>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SPUDEIT, Daniela. Gestão de projetos em unidades de informação. *In*: SPUDEIT, Daniela; KROEFF, Márcia Silveira (org). **Gestão de Unidades de Informação**. São Paulo: FEBAB, 2017.

TANUS, Gabrielle Francinne de S.C.; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Atuação e desafios das bibliotecas universitárias brasileiras durante a pandemia de Covid-19. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 31, n. 3, 2020.

TEOTÔNIO, Mara Karoline Lins. Bibliotecário 2.0: novos desafios na era da sociedade em rede. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 34-49, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Prorrogação do prazo de devolução no Sistema de Bibliotecas. **Biblioteca Universitária**, 2020a. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/prorrogacao-das-devolucoes-no-sistema-de-bibliotecas-da-ufc/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. CadOnline: faça seu cadastro na biblioteca sem sair de casa. **Biblioteca Universitária**, 2020b. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/cadonline-faca-seu-cadastro-na-biblioteca-sem-sair-de-casa/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Plano de retomada das atividades presenciais do Sistema de Bibliotecas da UFC. **Biblioteca Universitária**, 2020c. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/plano-de-retomada-das-atividades-presenciais-do-sistema-de-bibliotecas-da-ufc/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária informa sobre abertura dos salões de estudo individual. **Biblioteca Universitária**, 2020d. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/biblioteca-universitaria-informa-sobre-abertura-dos-saloes-de-estudo-individual/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. V Semana de Metodologia & Produção Científica. **Biblioteca Universitária**, 2020e. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/v-semana-de-metodologia-producao-cientifica/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Dicas culturais: arte e inclusão. **Biblioteca Universitária**, 2020f. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/dicas-culturais-arte-e-inclusao/>. Acesso em: 12 maio 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Seção de Atendimento a Pessoas com Deficiência realiza seleção para Bolsa Arte 2021. **Biblioteca Universitária**, 2020g. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/secao-de-atendimento-a-pessoas-com-deficiencia-realiza-selecao-para-bolsa-arte-2021/>. Acesso em: 12 mai. 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Arte na Biblioteca lança o programa Bota a Tua. **Biblioteca Universitária**, 2020h. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/arte-na-biblioteca-lanca-o-programa-bota-a-tua/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária informa sobre abertura dos salões de estudo individual. **Biblioteca Universitária**, 2021a. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/fechamento-de-saloes-de-estudo-e-laboratorios/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Atualizações sobre funcionamento das bibliotecas. **Biblioteca Universitária**, 2021b. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/atualizacoes-sobre-funcionamento-das-bibliotecas/>. Acesso em: 5 mai. 2021.

Recebido/ Received: 18/05/2021
Aceito/ Accepted: 28/07/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)

**BIBLIOTECA SNICKET: ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA REPRESENTADOS NA OBRA
“DESVENTURAS EM SÉRIE”**

SNICKET LIBRARY: ELEMENTS OF THE LIBRARY SCIENCE REPRESENTED IN THE WORK “A SERIES OF UNFORTUNATE EVENTS”

Niliane Cunha de Aguiar

Docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (DCI/UFS). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2198-7882>. E-mail: nilianeaguiar@academico.ufs.br

Valfran Nascimento Souza

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bibliotecário da Faculdade São Luís de França. Orcid: - <https://orcid.org/0000-0001-8254-9782> E-mail: valfransouza182@gmail.com

RESUMO

Considerando a literatura infantojuvenil um ponto de início na formação de um leitor, o presente trabalho tem como objetivo geral: apresentar na obra seriada “Desventuras em Série” os elementos sobre biblioteconomia que existem dentro da narrativa. A pesquisa apresentada possui aspecto qualitativo, é exploratória e bibliográfica e utiliza a análise de conteúdo para o tratamento dos dados. Como resultado constatou-se que a obra “Desventuras em Série” possui várias passagens onde os elementos, livro, biblioteca e bibliotecário são representados, podendo a obra ser utilizada como parâmetro incentivador para que jovens leitores conheçam a área da biblioteconomia.

Palavras-chave: biblioteconomia; literatura infantojuvenil; Lemony Snicket; Desventuras em Série.

ABSTRACT

Considering children’s literature as a starting point in the development of a reader, the present work has as general objective: to present in the serial work “A Series of Unfortunate Events” the elements about library science that exist within the narrative. The research presented has a qualitative aspect, is exploratory and bibliographical and uses content analysis for data processing. As a result, it was found that the work “A Series of Unfortunate Events” has several passages where the elements, book, library and librarian are represented, and the work can be used as an encouraging parameter for young readers to get to know the area of library science.

Keywords: Librarianship; Children’s literature; Lemony Snicket; A Series of Unfortunate Events.

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978).

A literatura pode ser utilizada para nos dar informações de uma maneira mais leve e fácil de compreender, muitas vezes até mesmo de se lembrar. A literatura infantil e infanto-juvenil, por sua vez têm o intuito de entreter, ensinar e tornar os jovens promissores leitores. A biblioteca geralmente é retratada na literatura como um lugar sagrado e os livros como objetos de puro conhecimento para o encontro de qualquer informação. “A literatura infantil e infantojuvenil é, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura, cuja compreensão, consideramos a substância mais apurada do processo de leitura” (FLECK, 2007, p. 13).

Através desta premissa, este trabalho pretende, por meio de análise de narrativa, identificar elementos da biblioteconomia: livro, biblioteca e bibliotecário que são apresentados nos treze livros que compõem a obra seriada “Desventuras em Série” de Daniel Handler, escrita sob o pseudônimo, Lemony Snicket e com ilustrações do americano Brett Helquist.

Apesar de ser uma obra de literatura infantojuvenil a linguagem utilizada pode não ser tão simples, e como os personagens são crianças o autor utiliza-se do recurso de explicação de tais termos ao longo dos diálogos. Além da linguagem incomum para o público alvo, a obra também possui inúmeras referências e alusões tanto ao mundo literário como a personagens históricos, que possivelmente serão mais bem compreendidas pelo público adulto.

Tais alusões e referências ao mundo da literatura se dão através de nomes de personagens, locais que fazem parte da ambientação de toda obra e elementos que aparecem ao decorrer da narrativa.

Por ser uma obra infantojuvenil, “Desventuras em série” aborda a temática analisada de forma menos complexa e com uma escrita adequada à idade dos leitores que pretende alcançar, ou seja, é possível encontrar os elementos da biblioteconomia apresentados de maneira didática e talvez até mesmo fantasiosa.

Contudo, a importância do tema deve-se ao fato de apresentar os elementos da biblioteconomia sob a perspectiva da literatura infantojuvenil, mostrando a importância desses elementos na trajetória dos personagens e assim pode fazer com que os leitores percebam essa mesma importância no seu cotidiano e tenham conhecimento sobre aspectos da área de biblioteconomia.

Estudar os elementos da biblioteconomia, sob uma diferente perspectiva, isto é, na literatura infantojuvenil, permite a difusão e a análise de uma imagem que vai além da apresentada na literatura especializada, que é normalmente objeto de estudo nos cursos de biblioteconomia.

2 METODOLOGIA

O trabalho tem como objetivo geral apresentar, na obra seriada “Desventuras em Série”, a representação da informação, a importância da leitura e os elementos da biblioteconomia dentro da narrativa. Como objetivos específicos buscou-se descobrir quais são os elementos da biblioteconomia que aparecem na obra seriada, identificar as passagens onde os elementos analisados são retratados e seu contexto e verificar a possibilidade de utilização da série pelos bibliotecários como forma de incentivo à leitura e disseminação do conhecimento sobre a área de biblioteconomia.

A presente pesquisa é motivada pela seguinte pergunta norteadora: A obra Desventuras em Série apresenta elementos relacionados aos aspectos da Biblioteconomia e seus objetos de estudo que possam ser analisados e utilizados como divulgação da área de biblioteconomia?

A pesquisa apresentada possui aspecto qualitativo quanto a sua abordagem, em consonância com o pensamento de Goldenberg quando afirma que:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1997, p. 16-17).

Neste sentido, é importante ressaltar que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

O presente estudo é também considerado como uma pesquisa exploratória, pois se constitui como:

[...] a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema é escolhido é bastante genérico, tornando-se necessário seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão de literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2009, p. 27).

Possui como procedimento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica que pode ser descrita da seguinte maneira:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

E para alcançar os objetivos propostos, o estudo utiliza a análise de conteúdo para tratamento dos dados. De modo geral Bardin (2011, p. 48), define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Minayo (2010) salienta que existem vários tipos de análise de conteúdo, sendo algumas: análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação. A análise de relações por sua vez possui duas principais modalidades, a de co-ocorrência e a estrutural, sendo que a análise de co-ocorrências a técnica a ser utilizada para chegar aos resultados desta pesquisa.

A análise de co-ocorrências procura extrair de um texto as relações entre as partes de uma mensagem e assinala a presença simultânea (co-ocorrência) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto. Por exemplo, no estudo do discurso de uma doente mental, o analista observa que cada vez que ela define sua situação, a doença aparece vinculada à situação financeira (MINAYO, 2010, p. 310).

A análise de conteúdo, realizada através da análise de relações de co-ocorrências, permitiu, portanto, fazer a conexão entre a obra e os elementos a serem destacados dentro do estudo da biblioteconomia e possivelmente a formação do leitor tendo o bibliotecário como agente.

Alguns procedimentos para a análise das co-ocorrências foram seguidos, e eles são propostos por Osgood (1959¹, *apud* MINAYO, 2010): (a) escolha da unidade de registro (essa pode ser uma palavra-chave ou expressão) e sua categorização a que diz respeito; (b) escolha das unidades de

1 OSGOOD, C. E. The Representation Model and Relevant Reserch Method. **Trends in Content Analysis**. Urbana: University of Illinois Press, 1959.

contexto (podem ser, por exemplo, parágrafos ou até um texto inteiro) e o seu recorte em fragmentos; (c) busca da presença ou ausência de cada unidade de registro nas unidades de contexto; (d) cálculo de co-ocorrências; (e) representação e interpretação de resultados.

As unidades de registro utilizadas foram **biblioteca, bibliotecário e livro**. Em algumas unidades de contexto não foram encontradas a unidade de registro, porém a mesma quando presente de forma implícita também foi identificada.

Assim, a obra seriada *Desventuras em Série* é a principal fonte de informação utilizada na pesquisa, de onde serão retirados os fragmentos que estejam relacionados com os elementos de estudo da Biblioteconomia, essa análise se deu a partir da ligação dos trechos com as definições dadas sob determinado tema, por autores que sejam referência.

3 A OBRA DESVENTURA EM SÉRIE

Desventuras em Série é uma série de treze livros voltados para o público infantojuvenil escrito por Daniel Handler através do heterônimo Lemony Snicket, que além de autor/narrador é um personagem indireto da trama. O autor decidiu escrever uma história infantil quando estava tentando lançar o seu primeiro romance, *"The Basic Eight"*, que foi recusado pela editora *HarperCollins* pois estava buscando uma história para o público infantil, e desafiaram o autor a escrever algo que ele pudesse ter lido quando tivesse 10 anos.

Daniel Handler é um autor, músico e jornalista norte americano nascido em 28 de fevereiro de 1970, na cidade de São Francisco na Califórnia. Desde a infância o escritor se mostrou um leitor voraz e tem William Keepers Maxwell Jr. como autor favorito. Handler, formou-se em 1992 pela Universidade de Wesleyan, e no mesmo ano ganhou o *Connecticut Student PoetPrize*. Casado com a artista gráfica Lisa Brown, a qual conheceu na época da faculdade, Handler tem um filho e atualmente reside em uma antiga casa vitoriana na sua cidade natal, São Francisco.

Após se formar o autor voltou para sua cidade natal e trabalhou como assistente administrativo e escritor em um programa de rádio local. Nesse meio tempo Handler escreveu um livro antes de se mudar para a cidade de Nova York, onde começou a trabalhar como revisor de filmes e lendo manuscritos para um agente literário.

Além de escrever Handler esteve em duas bandas depois da faculdade, *The Edith Head Trio* e *Tzamboni*, porém somente em *"69 Love Songs"* um conjunto de três álbuns da banda *The Magnetic Fields* que a sua música chamou atenção. Ele tocou acordeão em diversas faixas de *69 Love Songs*. Após participar dos álbuns de algumas bandas com o som do seu acordeão, a banda *The Gothic Archies* lançou um álbum com treze músicas dos treze audiolivros de *Desventuras em Série* em 2006.

Daniel Handler possui vários livros publicados, inúmeros exemplares vendidos e várias traduções ao redor do mundo. Além de escrever obras e publicá-las com o seu nome na autoria ele também criou um heterônimo, Lemony Snicket, sob o qual são publicados os seus livros infantojuvenis.

Lemony Snicket é um personagem complexo e aparece a primeira vez na publicação seriada “*A Series Of Unfortunate Events*” (Desventuras em Série no Brasil, e mesmo após o fim das narrativas da saga, Snicket continua suas aventuras em mais uma série, “*All The Wrong Questions*” publicada no Brasil sob o título “Só Perguntas Erradas”, e outras publicações não seriadas.

Antes de conseguir que a publicação do seu primeiro livro “*The Basic Eight*” ocorresse em 1998, seu manuscrito foi rejeitado 37 vezes pelas mais diversas editoras. O autor possui 8 obras publicadas sob o seu nome real, incluindo *The Basic Eight*, e apenas um possui publicação no Brasil: *The Basic Eight* (1998); *Watch Your Mouth* (2000); *Adverbs* (2006); *Why We Brooke Up* (2011), publicado no Brasil como “Por Isso A Gente Acabou” em 2012; *We Are Pirates* (2015) e *All The Dirty Parts* (2017).

Lemony Snicket por sua vez possui 33 obras publicadas até o momento. As publicações seriadas *A Serie Of Unfortunate Events* (“Desventuras em Série” no Brasil) que possui 13 volumes publicados entre 1999 e 2006, e a série *All the Wrong Questions* (“Só Perguntas Erradas”, título nacional) que possui 5 volumes e foram publicadas entre 2011 e 2015, são complementares sendo a última um *prequel* da primeira obra.

Outras obras não seriadas escritas por Snicket são: *13 Words* (13 Palavras), 2010; *The Baby in the Manger*, 2002; *The Composer is Dead* (O compositor está morto), 2009;

Horseradish: Bitter Truths You Can't Avoid (Raiz-Forte – Verdades amargas que você não deveria evitar), 2007; *The Latke Who Couldn't Screaming* (O Latke Que não Parava de Gritar), 2007; *The Lump of Coal* (2004); *New American Haggadah* e *The Dark* (O Escuro).

No Brasil as obras do autor possuem os direitos de publicação comprados pela editora Companhia das Letras.

A coleção “Desventuras em série” retrata a jornada dos jovens Baudelaire, Violet, Klaus e Sunny, a partir do momento onde eles se tornam órfãos e toda desventura se tem início. Os três jovens possuem habilidades distintas, Violet que tem quatorze anos é uma grande inventora e cria apetrechos que facilitem suas tarefas diárias, Klaus com seus doze anos é um leitor voraz e também têm uma ótima memória, pois consegue guardar a maior parte das informações e acredita que elas sempre podem ser necessárias no futuro, e Sunny, a caçula de apenas três anos, tende a cravar seus quatro dentes afiados em tudo que acha suficientemente mordível. A coleção é dividida em treze livros que são:

1. Mau começo;
2. A sala dos répteis;

3. O lago das sanguessugas;
4. Serraria baixo-astral;
5. Inferno no colégio interno;
6. O elevado ersatz;
7. A cidade sinistra dos corvos;
8. O hospital hostil;
9. O espetáculo carnívoro;
10. O escorregador de gelo;
11. A gruta Gorgônea;
12. O penúltimo perigo e
13. O fim.

Cada uma das obras é de certa forma independente e conta uma parte da vida dos irmãos na tentativa de fugir do vilão Conde Olaf, o qual pretende a qualquer custo roubar a fortuna dos gêmeos, e descobrir qual o segredo da sigla C.S.C., uma organização que está ligada diretamente a vida dos seus pais e que trabalha com algo muito perigoso, o que provavelmente causou a morte deles.

Inicialmente todas as obras possuem um “*Ex-Líbris*” na sua primeira página após a capa, para que o dono da obra possa determinar a sua posse, em cada volume da série a *Ex-Líbris* possui a sua ilustração modificada e revelam um pouco do enredo que será encontrado, pode-se ver apresentado nesta pesquisa por meio da Figura 1.

Figura 1 - Ex-Líbris do livro 1 da série, Mau começo.



Fonte: Mau começo (Snicket, 2001).

As diferenças nas ilustrações podem ser mínimas entre uma e outra, e sendo repetidas apenas no primeiro, no segundo e no último livro. Onde temos os jovens Baudelaire e o Conde Olaf representados sem nenhum tipo de disfarce.

Além das ilustrações após a capa do livro o autor escreve uma carta para o leitor na contracapa de todas as obras, essas cartas têm o intuito de fazer com que o leitor desista de prosseguir com a leitura da, como ele mesmo diz, “infeliz história de três crianças muito sem sorte”. Por ser uma obra seriada composta por treze livros se torna inviável transcrever todas as cartas no presente artigo, sendo assim, segue apenas uma síntese da carta apresentada na primeira obra da série, o livro “Mau começo”.

Caro Leitor,

Sinto muito dizer que o livro que você tem em mãos é bastante desagradável. Conta a infeliz história de três crianças muito sem sorte. Apesar de encantadores e inteligentes, os irmãos Baudelaire levam uma vida esmagada por aflições e infortúnios. Logo no primeiro capítulo as crianças estão na praia e recebem uma trágica notícia. A infelicidade segue os seus passos, como se eles fossem imãs que atraíssem desgraças.

Neste pequeno volume, os três jovens têm que lidar com um repulsivo vilão dominado pela cobiça, com roupas que pinicam o corpo, um incêndio calamitoso, um plano para roubar uma fortuna deles e mingau frio servido como café da manhã.

É meu triste dever pôr no papel essas histórias lamentáveis. Mas não há nada que o impeça de largar o livro imediatamente e sair para outra leitura sobre essas coisas alegres, se é isso que você prefere.

Respeitosamente,

Lemony Snicket (SNICKET, 2001).

4 ANÁLISE DA OBRA “DESVENTURAS EM SÉRIE”

Esse capítulo apresenta a análise das unidades de registro encontradas durante a narrativa dos treze livros que compõe a coleção “Desventuras em Série”. A obra possui muito mais unidades de contexto do que as apresentadas aqui, porém foram selecionadas 41 unidades de contexto para representar de forma geral os elementos da biblioteconomia presente em toda obra. As unidades de registro selecionadas durante toda a narrativa da coleção aparecem na Tabela 1, com a quantidade de vezes que cada unidade de registro aparece em cada volume que compõe a série:

Tabela 1 – Quantidade de unidades de registro na série

Volume/ Unidade de registro	Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3	Vol. 4	Vol. 5	Vol. 6	Vol. 7	Vol. 8	Vol. 9	Vol. 10	Vol. 11	Vol. 12	Vol. 13	Total
Biblioteca	32	10	23	29	20	22	30	63	33	34	19	41	48	404
Bibliotecário	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	15	1	19
Livro	92	37	49	66	32	34	57	26	14	69	89	90	146	801

Fonte: Dados da pesquisa, (AGUIAR; SOUZA, 2018).

Diante do grande número de identificações obtidas nos resultados, serão destacados neste estudo apenas 3 exemplos de cada unidade de registro.

4.1 Biblioteca

Não é possível determinar quando e onde se deu o surgimento das bibliotecas, “A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem” (MILANESI, 1983, p. 16).

Fonseca (2007) diz que formação da palavra biblioteca vem do grego *bibliothéke*, através do latim *bibliotheca*, tendo como raiz *biblíon* e *théke*, a primeira significa livro e a segunda (*théke*) por sua vez é qualquer estrutura que forma um invólucro protetor: cofre, estojo, caixa, estante, edifício. De certa forma esse conceito literal da palavra biblioteca se perpetuou por muito tempo dentro do imaginário de muitas pessoas que enxergavam as bibliotecas como locais inatingíveis.

Ainda sobre a conceituação da biblioteca, Fonseca (2007, p. 50) nos dá um novo conceito sobre a biblioteca atual:

O conceito que venho propondo é o de biblioteca menos como “coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados” do que como *assembleia de usuários de informação*. Consequentemente, compete ao bibliotecário não mais classificar e catalogar livros – operações realizadas por um serviço central e cooperativo devidamente computadorizado – e sim orientar os usuários, fornecendo-lhes a informação que seja do interesse de cada um.

As bibliotecas atualmente perderam então o “*status* de guardiões” e se tornaram unidades de informação, onde qualquer pessoa pode ir e buscar informações que sejam necessárias para seu uso em determinadas situações.

A biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela, obtemos respostas às nossas mais diversas indagações. O lugar de destaque que ela ocupa no mundo

atual decorre da importância que a informação tem para cada sociedade. Assim, a biblioteca participa do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p. 42).

O avanço das tecnologias e desenvolvimento da informática trouxe desafios a serem enfrentados pelas bibliotecas, pois devido a toda facilidade de acesso a informação dentro da sociedade atual o número de usuários dentro dessas unidades vem diminuindo, e a inovação e a forma com que os serviços são prestados tendem a ser alternativas para que as bibliotecas continuem a ser frequentadas.

A biblioteca e a Ciência da Informação lidam, mais comumente, com a classificação dos conhecimentos que estão registrados nos mais diversos suportes. Assim, nas Bibliotecas e Unidades de Informação, os documentos são classificados e agrupados conforme os assuntos de que tratam. Para esta tarefa específica existem sistemas de classificação bibliográfica que visem à organização de documentos, com o intuito de facilitar o acesso dos usuários à informação contida em seus respectivos acervos (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p.40).

4.1.1 Biblioteca na obra Desventuras em Série

O Quadro 1 apresenta as unidades de contexto selecionadas onde a unidade de registro biblioteca é o elemento principal.

Quadro 1 – Unidade de registro biblioteca

O Hotel Desenlace é organizado de acordo com o Sistema Decimal de Dewey. [...] É o mesmo modo de organização de muitas bibliotecas. Por exemplo, se vocês quisessem encontrar um livro sobre poesia alemã começariam na seção da biblioteca marcada com o número 800, que contém livros sobre literatura e retórica. De modo similar, o oitavo andar desse hotel é reservado aos nossos hóspedes retóricos. Dentro da seção 800 de uma biblioteca, vocês encontrariam livros sobre poesia alemã rotulados com o número 831, e se tomassem o elevador e entrassem no quarto 831, encontrariam uma reunião de poetas alemães (SNICKET, 2006a, p. 62).

A biblioteca não era quadrada e nem retangular, como a maioria das salas, mas curva, num formato oval. Uma das paredes dessa sala oval estava dedicada a livros – fileiras e fileiras e fileiras deles, e não havia um só que não fosse de gramática. Havia uma enciclopédia de substantivos colocada numa série de estantes simples de madeira, curvas para se amoldar à parede. Havia volumes muito grossos sobre a história dos verbos, alinhados numa estante metálica que brilhava de tão bem polida. E havia estantes envidraçadas que continham manuais de adjetivos dispostos como se estivessem à venda na vitrine de uma loja e não na casa de alguém. No meio da sala achavam-se poltronas de aparência muito confortável, cada qual com seu respectivo pufe, de modo a permitir que a pessoa esticasse as pernas enquanto lia (SNICKET, 2001c, p. 33).

As bibliotecas sempre tinham esse efeito de fazê-los se sentir melhor, fosse a biblioteca do tio Monty com livros sobre répteis, ou a da tia Josephine com livros de gramática, ou a da juíza Strauss com livros jurídicos, ou, e sobretudo, a biblioteca dos seus pais com toda a sorte de livros – hoje todos queimados, desgraçadamente (SNICKET, 2002a, p.57).

Fonte: Dados da pesquisa (AGUIAR; SOUZA, 2018).

A biblioteca pode ter uma variedade de tamanhos, pode ser de vários tipos e oferecer os mais variados serviços aos seus usuários, durante a narrativa nos deparamos com essas informações nos trechos destacados.

Araújo e Oliveira (2005) dizem que a biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela, obtemos respostas às nossas indagações. E durante toda a narrativa nos deparamos com momentos onde os personagens utilizam das informações encontradas nessas unidades para absorverem conhecimento e fazerem uso de forma adequada. “Em todos esses perigos que encontraram, e nos incontáveis outros perigos além desses eles sempre acharam uma biblioteca de um tipo ou de outro, onde conseguiram descobrir as informações necessárias para salvar a pele [...]” (SNICKET, 2006a, p. 70).

A organização de uma biblioteca e seu sistema de classificação é um ponto abordado durante o desenvolvimento da narrativa, principalmente no décimo primeiro livro, O Hotel Desenlace, onde temos todo livro com elementos representativos da Classificação Decimal de Dewey (CDD).

O sistema de classificação utilizado pelas bibliotecas tem como finalidade identificar o livro na estante e facilitar o acesso aos assuntos. Isso ocorre por meio da organização do universo do conhecimento em uma ordem sistemática. Dessa forma, o material do acervo é agrupado pelo assunto que trata. Cada tema é representado por um símbolo correspondente presente nas etiquetas das lombadas dos livros (MORO; ESTABEL, 2014, p. 27).

Além do trecho da unidade de contexto destacada no quadro 1, que menciona a CDD, o autor ainda destaca: “[...] não é necessário, é claro, memorizar o Sistema Decimal de Dewey a fim de usar uma biblioteca, por que a maioria das bibliotecas possui catálogos, nos quais todos os livros estão listados em fichas ou em telas de computador para torná-los mais fáceis de encontrar.” (SNICKET, 2006a, p. 62). Demonstra também a necessidade da organização e da importância dos catálogos dentro de uma biblioteca, pois eles são instrumentos de pesquisa que facilitam imensamente a recuperação da informação pelos usuários da unidade.

4.2 Bibliotecário

Mesmo sem termos uma definição exata para o surgimento das bibliotecas pode-se dizer que com o seu surgimento apareceu um novo profissional, o bibliotecário. Pode-se não ter surgido com essa denominação atual, porém esse profissional tende a estar na biblioteca partindo do princípio de que o bibliotecário pode ser definido, segundo Fonseca (2007), como “A pessoa que exerce uma atividade em biblioteca”.

No Brasil o Ministério do Trabalho e Emprego, segundo a sua classificação, dá o título de profissional da informação a bibliotecários, documentalistas e analistas de informação e descreve as características da ocupação como:

Disponibilizam informações em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2002, n.p).

Deste modo, a atuação do profissional da informação tem sido alvo de vários estudos. No que diz respeito à legislação da área de Biblioteconomia, a Lei nº 4.084 de 30 de junho de 1962, que regula o exercício profissional do bibliotecário. Apesar do avanço das tecnologias, o bibliotecário continua assumindo o papel de intermediador entre a informação e o usuário, tornando assim imprescindível a atuação deste profissional, no processo de tratamento e busca da informação, em todos os meios, seja ele convencional ou virtual.

Por ter a informação esse poder também educativo, o bibliotecário que tem como principal instrumento de trabalho a própria informação, tende a ser um incentivador de leitores nato.

Tendo em vista que o bibliotecário trabalha com um dos mais poderosos instrumentos de desenvolvimento das potencialidades humanas, que é a informação, é pertinente que ele se volte para desempenhar a sua função social como um agente democratizador da informação, por meio da sua ação mediadora da informação com a sociedade. Agindo como um educador liberal contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 94).

O bibliotecário por ser, como já foi dito, um profissional que trabalha diretamente com informação possui habilidades que podem facilitar o seu papel na mediação da leitura, claramente que a sua formação deve ser direcionada para tal feito, porém é inegável a sua predileção para desempenhar tal papel.

O bibliotecário como mediador de leitura tem plena consciência do seu papel, que é incentivar a leitura, facilitando a relação ente o leitor e o texto. Mas para tanto, este mediador precisa ter uma formação continuada, para estar atento às multiplicidades culturais e preparado para lidar com a variância de contextos sociais que mescla cada leitor, sem preconceitos e elitização (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 95).

4.2.1 Bibliotecário na obra Desventura em série

O Quadro 2, a seguir apresenta as unidades de contexto selecionadas onde a unidade de registro bibliotecário é o elemento principal.

Quadro 2 – Unidade de registro bibliotecário

“Você é mais que um voluntário”, disse Violet. “Você é um bibliotecário.” “Sou mais um sub-sub-bibliotecário”, disse Dewey modestamente. “É assim que os seus pais costumavam me chamar, pois o meu trabalho de bibliotecário foi em grande parte clandestino e subterrâneo. Todos os vilões do mundo gostariam de destruir essas evidências, portanto foi necessário ocultar a obra da minha vida” (SNICKET, 2006a, p. 90).

Talvez possamos simplesmente pedir a ele que a encontre para nós”, disse Violet. “Se esta fosse uma biblioteca comum, pediríamos ajuda à bibliotecária. Em uma Biblioteca de Registros, talvez devêssemos pedir a Hal” (SNICKET, 2004a, p. 48).

De todas as palavras da língua inglesa, em que foi originalmente escrito este livro, a palavra “set” é a que tem o maior número de definições, e se você abrir um bom dicionário e ler o extenso verbete começará a achar que “set” nem chega a ser uma palavra, mas apenas um som que significa coisas diferentes, dependendo de quem diz. Por exemplo, se uma banda de músicos de jazz fala “set”, eles devem estar se referindo às músicas que pretendem tocar naquela noite, contanto que o clube onde tocam não tenha sido incendiado. Se um proprietário de restaurante usa a palavra “set”, deve estar se referindo a um conjunto de taças de vinho idênticas ou a um grupo de garçonetes com a mesma aparência. Um bibliotecário chamaria de “set” uma coleção de livros do mesmo autor ou sobre o mesmo assunto (SNICKET, 2004c, p. 182).

Fonte: Dados da pesquisa (AGUIAR; SOUZA, 2018).

Durante toda narrativa somos apresentados a personagens que fazem parte de uma sociedade que movimenta toda trama, e de uma forma implícita o autor nos dá a imaginar que em sua maioria são bibliotecários, mas como o intuito desta pesquisa não é fazer análises implícitas e sim recuperar as unidades explícitas das passagens onde os elementos da biblioteconomia se tornam presentes, destacam-se as três unidades de contexto apresentadas no quadro 2.

Pode-se dizer também que o autor pode estar se referindo ao que conhecemos como bibliotecário de referência que se responsabiliza em auxiliar o usuário em sua pesquisa, o direcionando e orientando por contato direto ou por outros meios. E essa ajuda pela busca da informação é o que nos é apresentado pelo autor.

4.3 Livro

O livro é utilizado até hoje como um dos principais suportes de informação, apesar do desenvolvimento tecnológico e a criação de outros suportes de informação, o livro e a informação impressa predominam na preferência e utilização da recuperação da informação. Outros suportes desenvolvidos são de certa forma mais práticos e nos dão acesso às informações de forma mais rápida e em qualquer lugar, sem a necessidade de busca em fontes impressas.

A história desse suporte da informação até o formato que conhecemos hoje começa com a criação da escrita, porém Fonseca (2007, p. 21) diz “que tanto em línguas neolatinas como nas anglo-saxônicas a etimologia da palavra livro indica o material com que se fabricava o papel na antiguidade, isto é, a entrecasca de certos vegetais que, transformam em pasta, adquire a forma laminada”.

Se utilizarmos essa forma de disposição do material podemos definir o surgimento do livro no século I d.C. onde o códice surge como suporte de texto escrito, deixando de lado a forma de rolo.

A segunda principal montagem tradicional do texto escrito é o códice, cuja popularização ocorreu no século I d. C. Sua operação resolvia muitas limitações do

rolo, especialmente a possibilidade de iniciar a leitura de qualquer ponto e poder recorrer a vários trechos do texto com rapidez. Já se utilizavam tábuas empilhadas e unidas de um modo que lembra o formato de um códice. A substituição das tábuas de argila por folhas de pergaminho ou papiro foi um desenvolvimento natural (SIMÕES, 2008, p. 30).

A evolução da tecnologia para o suporte escrito leva então à disseminação do livro dentro da sociedade. E a revolução tecnológica trouxe uma questão sobre o futuro desse suporte e da forma como os livros são vistos atualmente.

É óbvio que um magistrado levará mais confortavelmente para sua casa as 25 mil páginas de um processo em curso se elas estiverem na memória de um *e-book*. Em diversos domínios, o livro eletrônico proporcionará um conforto extraordinário. Continuo simplesmente a me perguntar se, mesmo com a tecnologia mais bem adaptada às exigências da leitura, será viável ler *Guerra e paz* num *e-book*. Veremos. Em todo caso, não poderemos mais ler os Tolstói e todos os livros impressos na pasta de papel, pura e simplesmente porque eles já começaram a se desfazer em nossas estantes. Os livros da Gallimard e da Vrin dos anos 1950 já desapareceram em grande parte. *A filosofia na Idade Média*, de Gilson, que me foi tão útil na época em que eu preparava minha tese, não posso sequer folheá-lo hoje em dia. As páginas literalmente quebram. Eu poderia comprar uma nova edição, claro, mas é à velha que sou afeiçoado, com todas as minhas anotações em cores diferentes compondo a história das minhas diversas consultas (ECO, 2010, p. 17).

Isso mostra que apesar do suporte para o livro ter evoluído, o prazer e a necessidade do livro são incontestáveis para a sociedade, independente do formato no qual esteja, o livro tem um papel fundamental.

4.3.1 O livro na obra Desventuras em série

No Quadro 3, estão as unidades de contexto selecionadas onde a unidade de registro livro é o elemento principal.

Quadro 3 – Unidade de registro livro

“Não acho que seja um punhal”, disse Klaus. “Acredito que seja uma antiga ferramenta usada para abrir páginas de livros. Hoje em dia a maior parte dos livros já é vendida com as páginas separadas, mas alguns anos atrás cada página era ligada à seguinte, portanto era necessário um instrumento para cortar as dobras do papel e ler o livro” (SNICKET, 2006b, p. 71).

“O fato de uma coisa estar impressa – ou em cartão ou em jornal, ou em livro – não significa que essa coisa seja verdadeira” (SNICKET, 2001c, p. 55).

Um livro sendo queimado é uma visão triste, muito triste, pois muito embora um livro nada mais seja senão tinta e papel, a sensação é de que as ideias contidas nele estão desaparecendo à medida que as páginas se transformam em cinzas, e a capa e a encadernação — que é o termo usado para a costura e a cola que mantêm juntas as páginas — vão ficando pretas e engrouinhadas enquanto as chamas fazem seu trabalho maligno. Quando alguém está queimando um livro, demonstra total desprezo por todos os pensamentos que produziram as suas ideias, todo o trabalho aplicado nas suas palavras e sentenças, e todos os contratemplos que recaíram sobre o autor, desde a invasão dos cupins que tentaram destruir suas anotações até a enorme pedra que alguém fez rolar para cima do ilustrador enquanto ele estava sentado à beira do espelho d’água aguardando a entrega do original. (SNICKET, 2006a, p. 265-286).

Fonte: Dados da pesquisa (AGUIAR; SOUZA, 2018).

Além de retratar a importância dos livros para a resolução dos problemas e para a obtenção de conhecimento, o autor aborda também um pouco da história do livro e apresenta de forma sutil um trecho que demonstra que a fabricação do livro e a forma como são lidos atualmente não são as mesmas de anos atrás.

Nesse trecho ele apresenta um elemento que estava presente na vida de leitores do século XV ao século XIX, que tinham que andar com seus livros e suas “espátulas de cortar papel” (Figura 2), pois era um elemento extremamente necessário para se dar a leitura de uma obra impressa na época, já que as folhas não vinham soltas como atualmente.

Figura 2 - Espátula de cortar papel



Fonte: Experimentovivi (2010)

Um trecho marcante que demonstra exatamente a utilização de tal instrumento é visto na obra do autor russo Liev Tolstói, *Anna Karenina*.

Sentindo a mesma preocupação que a tomara todo dia, mas com o certo prazer, começou a instalar-se para a jornada: abriu, com as suas mãos ágeis, o saquinho vermelho, retirou dele uma almofada, que colocou em cima dos joelhos, e embrulhou as pernas na manta de viagem, sentando-se com toda comodidade. (...) pediu a Ânuchka a lanterninha, que prendeu no braço do assento, e tirou da maleta um romance inglês e uma espátula de cortar papel (TOLSTÓI, 1994, p. 114).

Três das cinco leis fundamentais para a Biblioteconomia instituídas pelo indiano S.R. Ranganathan através da obra *As Cinco Leis da Biblioteconomia*, lançado em 1931, se debruçam sobre a importância do livro. As cinco leis podem ser resumidas como:

1. Os livros são para se usar;
2. A cada leitor seu livro;
3. A cada livro o seu leitor;
4. Poupe o tempo do leitor;
5. A Biblioteca é um organismo em crescimento.

Dentro da narrativa de *Lemony Snicket* (Quadro 3) podemos ver a aplicação, das três primeiras leis, e a importância do livro para os irmãos Baudelaire.

Na segunda unidade de contexto apresentada no quadro 3, vemos algo que pode ser considerado atual: a importância da análise da veracidade das informações. E na última unidade de contexto, algo também muito atual que trata da reflexão sobre a censura. Diante do exposto, vê-se que a obra analisada apresenta diversos temas que fazem a interlocução entre biblioteca, bibliotecário e livro, demonstrando constantemente esses elementos no desenvolvimento das narrativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Obra Desventuras em Série nos mostra que a representação dos elementos inerentes a Biblioteconomia, livro, biblioteca e bibliotecário ocorre com muita frequência durante toda a narrativa dos treze livros que compõe a série.

É importante destacar que existe ainda muita informação sobre os elementos escolhidos de forma implícita nos textos, mas como não era o objetivo desse trabalho fazer análise dos discursos, os resultados estão de acordo com a metodologia da análise de conteúdo baseada em co-ocorrências.

O elemento livro é apresentado durante toda narrativa como um ponto de apoio para que os personagens encontrem as informações necessárias para solucionarem seus problemas e desvendar os mais diversos enigmas que acontecem durante a desventura dos Baudelaire. As informações obtidas através das leituras, principalmente pelo jovem Klaus é constantemente remetida e enaltecida, pois esse conhecimento obtido através dos livros é de grande ajuda para ele e suas irmãs.

A biblioteca sempre é apresentada como um espaço de ambientação na maioria dos livros da coleção. Existem críticas como no caso da biblioteca sem livros, como no volume 4, “Serraria Baixo - Astral”, onde o autor destaca que muitas vezes os livros são deixados em segundo plano e as bibliotecas ficam sem recursos para se manter de forma digna para atender aos seus usuários. Mas também é possível ver a representação dos mais diversos tipos de bibliotecas, e as suas potencialidades para cada tipo de usuário.

O bibliotecário é o elemento que possui uma representação menor, onde aparece de forma mais aberta apenas no final da saga dos Baudelaire, porém é perceptível e fica subentendido que alguns personagens são bibliotecários e trabalham de certa forma com o tratamento da informação.

Essa característica de contextos implícitos deixa aberta a possibilidade para novos estudos levando em consideração essa abertura que o autor deixa para interpretação da sua narrativa, aprofundando a importância e a influência desses elementos no desenvolvimento da narrativa e dos personagens da obra.

O conhecimento sobre literatura infantojuvenil é muito importante para o exercício profissional do bibliotecário, que deve saber indicar obras que contribuam para a formação do leitor e para o desenvolvimento do incentivo ao hábito da leitura.

No caso da obra analisada, existe ainda essa possibilidade de utilização da série para a disseminação de informações sobre a importância da biblioteca, do bibliotecário e do livro, proporcionando ao bibliotecário, divulgar a relevância da profissão e da área de biblioteconomia para crianças e adolescentes.

A obra “Desventuras em série” possui duas adaptações, um filme lançado em 2004 e ganhador do Oscar de melhor maquiagem, e uma adaptação em formato de série de TV, produzida pelo canal de *streaming Netflix*, onde cada livro da saga é adaptado em dois episódios. Essas adaptações também possuem aspectos representativos da biblioteca, dos livros e do bibliotecário dentro do desenvolvimento do enredo, o que pode também inspirar trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das Bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (org.). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações 2002*. Brasília: MTE, 2002. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10.
- ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FLECK, Gilmei Francisco. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor: perspectivas, desafios e ensino. R. *Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 10, n. 14, p. 11-28, jul. 2007. Semestral. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/72>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.
- FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MILANESI, Luís. *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Tratamento do livro: Seleção, aquisição e organização do acervo da biblioteca. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (orgs.). *Biblioteca: conhecimentos e práticas*. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 14- 34.
- OSGOOD, Charles Egerton. *The Representation Model and Relevant Reserch Method: Trends in Content Analysis*. Urbana: University of Illinois Press, 1959.
- SILVA, Maria Guedes da; LENDENGUE, Maria do Livramento de C. Bibliotecário na formação de leitores em potencial. *Biblionline*, João Pessoa, n. esp., p. 92-98, 2010.
- SIMÕES, Marco Antonio. *História da leitura: do papiro ao papel digital*. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

- SNICKET, Lemony. Mau começo. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. 148 p. (Desventuras em Série, v. 1).
- SNICKET, Lemony. A sala dos répteis. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b. 177 p. (Desventuras em Série, v. 2).
- SNICKET, Lemony. O lago das sanguessugas. Ilustrações de Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001c. 184 p. (Desventuras em Série, v. 3).
- SNICKET, Lemony. Serraria baixo-astral. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a. 172 p. (Desventuras em Série, v. 4).
- SNICKET, Lemony. Inferno no colégio interno. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b. 197 p. (Desventuras em Série, v. 5).
- SNICKET, Lemony. O elevador ersatz Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a. 228 p. (Desventuras em Série, v. 6).
- SNICKET, Lemony. A cidade sinistra dos corvos. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b. 227 p. (Desventuras em Série, v. 7).
- SNICKET, Lemony. O hospital hostil. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a. 224 p. (Desventuras em Série, v. 8).
- SNICKET, Lemony. O espetáculo carnívoro. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b. 233 p. (Desventuras em Série, v. 9).
- SNICKET, Lemony. O escorregador de gelo. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2004c. 275 p. (Desventuras em Série, v. 10).
- SNICKET, Lemony. A Gruta Gorgônea. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 280 p. (Desventuras em Série, v. 11).
- SNICKET, Lemony. O penúltimo perigo. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a. 311 p. (Desventuras em Série, v. 12).
- SNICKET, Lemony. O fim. Ilustrações: Brett Helquist. Tradução: Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b. 284 p. (Desventuras em Série, v. 13).
- TOLSTOI, Liev. Ana Karenina. São Paulo: Círculo do Livro, c1994. 747p.

Recebido/ Received: 27/07/2021
Aceito/ Accepted: 20/08/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)

**SOURCES FOR THE HISTORY OF SECONDARY EDUCATION: THE CLASS REPORTS OF THE
“HISTORY SUBJECTS” AT THE GINÁSIO ESTADUAL DE ITABAIANA/SE (1951-1968)¹**

*FONTES PARA A HISTÓRIA DO ENSINO SECUNDÁRIO: OS DIÁRIOS DE CLASSE DAS “DISCIPLINAS DE HISTÓRIA”
NO GINÁSIO ESTADUAL DE ITABAIANA/SE (1951-1968)*

João Paulo Gama Oliveira

Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Campus Araraquara). Doutor e Mestre em Educação, graduado em História Licenciatura pela UFS. Líder do Grupo de Pesquisa: Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (DEHEA/UFS) e membro do Grupo de Pesquisas Relicário (DED/UFS) e Heduca (UFPel/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9683-5413>. E-mail: profjoapaulogama@gmail.com

Ana Márcia Barbosa dos Santos Santana

Docente de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFS. Doutora e Mestre em Educação e Licenciada em Letras-Português pela UFS. Membro do Grupo de Pesquisa “Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem” (DEHEA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7697-4763>. E-mail: anamarcia_se@yahoo.com.br

Roselusia Teresa de Moraes Oliveira

Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel - RS). Líder do Grupo de Pesquisa Relicário (DED/UFS) e membro do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/UFPel). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9818-9977>. E-mail: roselusiamorais@gmail.com

Rosemeire Marcedo Costa

Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutora e Mestre em Educação e Pedagogia pela UFS. Membro do Grupo de Pesquisa “Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem” (DEHEA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7217-3187>. E-mail: roselusiamorais@gmail.com

Simone Paixão Rodrigues

Docente da Faculdade São Luís de França. Atua no Arquivo Público do Estado de Sergipe / Secretaria de Estado da Educação - APES / SEDUC. Doutora e Mestre em Educação pela UFS. Membro do Grupo de Pesquisa: Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem (DEHEA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4640-1865>. E-mail: simonepaixao10@gmail.com

¹ The present work derives from the Scientific Initiation Project (SIP) of the Federal University of Sergipe PIE8931-2020 “The subject of History at the Ginásio Murilo Braga in Itabaiana/SE (1949-1968)” which received the COPES grant for the students Brenda Caroline Souza and Loury Ketony da Cunha Santos, in addition to Vitória Carvalho Martins, who works as a volunteer. In turn, this research is a branch of the Project “Secondary Education in Brazil in a historical and comparative perspective (1942-1961)”. All signatories of the article are part of the aforementioned UFS IC SIP. We also registered the financial support of UFS, through the Integrated call POSGRAP/CINTTEC/COPES N° 08/2020.

RESUMO

Analisar os diários de classe como fonte para a história do ensino secundário, mais precisamente, para a História das “disciplinas de História”, a saber: História do Brasil, da América e Geral, do Ginásio Estadual de Itabaiana, no recorte temporal de 1951 a 1968 é o objetivo do presente artigo. Para atingir tal fim, em um primeiro momento, apresentamos uma breve discussão sobre a história das disciplinas escolares. Em seguida, tratamos de aspectos da História do ensino secundário em Sergipe e do Ginásio Estadual de Itabaiana, posteriormente, apresentamos elementos da materialidade dos diários de classe localizados no Arquivo Escolar do atual Colégio Estadual Murilo Braga, além de algumas problematizações para o trabalho com tais fontes nos estudos da história da educação..

Palavras-chave: ensino secundário; diários de classe; fontes; Ginásio Estadual de Itabaiana; história das disciplinas escolares.

ABSTRACT

The purpose of this article is analyzing class reports as a source for the history of secondary education, more precisely, for the History of the “subjects of History”, namely: History of Brazil, America and General, from the Ginásio Estadual de Itabaiana, between 1951 to 1968. To achieve this goal, at first, we present a brief discussion on the history of school subjects. Following that, we deal with aspects of the History of secondary education in Sergipe and the Ginásio Estadual de Itabaiana, later, we present elements of the materiality of the class reports located in the School Archive of the current Colégio Estadual Murilo Braga, as well as some problematizations for working with such sources in the studies of the History of Education.

Keywords: secondary education; class reports; sources; Ginásio Estadual de Itabaiana; history of school subjects.

1 INTRODUCTORY WORDS

The work of historians who focus on the history of school subjects has been marked by a character of denaturalization through which they enable us to perceive that the permanence or changes in school curricula are a reflection of the tensions established between school and society, thus enabling observe the interdependencies that unite them or put them in conflict around schooled knowledge. Over time, the production of research on the causes and effects of teaching subjects, ultimately reveals facets of the role played by school institutions not only in society, but also in the unfolding of the historical process.

The Spanish historian Antonio Viñao (2008) presents us with three major historiographic approaches related to the investigation of the history of school subjects: Anglo-Saxon, French and Spanish. Ivor Goodson, a British researcher, is considered an exponent of the Anglo-Saxon educational historiographical studies and, according to him, the production of the curriculum is not done through accommodations, but through clashes that occur both between agents in and outside the school.

Similarly, to the curriculum, the subjects that compose them are assumed by this researcher as the result of disputes and negotiations. Goodson (1991) warns about the existence of internal and external factors acting during the process of establishing school subjects in the prescribed curriculum, in addition to establishing a relationship between these and the academic subjects, which are equally socially constructed.

As the main representative of the French current in the field of the history of school subjects,

we have André Chervel, historian of the *Institute National de Recherche Pédagogique*, the INRP, in France. Chervel is a linguist and began researching the history of school subjects driven by his interest in understanding the history of French language teaching, particularly in the 18th and 19th centuries.

This French researcher argues that the history of school subjects did not emerge just to fill a gap: it is a new historiographical category. And, as a historiographical field, it must address three issues: the genesis of subjects (how the school acts to produce them), its function (what are school subjects used for) and its functioning (how they act on students) (CHERVEL, 1990, p. 183). By facing the history of school subjects in this way, the scholar wants to portray, as he himself emphasizes, the creative character of the school, which, by producing subjects, also produces its own culture.

For André Chervel, the historian needs to consider what kind of purposes a given subject is intended to fulfill. Given the fact that, at each time, the school serves different purposes that, together, provide this institution with its educational character, it is through the school subjects that it places instructional content at the service of an educational purpose (CHERVEL, 1990, p. 188). As educational purposes change, so does the instructional content that is being taught.

In Spain, we have Antonio Viñao, Professor of Theory and History of Education at the University of Murcia and dedicated to the investigation of issues related to the processes of literacy, schooling and teacher professionalization, history of secondary education and the curriculum, and through the latter, he focuses on the problem of school subjects. The Spanish professor points out that most of the research on the history of school subjects in Spain was developed using manuals as the main source (VIÑAO, 2008, p. 191). However, there is a fundamental difference between textbooks and the history of subjects: the history of textbooks in some aspects is directly related to that of subjects; however, “all aspects of the history of school subjects compete, to a greater or lesser extent, with that of textbooks” (VIÑAO, 2008, p. 192). It should be noted that, with such an assertion, Viñao does not suggest that a history of the subjects should be made solely through the use of these sources, but he points out that it is not possible to do so by conceding the analysis of this material.

Attentive to the writings of this group of researchers, above all proposing a closer dialogue with André Chervel (1990), we began researching the archives of Colégio Estadual Murilo Braga in Itabaiana/SE with the aim of mapping the sources stored there in order to initially analyze the history of the “subjects of History”, namely: History of Brazil, America and General, from the Ginásio Estadual de Itabaiana between 1951 to 1968.

This period marks the first class report found in the surveys until 1968, when the gymnasium was then linked to Colégio Estadual Murilo Braga (CMEB)² The mapping of these sources and their critique constitute a fundamental element for the problematization and writing of history from

2 The Decree for the creation of the activities of the Ginásio Estadual de Itabaiana, also popularly known as Ginásio Murilo Braga, dates back to 1949, having started its activities in 1950, however, we have not located any class report for the institution’s first year of operation. Costa (2016) explores another set of sources to address this early period of school.

different perspectives, among them dealing with secondary education in Brazil and more precisely in the interior of the state of Sergipe.

The reports as sources were found in the survey by Pessanha, Assis and Silva (2017) in studies about the history of Brazilian secondary education, more precisely, the authors explore Fernanda Barros' dissertation, dated 2006, about the Lyceu de Goyaz. Thus, we do not bring here an unprecedented proposal for working with the source, but we opt to analyze it from other perspectives and possibilities for the study of the history of secondary education.

Thus, the text is structured as follows: at first, we carry out a brief discussion on the history of school subjects as an area of the history of education to which class reports can provide significant contributions. Then, we deal with aspects of the history of secondary education in Sergipe and the State Gym of Itabaiana, followed by the presentation of aspects of the materiality of the class reports in the school archive of the current CEMB and some problematizations for working with such sources when studying secondary education.

2 THE EXPANSION OF SECONDARY EDUCATION IN SERGIPE AND THE GINÁSIO ESTADUAL DE ITABAIANA

The history of Brazilian secondary education goes through different reforms with significant changes over the centuries. From a project for the formation of elites in the nineteenth century, passing through the preparatory exams, the changes arising from the Francisco Campos and Gustavo Capanema Reforms, the installation of Secondary Education level, the new perspectives brought by the Legal Guidelines and Bases of National Education from 1996 to the Secondary Education Reform in 2017, among many other legal milestones, there are several analytical perspectives and possibilities for verticalization of research for a better understanding of this level of education.

In this sense, a group of researchers from different areas of Brazil has been dedicated to studying the expansion of secondary education between the years 1942 and 1961 within the Project "Secondary Education in Brazil in a historical and comparative perspective (1942-1961) (PESSANHA, 2017). Some of the results already presented demonstrate the diversity of this expansion and even the need for detailed studies that can analyze the different faces of this level of education in a country with continental dimensions³.

In the early 1940s, in line with the Secondary Education Law, Sergipe began the process of interiorizing this cycle of education, notable for the units created in the municipalities of Capela (Ginásio Imaculada Conceição), Boquim (Ginásio Santa Terezinha), Estância (Ginásio Sagrado Coração de Jesus), Lagarto (Ginásio Nossa Senhora da Piedade) and Propriá (Ginásio Nossa Senhora

³ For more information, consult, among other publications, the Dossier "Secondary Education in the 19th and 20th Centuries: Implementation, Expansion and Innovative Experiences" organized by Jaci Maria Ferraz de Menezes and Eurize Caldas Pessanha (2020).

das Graças). Note that Catholics created a vast network of schools in the early twentieth century, expanding to the interior of the state. Thus, at that first moment, the Catholic Church was in charge of the provision of secondary education in the interior of Sergipe, except for the Ginásio Estadual de Itabaiana, founded in 1949.

The Ginásio Estadual de Itabaiana, in Sergipe, was one of the first public gymnasium and represented the possibility of entry into higher education for students from that institution, located in a city with a weak industrial sector in the early 1950, but with a highly developed trade, according to Lima (2002). The then governor José Rollemberg Leite (1947-1951) through Law n. 212 - 29/11/1949, created the school, helping to minimize the educational problems of the city in the mountains. With this, at the end of primary education, students from less affluent families could continue their studies, as they would not have to commute to the state's capital as they had to before that.

Despite the social pressure for the creation of schools in the interior and the government's efforts to offer secondary education in some municipalities such as Lagarto, Estância, Propriá, in addition to Itabaiana, this modality was predominantly assisted by the Catholic Church, denoting its power in the educational field. In Aracaju, out of 13 institutions existing in 1960, six were linked to the Catholic Church.

It stems from this fact the presence of the Catholic Church in the expansion of secondary education in Sergipe, being the direct sponsor of gymnasiums, and also of many schools, such as the well-known "sisters' college", located in the center of the capital. The institution was the research object of Costa (2003) who, when studying the Colégio Nossa Senhora de Lourdes, highlighted it as one of the most important institutions of Catholic women's education in the State of Sergipe, providing relevant services to the Sergipe elite. The Colégio made a significant contribution to the educational scenario of the State, forming women in the molds of French culture, according to the guidance of the Sacramentine Sisters, whose Order was based in Valence, France.

Another important innovation and contribution of Catholic gymnasiums in the expansion of secondary education in Sergipe was the initiative of Ginásio Santa Teresinha, which marked the history of Catholic confessional education in Sergipe. According to studies by Rodrigues (2008), the aforementioned gymnasium was the first Catholic confessional teaching establishment in Sergipe, which implemented mixed teaching classes, operating in the first school year in separate shifts, that is, "male students studied in the morning and females studied in the afternoons, and in other years classes were taught for both sexes within the same space and time" (RODRIGUES, 2008, p. 69).

In order to understand the expansion of secondary education in Sergipe, as well as the school and its surroundings, the researcher Tereza Cristina Cerqueira da Graça wrote the book "Angel's feet and neon signs: gymnasiums in Aracaju of the golden years", derived from her dissertation defended in the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Sergipe. Graça (2002) presented the daily practices of high school students from six schools in Aracaju/SE: Atheneu

Sergipense, Instituto de Educação Rui Barbosa, Escola Industrial, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Jackson de Figueiredo Ginásio and Colégio Tobias Barreto. In addition to the institutions analyzed in her study, Graça (2002, p.49) highlighted that: “The city had other gymnasiums such as the Catholic “Colégio Patrocínio São José” (1940), the Colégio “Senhor do Bonfim” (1953) , the Ginásio Salesiano (1911), School “Pio Décimo” (1954) all private”. The creation of the Ginásio “Silvio Romero” is also notable, “an institution of a philanthropic character that emerged in 1954 and operated precariously, for the rest of the decade, on the premises of Colégio Atheneu”, as noted by Graça (2002, p.49).

In the course of this historiographical operation, it is worth highlighting the onslaught of Betisabel Vilar de Jesus Santos for understanding the expansion of secondary education in the state of Sergipe by studying the National Campaign for Free Educandários, concluding that it was essential to “expand access to secondary education in Sergipe, expanding its performance from a gymnasium in 1953 to twenty-three in 1967, while the other networks grew from nine to twenty-six in the same period” (Santos, 2003, p. 172).

The work undertaken by the National Campaign of Free Educational Institutions - CNEG originated the creation of a series of gymnasiums throughout the state of Sergipe, taking the first steps to expand the offer of secondary education, as noted by Santos (2003). The table below shows that in less than ten years after the first gymnasium was installed, there was a free gymnasium in fifteen cities in Sergipe, showing a clear expansion.

Table 1 - List of free ginásios in Sergipe (1953-1962)

Denomination	Year	City
Ginásio Silvio Romero	1953	Aracaju
Ginásio Maruinense	1955	Maruim
Ginásio Carvalho Neto	1957	Simão Dias
Ginásio Laudelino Freire	1957	Lagarto
Ginásio Possidônia Bragança	1958	Laranjeiras
Ginásio Caldas Júnior	1959	Neópolis
Ginásio Tertuliano Azevedo	1959	Nossa Senhora das Dores
Ginásio Monsenhor Basílio Raposo	1960	Tobias Barreto
Ginásio Francisco Figueiredo	1960	Aquidabã
Ginásio Graccho Cardoso	1960	Estância
Ginásio Olímpio Campos	1960	Itabaianinha
Ginásio São Cristóvão	1961	São Cristóvão

Ginásio São João Batista	1962	Cedro
Ginásio Francisco Dantas	1962	Riachão do Dantas
Ginásio Alberto Sampaio	1962	Riachuelo

Source: table prepared by the authors based on SANTOS (2003, p.17).

Santos (2003) reconstructed the history of a National Campaign that began in the 1940s and arrived in Sergipe in 1953, helping us to meet the important aspirations of the people in the interior cities of the state with regard to attending secondary education. When writing about free gymnasiums, he signals a certain expansion of secondary education in Sergipe. It is possible to notice in the process of expansion of secondary education in Sergipe initiatives of a state nature, the linking of different religious denominations and civil society initiatives, as in the cases of the gymnasiums set up by CNEG.

With the expansion of the number of secondary schools and consequently the number of teachers, in the government of President Getúlio Vargas, the Campaign for the Improvement and Dissemination of Secondary Education – CADES was created by Decree No. 34,638 of November 14, 1953, with a view to improve the training of secondary school teachers. In operation until the early 1970s, “...it aimed to support the training of teachers from the most diverse areas, as well as school directors, inspectors and secretaries” (MIRANDA, 2019, p. 11).

Research carried out by the group of Alves et al (2020) demonstrates an expansion of secondary education in Sergipe between 1942-1961, which occurred through the greater number of establishments, teachers, enrollments and course completions. The survey shows that the growth of secondary education was interconnected with the interiorization of gymnasiums in various spaces in Sergipe, as well as with a profound role of the Catholic Church, which was inserted in the conduct of pedagogical practices of the ideals about education.

The works of the aforementioned authors on the expansion of secondary education between the 1940s and 1960s show the growth of this level of education in the territory of Sergipe, especially with the action of the Catholic Church, but such advances do not occur in public gymnasiums. One of the few public gymnasiums created outside the capital Aracaju, between the 1940s and 1950s was the Ginásio Estadual de Itabaiana.

According to Law No. 212 of November 29, 1949, which created two Rural Normal Schools, one in the city of Lagarto/SE and another in Itabaiana/SE, “Each Rural Normal School will maintain a gymnasium and a teacher training course”. Thus, the Ginásio Estadual de Itabaiana was created, integrating the structure of the Normal Rural School of Murilo Braga (ENRMB). Having been legally created in late 1949, its classes did not start until the following year.

The history of the educational institution Murilo Braga, in different historical periods and with different problematizations, was narrated more specifically in six studies. In the first line there are two works that deal with ENRMB, the thesis by Silvana Costa (2016) and the graduation thesis by Aline Miguel (2011). We also have two final graduation thesis for the completion of the undergraduate History course, the first by Isabel Santos (2002), which aims to outline the history of Colégio Estadual Murilo Braga during its fifty years. The second by Soleide Pereira (2002) in the analysis of the students' memories about the school between 1977 and 1984. On the other hand, two works by former students outline an overview of the school from a memorial perspective, they are the works of Rivadalvio Lima (2002) and Teresa Cristina Souza (2019). Due to this fact, the gymnasium was not the specific theme of academic work, much less about a school subject.

Based on the studies of Costa (2016), it can be stated that the ENRMB is included in the government proposal for the dissemination of rural education throughout the country and the need to create educational institutions to train teachers who would work in these spaces. Thus, the rural normal school aimed to train teachers to work in rural areas and thereby promote the progress and development of Brazil in more remote areas, receiving education for life.

According to the aforementioned author, ENRMB has historically consolidated itself as an essential educational space for the development, progress and social ascension of the community in the municipality of Itabaiana/SE. It is noteworthy that the building also represented the sumptuousness of school architecture for everyday life, thus being another step towards the constitution of schooling in Itabaianense society.

Both Miguel (2011) and Costa (2016) conclude that, despite the School having been founded in compliance with the provisions of Laws 8,530 of January 2, 1946 (Organic Law for Normal Education) in the development of its activities throughout the 1950s and 1960s their curriculum did not prepare students to deal with agricultural techniques necessary for their training and, consequently, for their future performance in rural primary schools in which they would use the things they learned with their students coming from the rural area.

3 GINÁSIO ESTADUAL DE ITABAIANA/SE AND THE CLASS REPORTS AS A SOURCE FOR THE HISTORY OF SECONDARY EDUCATION

Institutions holding collections (archives, libraries, documentation centers) are at the center of the constitution and redefinition of the field of the history of education. This makes their identification essential and forces us to give sources a new look. It is not a question of simply considering them as a preliminary or secondary issue, but of referring them to the fundamental question of our disciplinary field, since they refer us to the problem of the domains of this field. Mapping sources is, therefore, preparing the ground for a vigorous empirical critique that constitutes new problems, new objects and new approaches (NUNES, CARVALHO 2005, p. 35).

Agreeing with the assertions of the aforementioned scholars, we began researching the Ginásio Estadual de Itabaiana. Among the set of sources, initially located in the CEMB archive, such as: minutes, employee time tracking books, entrance exams, physical education forms, notebooks, among others, we highlight and take class reports as the object and source of this work, in an attempt to broaden the debate on the universe of secondary education, from a redirection of research lenses to the field of school subjects, and thus, through the traces left by class reports, address some particularities of the secondary education in the research time frame.

By appropriating the class reports as a historical source, we consider them “as the school’s most important official document” warning that “because they are official, they are understood as one in which there can be no mistakes, which does not allow for ‘deviations’, not accepting any use different from that indicated, in addition to not having common complements in other documents” (ALVES, 2003, p. 63/64). The author herself asks: “Are they really?” Is this how class reports registration practices occur? In one of her conclusions, the researcher points out answers to such an inquiry:

Thus, we have, always present, in whatever is wanted or said (it is still said) ‘static, repetitive and homogeneous’, conflicts, tensions, struggles, relationships, therefore, a movement that organizes a countless number of processes in which one acts, thinks and creates enabling the appearance of the new.

In these processes, cunning is multiplied, multiple ways of using what is imposed are created. The possibility of what is varied will thus appear within multiple networks, in which the ‘practitioners’ of schools – students, teachers, other servers, parents of students, neighbors, etc. – live and create tactics to act within the appropriate space, ‘playing’ with time (ALVES, 2003, p. 76).

In line with this perspective, we understand that class reports are institutional documents that record not only the classes taught during the school term, but aspects of the teacher’s own work, the “explicit contents” of a particular school subject and especially school life of the students deliberately expanding “the ways of using what is imposed”. Without the testimonies of their records, proving taught classes and the student’s presence at the school becomes almost impossible, which legitimizes and situates this school document not only as a class report, but above all, as a report of the school itself, which correlates legal aspects and educational practices experienced by different subjects of the educational process, recorded from the teacher’s perspective. With this thought and care in considering any and all documents, we analyzed the class reports of the “History subjects” at the Ginásio Estadual de Itabaiana.

We understand the materiality of the class reports of the subjects of History of Brazil, America and General as the support on which these records were written, including the format, type and size of paper, the construction of the page, the division of the text, illustrations and typographic conventions. This type of support was perceived as a historical document endowed with

a standardized and formal physical structure, in accordance with official state rules and models. Its pages registered, although objectively, marks of the teachers' teaching and the students' learning, which allow the historian of education to problematize them, realizing that they are filled with subjectivity, as they are composed of information built in the teacher's universe of their relation with the student from a legal standpoint.

Thus, the class report is understood as a historical document, belonging to the school's bookkeeping, which contains the data records relating to the students and the teachers, which aims to ensure the identity, regularity of studies, the authenticity of the students' school life, as well as the teaching activities. An element of pedagogical, administrative, supervisory and disciplinary action. From this definition, 74 class reports from the Ginásio Estadual de Itabaiana were analyzed, covering the period from 1955 to 1968, belonging to classes from the 1st to the 4th year of secondary school. Organized in a brochure format, containing a cover made of light green cardboard paper, core with about 30 pages joined by staples, these were similar to white office sheets whose size was 15.5 cm in width and 22.5 cm long.

The cover of the class reports, from the first years of operation of the institution, contained identification elements such as school name, school year, course, grade, class, and teacher's name. Such information was within the graphic design frame similar to an asterisk. The internal part of these reports consisted of 2 types of pages and records. The first 12 pages, identified as "Month Attendance Sheet", were divided into 3 columns formed by thin vertical lines of dark blue color, and by horizontal lines of thinner thickness and lighter color. The first column corresponded to the "Days of the Month", in the second, identified as "Teacher's Name", their signature was registered, the last column, marked with the name "Observations", was the space, in which the teacher registered the content or activity worked on in the classroom.

The other type of internal page of the class report, identified with the "Number" and "Student's Name", was destined to information about the students' attendance record and observations about them. Divided into 11 columns, formed also by thin vertical lines of dark blue color, and horizontal lines of thinner thickness and lighter in color. The first column corresponded to the days of the month, the following 9 columns, identified with names of the months of the year, from march to November, that is, school time, where the attendance of students was registered. The last column, identified as "Observations", was the space in which the teacher recorded observations about the student, in which there are few records.

Possibly, until the year 1957, the class reports did not change in format and graphic elements, but in the analysis of diaries from 1959 and later, we noticed significant changes in the graphic elements from the cover to the inside pages of the document. Right on the cover, it is possible to notice the subtraction of graphic elements such as asterisks and the space for identification in the teacher's name, this being handwritten with a pen, at random, at the top of the page.

The internal part of these class reports, too, consisted of 2 types of pages and records. As in the class reports from the years 1955 to 1957, the first 12 pages were identified as “Attendance Sheet”, but different from those, the class reports, after 1959, had spaces right below this identification for the regulatory number of classes, month of the year, name of the subject, name of the teacher and number of classes given in the month.

Also, one more column was added, identified as “Lesson Topic”, in which the content or activity worked in the classroom was registered, these, commonly noted as arguments and written work. In the class reports from 1959 to 1968, unlike the previous ones, there was a space for the day of the argument, the final test and the final average. Locating, therefore, aspects of the docimological nature, one of the crucial elements in the analysis of the history of school subjects according to Chervel (1990).

Regarding the field of observations on the pages for information on student attendance records, we found that these, in general, corresponded to students’ suspensions from classes, due to some indiscipline in the classroom, as well as justifications for absences and information about scores received for attending classes.

It should be noted that the notes on students’ suspensions were not registered and signed by the teacher, but possibly by the school principal. This observation reveals that the class reports, a document of the school bookkeeping, often understood as for the exclusive use of the teacher, also carries on their pages marks of the role of the school principal and/or secretary, who, upon becoming aware of the student’s indiscipline, recorded the punishment with a pen. This record in the class report made by another school employee does not misrepresent its identity as a school history document for the exclusive use of the teacher and which, as such, brings in its pages aspects of the materialization of the classroom’s daily life, permeated with teaching and learning, as well as political, social and cultural values and conceptions.

The materiality of the class reports analyzed here, in addition to recording the history of part of the daily life of the classroom, is also presented as a document that legitimizes the student’s school life and the teacher’s professional activities. They are school artifacts that connect us to the history of education through legislation, the student, the teacher, the subjects and the school institution.

After the presentation of aspects of the materiality of the class reports located in the CEMB archive in the period from 1951 to 1968, the central question concerns to: how to use such sources to study the history of secondary education, or more precisely how to work with the notebooks in research in the history of school subjects? We present below, some problematizations, among many possible.

A first analysis refers to what the school has preserved. The corpus is a set of 74 class reports from the “History subjects” distributed as follows: 36 of History of Brazil, 13 of History of America and 25 of General History, among hundreds of similar documents from other subjects kept in the archive of the Colégio Estadual Murilo Braga. The practice of safeguarding the historical and educational

heritage is not common in Brazilian educational institutions and often almost all traces of the past end up being erased in the succession of administrations and public policies. Fortunately, the school archive keeps part of the documentation of the Ginásio Estadual de Itabaiana, following their own organizational guidelines, not following any archivist principles; a fact that has been changing as the present research that we discuss is being developed.

Another analytical possibility is concerning History teachers. They are: Leonardo Cardoso Fontes de Alencar; Eduardo Porto Filho; Walter Santos Lisboa; José Augusto Siqueira; Pedro Ribeiro de Oliveira; Mercedes Alvares Sales; Zélio Soares da Silva; Magnólia Lima da Silva; Marilene Souza and Josefa Suzana Almeida. Teachers from the secondary school, who at that historical moment were giving their first steps in a municipality beyond the capital Aracaju.

These are the names of characters that somehow started teaching Secondary School in a pioneering way in the countryside of the State. It is also noticeable that there is a prevalence of male history teachers in the decade of 1950 and beginning of 1960, which drastically changes from 1966 on, when female teachers became the majority, concomitant to the significant increase of classes. The renewal of the faculty is a determinant factor in changes of subject, as pointed out by Chervel (1990).

Costa (2016) analyzed the faculty who worked at the secondary school in 1950 and found information about the education of 3 to 9 teachers of the faculty. All of them were from the health area. In 1952, there were 12 teachers in the faculty and the sufficiency exam was conducted in order to legalize the work of these professionals. According to the aforementioned research, in the beginning of 1950, at the Ginásio de Itabaiana, the “history subjects” were taught by a dentist named Nivalda Oliveira. Later, in 1952, the gymnasium offered the subject General History, taught by Nivalda Oliveira and History of Brazil taught by Melquíades José de Souza.

Rivadávio Lima (2002, p. 57) presents a table with the students enrolled in the decade of 1960 in a way that the numbers point to a Gymnasium in the interior of the state, that had more than a hundred students in the beginning of 1960 in less than a decade and that sextuplicates in less than a decade. When observing the number of students in the school reports of the subjects Brazil, American and General History, a total of 93 students in 1951 is found. Ten years later, the number is still 116 enrolled students, but in 1968 there were 390 students. Even though we did not find all school reports of the institution, it is possible to infer the significant increase in the enrollment number. Such elements concern the own history of the educational institution, their teachers and students, as well as the expansion of classes and consequently the formation of a bigger work team to meet the requirements of an expanding Gymnasium.

In another perspective, it is possible to notice that the nomenclature of the History related subjects is a crucial element of analysis in the scope of the history of school subjects. Once meeting the Decree National Law number 4.244, from April 9th 1942, the Organic Law of Secondary School,

the subject General History would be contemplated in the first and second years of secondary school, while History of Brazil is offered in the third and fourth grades of the course. However, Law number 1.359 from April 25th 1951 modified the division of the subjects General and History of Brazil in secondary education, previously established on the Decree law from 1942, as the secondary school became: 1st grade: History of Brazil; 2nd grade: General History (America's History); 3rd grade: General History (Old and medieval history) and 4th grade: History of Brazil and General History (modern and contemporaneous history) (BRASIL, 1951).

The analysis points to the nomenclatures General History, America's History and History of Brazil in the Ginásio Estadual de Itabaiana between 1951 and 1968. It is worth mentioning that the first years of activities in the Gymnasium matches what Halferd C. Ribeiro Júnior and Maria do Carmo Martins (2018) called a "Reorganization of the teaching system in democratic times: Curricular review of 1951 and the teaching of History", which are elements that need more verticalization and deepening as in the work conducted by Viana (2020) about the America's History subject in 1950.

According to Thais Nívia de Lima e Fonseca:

[...] the 1951 programme, created by the Pedro II school has oriented the study of History for the most important actions and their repercussions to focus on individuals as expressions of the social mean and for the record of manifestation of the material, spiritual, individual and collective lives. This way, the purposes were "the cultural facts of civilization namely the unity and continuity of history" (FONSECA, 2006, p. 55)

Overall, the assumptions of Maria Auxiliadora Shmidt (2012) are indispensable, as she claims that between 1931 and 1971 there was a consolidation of the disciplinary code of History in Brazil. With emphasis on the methodological instructions of History in 1931, with the Francisco Campos Reform, the division of the subject from the didactic programs and units in General and Brazilian History in 1942, Decree n. 1.045, from 1951, part of the reform of the Brazilian Secondary School and the creation of the Campaign for the Improvement and Dissemination of the Secondary School, with the main objective of raising the level of secondary education in Brazil in 1953 as aspects that directly affected the configuration of History school over that period.

We agree with Alves Júnior et al (2021) a "myriad of nomenclatures" to refer to the curricular component of History, followed by expressions of identification, in the case of the Ginásio Estadual de Itabaiana that is "General", "America" and "of Brazil". It is worth mentioning the need of specialized studies on the different components of a school subject in each educational institution as, according to André Chervel, the school acts to produce subjects in addition to the fact that "the study of purposes cannot [...] in any way, abstract the real teaching. It must be simultaneously conducted

in two perspectives and adopt a double documentation, the one of the fixed objectives and the pedagogical reality” (CHERVEL, 1990, p. 191).

Thinking similarly to this French researcher, we seek, from the class reports, to find at school elements of their stories, singularities and similitudes within a teaching system based on specific regulation, but that gains shapes and different contours in the day-to-day of the education institution. To reach this purpose, the importance of school archives is reinforced. Its organization and availability are crucial for those who are involved with research on the different constituents of a school subject in a given institution or even when the objective is the story of this school.

Therefore, the class reports found in the file of the Colégio Estadual Murilo Braga when regarded as sources may help the analysis of different aspects, among them the history of the own school subject within the curriculum. In this case, the History and its division into General History, America’s History and History of Brazil and the teachers who taught such components in the first decades of the institution’s functioning. Further investigation is necessary to deepen the listed contents and approach essential aspects that are the explicit contents of a school subject.

When analyzing the materiality of school reports, still without the teaching marks, it is possible to notice how the physical setting and graphic design of pages are created as tools of a documental structure that seeks to meet orderings, rules and official models that comprehend school as a social atmosphere receptor of political actions that focus on the homogenization of activities and teaching and learning practices. The teacher’s reports are the ones that, with their subjectivity, education, life stories and purposes established for the teaching of a given subject may help to uncover some aspects of loss of structure and, therefore, establish new ways of education in the school space, understanding it as a social institution with particularities, autonomy and identity.

When choosing the class reports as a source to analyze histories of the secondary school and History of Brazil, America’s History and General History subjects at the Ginásio de Itabaiana, we believe that this source reveals a lot about the pedagogical practices, students’ performance, how teachers distributed content and consequently learning assessment. It is evident that the problematization of the source allows us to understand that an entry in the school report does not always express of what happened in class and such fact instigates us even more in this process of findings between the prescribed (what was established in the current school regulation, for example), the real (the effective development of classes) and the viable inside the classroom.

Therefore, the school reports are seen as documents to be questioned in order to build analysis in the field of school education and also to enable an approximation of educational practices experienced by different subjects in a period of deep changes in the way secondary school was being offered in the country, including the Ginásio Estadual de Itabaiana. The information questioned in the source has revealed aspects of this teaching expansion, not only due to the number of students, but also because it

was also noticeable that from the decade of 1960 the increase in the number of enrollments corresponds to a greater presence of women teaching in the educational institution portrayed.

Organize the archive to conduct the research; map the sources; analyze and problematize them based on the reference we consider relevant to the writing of the History of Education; these were some of the steps taken from assuming the school reports as relevant sources for the study of history in secondary school. Such sources do not exclusively relate to the history of the subjects History of Brazil, America's History and General History at Ginásio Estadual de Itabaiana but also the daily practices of Brazilian education and its school reports and register that spread over the country and, maybe, in other parts of the western world.

REFERENCES

ALVES, Eva Maria Siqueira *et al.* A profissão docente secundarista em Sergipe: desdobramentos da Lei Orgânica do Ensino secundário (1942-1961). In: CASTRO, César Augusto (org.). **Ensino secundário no Brasil: perspectivas históricas**. São Luís: EDUFMA, 2019.

ALVES, Eva Maria Siqueira *et al.* **Ensino Secundário em Sergipe (1942-1961)**. Relatório Final de Pesquisa. Aracaju, 2020.

ALVES JÚNIOR *et al.* História do ensino de História: desafios para uma nova escrita de síntese. **Revista História Hoje**. v. 10, n. 19, p. 294-312, 2021

ALVES, Nilda. Diário de classe, espaço de diversidade. In: MIGNOT, Ana Cristina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Cultura Memória e Currículo; v. 3).

BRASIL. **Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União - Seção 1 - 24/4/1942, Página 6717.

BRASIL. **Lei nº 1.359, de 25 de abril de 1951**. Modifica a seriação de disciplinas do curso secundário estabelecida no Decreto-lei nº 4.244, de 1942. Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/4/1951, Página 6593.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2003.

COSTA, Silvana Santana. **Histórias contadas e vividas: memórias da escola normal rural Murilo Braga de Itabaiana (1950-1972)**. 2016. 207 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2016.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOODSON, Ivor. La construcción social del curriculum: posibilidad e y âmbitos de investigación de la historia del curriculum. **Revista de Educación**, v. 295, n. 1, p. 7-37, 1991.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon: ginásios na Aracaju dos anos dourados**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2002.

LIMA, José Rivadálvio. **Cinquentenário do Colégio Estadual “Murilo Braga”**. Aracaju: J. Andrade Ltda, 2002.

MIRANDA, Bruna Camila Both. **A CADES e um novo modelo de professor secundário nas décadas de 1950 e 1960**. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.

RIBEIRO JUNIOR, H. C; MARTINS, M. C. Reorganização do sistema de ensino em tempos democráticos. Reforma curricular de 1951 e o ensino de história. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 18, p. 1-26, 2018.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de; PESSANHA, Eurize Caldas. Apresentação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 59, p. 12-15, out. 2020.

MIGUEL, Aline da Conceição. **Escola Normal Rural Murilo Braga: formando professores para a área rural? (1949-1969)**. 2011. 76 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas. Historiografia da educação e fontes. *In*: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 17-62.

OLIVEIRA, Paloma Rezende; COSTA, Nailda Mariho. As mulheres no ensino secundário: percursos das primeiras professoras do Colégio Pedro II. **Revista História em Reflexão**, v. 14, p. 321-344, 2020.

PEREIRA, Soleide dos Santos. **Memórias da juventude estudantil do Colégio Estadual Murilo Braga em Itabaiana/SE: 1977-1984. 2002. 90 f.** Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Qualificação Docente II, Departamento de História, Itabaiana, 2002.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ensino secundário no Brasil em perspectiva histórica e comparada (1942-1961)**. Projeto de Pesquisa - Universidade Federal da Grande, Dourados, 2017.

PESSANHA, Eurize Caldas; ASSIS, Wanderlice da Silva; SILVA, Stela Sanches Oliveira. História do Ensino Secundário no Brasil: o caminho para as fontes. **Roteiro**, Joaçaba, v. 42, n. 2, p. 311-330, maio/ago. 2017

RIBEIRO JUNIOR, Halferd Carlos; MARTINS, Maria do Carmo. Reorganização do sistema de ensino em tempos democráticos: reforma curricular de 1951 e o ensino de história. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/42978> Acesso em: 2 jun. 2021.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma educação católica**: um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Teresinha (1947 – 1968). 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

SANTOS, Betisabel Vilar de Jesus. **Luzes e blecautes em cidades adormecidas – a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no cenário educacional sergipano**. São Cristóvão/SE: Editora da UFS; Aracaju/SE: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SANTOS, Isabel de Carvalho. **Colégio Estadual Murilo Braga, Itabaiana-SE (1949-1999)**: uma contribuição à sua história. 2002. 137 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Qualificação Docente II, Itabaiana, 2002.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista de História de Educação: RHE.**, Porto Alegre, v. 16. n. 37, p. 73-91, maio/ago. 2012.

SILVA, Wênia Mendonça. **Um olhar sobre o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: sua configuração, objetivos e práticas como fonte para a história da educação e m Sergipe (2005-2016)**. 2016. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SOUZA, Teresa Cristina (org.). **Ecos do Murilo**. Aracaju, Infographics, 2019.

VIANA, Diogo Henrique. **Ensino de história da América**: currículo e livros didáticos na década de 1950. 2020. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

VIÑAO, Antonio. História das Disciplinas Escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, [S.], n. 18, p. 174-216, 2008.

Recebido/ Received: 29/07/2021
Aceito/ Accepted: 20/08/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)

**QUANDO ALGORITMOS NÃO CONSCIENTES, MAS ALTAMENTE INTELIGENTES NOS CONHECEREM
MELHOR DO QUE NÓS NOS CONHECEMOS**

WHEN NON-CONSCIOUS BUT HIGHLY INTELLIGENT ALGORITHMS KNOW US

BETTER THAN WE KNOW OURSELVES

Daniel de Jesus Barcoso Cautela Branco

Administrador Logístico. Doutorando e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Patrimônio, Cultura, Informação em Plataformas Digitais (G-ACERVOS/UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9749-186X>. E-mail: danielbranco.ufba@gmail.com

Jorge Raimundo da Silva

Bibliotecário da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2390-2069>. E-mail: jorrai.mundo@gmail.com

Luiz Viva

Arqueólogo e Arquiteto. Doutorando em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestre em Ciências Sociais com concentração em Antropologia e Arqueologia pela UFBA. Orcid: [0000-0003-1255-840X](https://orcid.org/0000-0003-1255-840X). E-mail: luizviva@gmail.com

RESUMO

Apresenta um caminho técnico conceitual nas definições de algoritmos, cognição, inteligência artificial e robótica para se chegar às aplicações diárias dos algoritmos e às consequências dessas aplicações, discutidas à luz da ciência da informação. O atual estágio de desenvolvimento da ciência permite que os processos tecnológicos possam ser reduzidos a algoritmos lógicos, observando-se uma tendência de buscar explicar a vida humana, no sentido biológico, também como um conjunto de algoritmos. A interferência dos algoritmos sobre a humanidade é um dos assuntos abordados por Yuval Harari, em seu livro *Homo Deus* (2016), cuja conclusão apresenta três questionamentos, um dos

ABSTRACT

It presents a conceptual technical path in the definitions of algorithms, cognition, artificial intelligence and robotics to reach the daily applications of the algorithms and the consequences of these applications, discussed in the light of information science. The current stage of development of science allows technological processes to be reduced to logical algorithms, observing a tendency to seek to explain human life, in the biological sense, also as a set of algorithms. The interference of algorithms on humanity is one of the subjects addressed by Yuval Harari in his book *Homo Deus* (2016), whose conclusion presents three questions, one of which is used to title the

quais utilizados para intitular o presente artigo. Neste texto, procuramos mostrar como os algoritmos, ao se tornarem cada vez mais complexos, constituem as bases para a Inteligência Artificial (IA). Do mesmo modo, também são discutidos os limites atuais da ciência, com programas que mesmo ainda não conseguindo simular o comportamento humano em sua totalidade, apresentam respostas “humanas” o suficiente para serem confundidos com pessoas de carne e osso, passando no famoso teste de Turing. O campo interdisciplinar da ciência cognitiva reúne modelos computacionais da IA e técnicas experimentais da psicologia para tentar construir teorias precisas e verificáveis a respeito dos processos de funcionamento da mente humana. Os algoritmos complexos estão presentes no cotidiano, influenciando nas decisões de consumo, aspectos comportamentais e nos processos políticos, interferindo diretamente em toda a vida em sociedade de forma silenciosa.

Palavras-chave: ciência da informação; algoritmos; cognição; inteligência artificial.

present article. In this paper, we try to show how the algorithms, when becoming increasingly complex, constitute the basis for Artificial Intelligence (AI). In the same way, the current limits of science are also discussed, with programs that, even though they can not simulate human behavior in its totality, present “human” responses enough to be confused with flesh and blood people, passing the famous test of Turing. The interdisciplinary field of cognitive science brings together computational models of AI and experimental techniques of psychology to try to construct accurate and verifiable theories about the processes of functioning of the human mind. Complex algorithms are present in daily life, influencing consumption decisions, behavioral aspects and in political processes, interfering directly in all life in society in a silent way.

Keywords: information science; algorithms; cognition; artificial intelligence.

1 INTRODUÇÃO

O atual estágio de desenvolvimento da ciência possibilita que os processos tecnológicos que fazem parte da sociedade podem ser reduzidos a algoritmos lógicos, tese defendida por Yuval Noah Harari no livro **Homo Deus: uma breve história do amanhã**, publicado em 2016. No caso sustentado por Harari (2016), a ciência poderia utilizar-se das descobertas e do uso de algoritmos lógico-matemático para interferir diretamente na vida humana. Dentro deste contexto, Harari levanta outra perspectiva interessante ao reconhecer que a ciência sabe pouco sobre o funcionamento da mente humana e, sobretudo, da consciência humana.

O fato é que a inteligência artificial (IA) avança sistematicamente, e esse desenvolvimento tende a ameaçar a existência do ser humano, haja vista que desenvolvimento da IA é, na visão de Harari (2016), superior ao do humano, ainda mais quando alicerçada sobre uma estrutura gigantesca de redes de processamento de dados, nos quais os algoritmos são essencialmente eficientes o suficiente para conhecer o homem melhor que ele mesmo se conhece e, com isso, poderá controlá-lo em vários cenários, desde a sua vida social à íntima. E vai além ao afirmar que “Nas próximas décadas, é provável que vejamos mais revoluções como as provocadas pela internet, nas quais a tecnologia vai se antecipar à política” (HARARI, 2018, p. [328]).

E o que será do homem quando as máquinas controlarem a sua vida. Ou melhor, nas palavras de Harari (2016, p. [346], grifo nosso), questiona: ***“O que vai acontecer à sociedade, aos políticos e à vida cotidiana quando algoritmos não conscientes, mas altamente inteligentes nos conhecerem melhor do que nós nos conhecemos?”*** é com o objetivo de contribuir com esse debate que este artigo foi desenvolvido à luz da Ciência da Informação, trazendo à tona, portanto, acontecimentos recorrentes nos últimos anos que, em certa medida, foram determinantes para possíveis alterações das relações humanas e, por certo, de tomadas de decisões por parte do cidadão comum e, principalmente, dos diversos governos em diferentes nações.

2 DEFININDO OS ALGORITMOS

Quando falamos em algoritmos, logo vem em mente uma onipresença da Ciência da Computação. Por que essa valorização do termo algoritmos? O que seriam algoritmos na prática? Ou na teoria? Tentaremos de uma forma didática desmistificar o termo algoritmo.

O termo algoritmo na Computação vem conceituado como uma sequência de passos bem definidos em que, quando executados na ordem apresentada, buscam a solução (ou a resolução) de um problema. O algoritmo é muito utilizado em programação para dar molde, dar sentido ao código que será aplicado, neste caso, a linguagem de programação escolhida para o desenvolvimento do programa (*software*). Um algoritmo pode ser “especificado em linguagem comum, como um programa de computador, ou mesmo como um projeto de hardware. O único requisito é que a especificação deve fornecer uma descrição precisa do procedimento computacional a ser seguido” (CORMEN et al, 2002, p.4).

De acordo com Cormen et al (2002, p. 4), um algoritmo é dito correto se, para cada instância de entrada, ele para com a saída correta. Podemos dizer então que um algoritmo correto resolve o problema computacional dado. Um algoritmo incorreto pode não parar em algumas instâncias de entrada, ou então pode parar com outra resposta que não a desejada.

Reforçando o conceito de algoritmo podemos afirmar que:

Informalmente, um algoritmo é qualquer procedimento computacional bem definido que toma algum valor ou conjunto de valores como entrada e produz algum valor ou conjunto de valores como saída. Portanto, um algoritmo é uma sequência de passos computacionais que transformam a entrada na saída. Também podemos visualizar um algoritmo como uma ferramenta para resolver um problema computacional bem especificado. O enunciado do problema especifica em termos gerais o relacionamento entre a entrada e a saída desejada. O algoritmo descreve um procedimento computacional específico para se alcançar esse relacionamento da entrada com a saída (CORMEN et al, 2002, p. 3).

Didaticamente, podemos dividir os algoritmos em não estruturados e estruturados. Um exemplo simples de algoritmo não estruturado está associado ao que fazemos rotineiramente,

quando executamos algoritmos sem perceber. Quando nos levantamos pela manhã, quando saímos de casa, quando almoçamos. Estamos sempre executando tarefas enquanto realizamos análises de decisões, análises de possibilidades, validamos argumentos e diversos outros processos.

Há muitos exemplos de algoritmos. Um deles são os manuais de instruções. Manuais de instruções sempre contêm informações detalhadas sobre o que fazer em cada situação e nos previnem de maiores problemas.

Agora vamos imaginar uma situação cotidiana:

Situação: Dirigir até um restaurante e jantar. O que é preciso fazer para realizá-la?

1º Passo: Saia de casa.

2º Passo: Entre no carro.

3º Passo: Se a garagem estiver aberta, saia. Senão, abra-a e saia.

4º Passo: Dirija até o local desejado.

5º Passo: Se chegou, estacione o carro. Senão, continue até chegar e estacionar.

6º Passo: Se estacionou, retire a chave da ignição e saia do carro.

7º Passo: Tranque o carro e dirija-se ao restaurante.

8º Passo: Se o restaurante estiver aberto, entre e dirija-se ao maitre. Senão, volte para o carro. Procure outro restaurante aberto, entre e dirija-se ao maitre.

9º Passo: Procure um lugar para sentar-se.

10º Passo: Faça o pedido e aguarde.

11º Passo: Quando seu pedido chegar, jante.

12º Ao terminar de jantar chame o maitre e peça a conta.

13º Aguarde. Quando chegar a conta, pague.

14º Passo: Saia do restaurante e dirija-se ao carro.

15º Passo: Entre, ponha o cinto de segurança, ligue o carro e vá para casa.

Você conseguiu jantar?

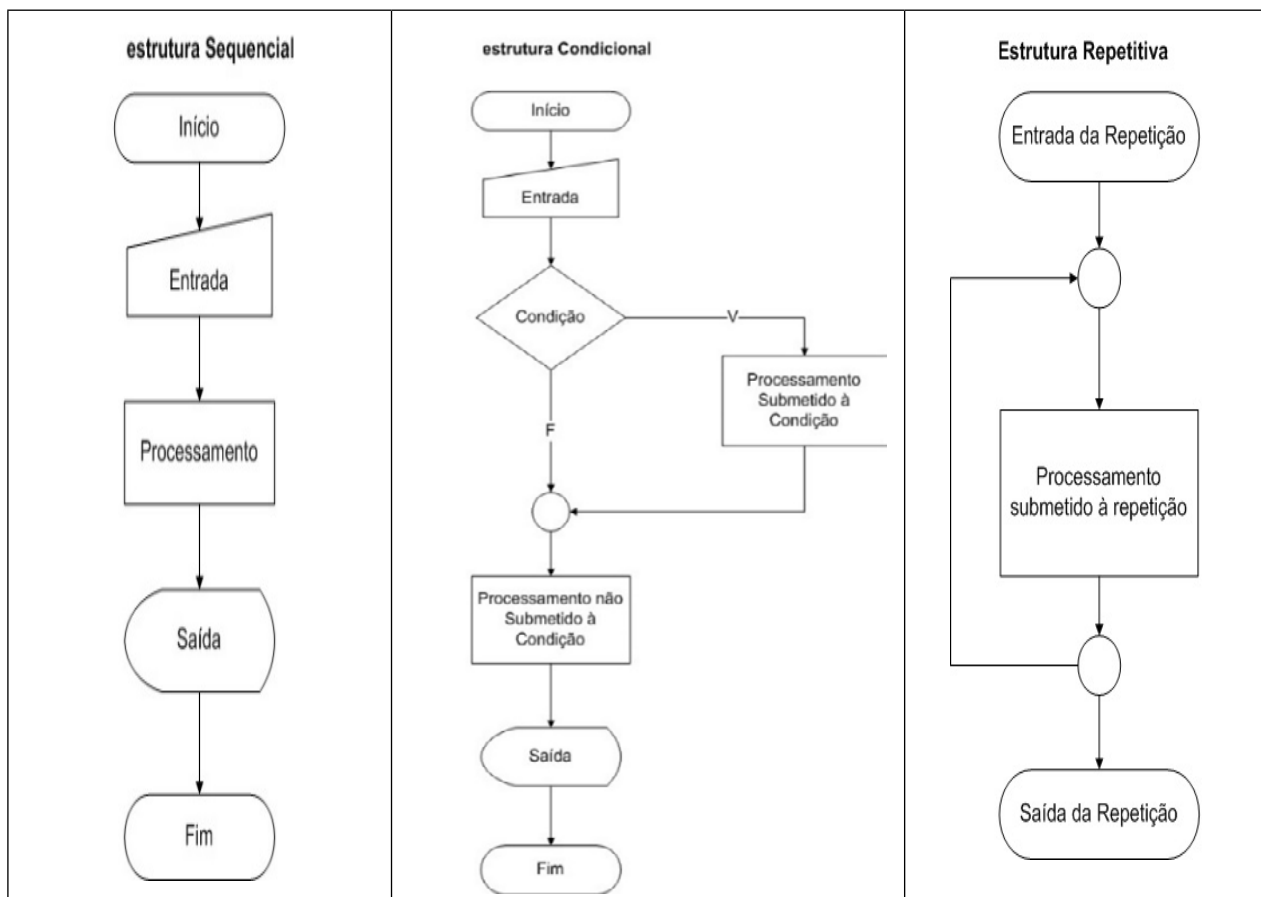
Viu como usamos algoritmos na vida? Agora pense desde quando acordamos até quando voltamos a dormir. Quantas tarefas necessitam de suas escolhas (ou decisões)? Com certeza, muitas. Lógico que não paramos para ver a vida detalhadamente, mas quando percebemos que o que fazemos faz parte de um grande algoritmo de decisões, escolhas, fica mais fácil entendermos como funciona um algoritmo computacional.

Agora vamos abordar os Algoritmos Estruturados, que são aqueles que buscam resolver problemas através do uso de um computador. São criados com base em uma linguagem de programação e podem ser escritos de diversas formas.

Um algoritmo pode ser representado pelo chamado Português Estruturado (ou Portugal), que é uma ferramenta que usa combinações de sequências, seleções e repetições. São evitados advérbios e adjetivos, formas verbais diferentes da imperativa, muita pontuação e descrição esparsa.

A programação estruturada é uma forma de programação de computadores que estabelece uma disciplina de desenvolvimento de algoritmos, independentemente da sua complexidade e da linguagem de programação na qual será codificado, que facilita a compreensão da solução através de um número restrito de mecanismos de codificação. Dentre os vários elementos chaves da Programação Estruturada, para efeito deste artigo, podemos citar as estruturas básicas de controle: sequência, condição e repetição, conforme apresentado no Quadro 1. Que são formas de raciocínio intuitivamente óbvias. A legibilidade e compreensão de cada bloco de código na solução é enormemente incrementada, proibindo o uso irrestrito de comandos de desvio incondicional (GOTO).

Quadro 1 - Exemplos gráficos de estruturas básicas de controle:



Fonte: Cormen et al (2002)

Como vimos acima, além do Fluxograma convencional, existem outros meios de representar de forma gráfica os algoritmos: o método chinês (ou teste de mesa) e o diagrama de Chapin. Podemos encontrar também a Descrição Narrativa e a Metalinguagem (Pseudocódigo), que são representações não gráficas dos algoritmos. Vejamos a seguir os conceitos de cada representação:

- Fluxograma: é um diagrama que descreve um processo, sistema ou algoritmo de computador. Usam retângulos, ovais, diamantes e muitas outras formas para definir os tipos de passos, assim como setas conectoras para definir fluxo e sequência.
- Método chinês (ou teste de mesa): Após o desenvolvimento de um algoritmo, é necessário verificar cada um dos passos que foram determinados, ou seja, efetuar um teste. Para isso, leia cada uma das instruções e anote o resultado de cada tarefa/passos, verificando possíveis erros ou outras formas de solucionar o problema.
- Diagrama de Chapin: também conhecido como Diagrama de Nassi-Shneiderman tal como o fluxograma, permite a visualização do fluxo lógico do algoritmo e é voltado para a programação estruturada.
- Descrição narrativa: é uma maneira de representar um algoritmo. Nesta maneira, os algoritmos são representados em linguagem natural, embora pouco utilizada, pois pode causar ambiguidade e imprecisões.
- Metalinguagem (Pseudocódigo): é uma forma genérica de escrever um algoritmo, utilizando uma linguagem simples (nativa a quem o escreve, de forma a ser entendida por qualquer pessoa) sem necessidade de conhecer a sintaxe de nenhuma linguagem de programação. Um exemplo de pseudocódigo é o Portugol.

3 APLICAÇÃO DOS ALGORÍTMOS NO COTIDIANO

Mas que tipos de problemas são resolvidos por algoritmos? A ordenação (classificação) não é de modo algum o único problema computacional para o qual foram desenvolvidos os algoritmos. As aplicações práticas de algoritmos são onipresentes e incluem os exemplos a seguir:

- ✓ O Projeto Genoma Humano teve como objetivos identificar todos os 100.000 genes do DNA humano, determinar as sequências dos 3 bilhões de pares de bases químicas que constituem o DNA humano, armazenar essas informações em bancos de dados e desenvolver ferramentas para análise de dados.
- ✓ A Internet permite que pessoas espalhadas por todo o mundo acessem e obtenham com rapidez grandes quantidades de informações. Para isso, são empregados algoritmos inteligentes com a finalidade de gerenciar e manipular esse grande volume de dados. Os exemplos de problemas que devem ser resolvidos incluem a localização de boas rotas (função exercida pelos roteadores), pelas quais os dados e o uso de um mecanismo de pesquisa para encontrar com rapidez páginas em que residem informações específicas, neste caso a empresa Google está na vanguarda das pesquisas sobre a utilização dos motores de busca, *robots* e a *WEB 4.0*.

- ✓ O comércio eletrônico permite que mercadorias e serviços sejam negociados e trocados eletronicamente. A capacidade de manter privadas informações como números de cartão de crédito, senhas e extratos bancários é essencial para a ampla utilização do comércio eletrônico. A criptografia de chave pública e as assinaturas digitais estão entre as tecnologias centrais utilizadas e se baseiam em algoritmos numéricos e na teoria dos números.
- ✓ Na indústria e em outras instalações comerciais, muitas vezes é importante alocar recursos escassos da maneira mais benéfica. Uma empresa petrolífera talvez deseje saber onde localizar seus poços para tomar máximo o lucro esperado.
- ✓ Um candidato a presidência da República talvez queira determinar onde gastar dinheiro em publicidade de campanha (sic) com a finalidade de ampliar as chances de vencer a eleição.
- ✓ Uma empresa de transporte aéreo pode designar as tripulações para os voos da forma menos dispendiosa possível, certificando-se de que cada voo será atendido e que as regulamentações do governo relativas à escala das tripulações serão obedecidas.
- ✓ Nas questões logísticas, temos um mapa rodoviário, no qual a distância entre cada par de interseções adjacentes é marcada, e nossa meta é determinar a menor rota de uma interseção até outra. O número de rotas possíveis pode ser enorme, ainda que sejam descartadas as rotas que cruzam sobre si mesmas. Como escolher qual de todas as rotas possíveis é a mais curta?

Segundo Cormen et al (2002) essa lista está longe de esgotar os exemplos, mas exibem duas características comuns a muitos algoritmos interessantes:

- 1) Existem muitas soluções eletivas, a maioria das quais não é aquilo que desejamos. Encontrar a solução que queremos pode representar um desafio.
- 2) Existem aplicações práticas. Dos problemas da lista anterior, o caminho mais curto fornece os exemplos mais fáceis. Uma empresa de transportes que utiliza caminhões ou vagões ferroviários tem interesse financeiro em encontrar os caminhos mais curtos em uma rede ferroviária ou rodoviária, porque percursos menores resultam em menor trabalho e menor consumo de combustível. Ou então, um nó de roteamento na Internet pode precisar encontrar o caminho mais curto através da rede, a fim de rotear uma mensagem com rapidez.

4 DOS ALGORITMOS À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Uma forma contemporânea de entendimento da potência dos algoritmos é revisitando Alan Turing. Podemos também entender o deslumbre que se apresenta na população quando falamos sobre Inteligência Artificial (IA). Inteligência é tida pelo processo mental de raciocínio e artificial que vem de uma estrutura não biológica. E muito se fala sobre Inteligência Artificial, nas questões de tomada de decisão e compreensão de eventos por computadores, concretamente objetos não biológicos e desprovidos de raciocínio.

O teste de Turing, proposto por Alan Turing (1950), foi projetado para fornecer uma definição operacional satisfatória de inteligência de acordo com Russel e Norvig (2013, p. 25).

O computador passará no teste se um interrogador humano, depois de propor algumas perguntas por escrito, não conseguir descobrir se as respostas escritas vêm de uma pessoa ou de um computador. Observou-se que programar um computador para passar no teste exige muito trabalho (RUSSEL, NORVIG, 2013, p. 25) e

- o computador precisaria ter as seguintes capacidades:
- processamento de linguagem natural para permitir que ele se comunique com sucesso em um idioma natural;
- representação de conhecimento para armazenar o que sabe ou ouve;
- raciocínio automatizado para usar as informações armazenadas com a finalidade de responder a perguntas e tirar novas conclusões;
- aprendizado de máquina para se adaptar a novas circunstâncias e para detectar e extrapolar padrões.

O campo interdisciplinar da ciência cognitiva reúne modelos computacionais da IA e técnicas experimentais da psicologia “para tentar construir teorias precisas e verificáveis a respeito dos processos de funcionamento da mente humana” (RUSSEL, NORVIG, 2013, p. 26).

Nos primórdios da IA, frequentemente havia confusão entre as abordagens: um autor argumentava que um algoritmo funcionava bem em uma tarefa e que, portanto, era um bom modelo de desempenho humano ou vice-versa. Os autores modernos separam os dois tipos de afirmações; “essa distinção permitiu que tanto a IA quanto a ciência cognitiva se desenvolvessem com maior rapidez” (RUSSEL, NORVIG, 2013, p. 27). Os dois campos continuam a fertilizar um ao outro, principalmente na visão computacional, que incorpora evidências neurofisiológicas em modelos computacionais.

Segundo Russel e Norvig (2013, p. 28) na abordagem inicial de “leis do pensamento” para IA, foi dada ênfase a inferências corretas. Às vezes, a realização de inferências corretas “é uma parte daquilo que caracteriza um agente racional porque uma das formas de agir racionalmente é raciocinar de modo lógico até a conclusão de que dada ação alcançará as metas pretendidas e, depois, agir de acordo com essa conclusão”. Por outro lado, a inferência correta não representa toda a racionalidade; em algumas situações, não existe nenhuma ação comprovadamente correta a realizar, mesmo assim algo tem de ser feito. Também existem modos de agir racionalmente que não se pode dizer que envolvem inferências. Por exemplo, afastar-se de um fogão quente é um ato reflexo, em geral, mais bem-sucedido que uma ação mais lenta executada após cuidadosa deliberação.

Todas as habilidades necessárias à realização do teste de Turing também permitem que o agente aja racionalmente. Representação do conhecimento e raciocínio permitem que os agentes alcancem boas decisões. Precisamos ter a capacidade de gerar sentenças compreensíveis em linguagem natural porque “enunciar essas sentenças nos ajuda a participar de uma sociedade complexa” (RUSSEL, NORVIG, 2013, p. 28). Precisamos aprender não apenas por erudição, mas também para melhorar nossa habilidade de gerar comportamento efetivo.

A álgebra booleana foi um grande avanço para a “matematização” da lógica. Segundo Strathern (2000, p. 14), a álgebra booleana surgiu em 1854 quando Boole publicou sua “Investigação das leis do pensamento”. Nesse trabalho, Boole sugeriu que

a lógica é uma forma de matemática, não uma filosofia. Como a geometria, ela se baseia num alicerce de axiomas simples. E assim como a aritmética tem funções essenciais como adição, multiplicação e divisão, a lógica pode ser reduzida a operadores como “e”, “ou”, “não”. Esses operadores podem ser postos para trabalhar num sistema binário. O “verdadeiro” e o “falso” da lógica são reduzidos aos 0 e 1 do sistema binário. A álgebra binária reduz, portanto, qualquer proposição lógica, não importa quantos termos possa conter, a uma seqüência (sic) simples de simbolismo binário. Isso podia ser contido numa tira de papel em que a álgebra binária fosse reduzida a uma seqüência (sic) de buracos (e não-buracos). Dessa maneira, todo um “argumento” ou programa lógico podia ser introduzido com facilidade numa máquina. Com dígitos binários, máquinas podiam seguir instruções lógicas e sua matemática ficava perfeitamente adaptada ao circuito elétrico ligado/desligado. Em conseqüência, o dígito binário (ou bit) iria acabar se tornando a unidade fundamental de informação em sistemas de computador (STRATHERN, 2000, p. 14).

Nessa altura o trabalho de Turing com a Colossus, havia aprofundado consideravelmente sua compreensão de mecanismos eletrônicos. Ele havia começado a refletir sobre o problema de como fazer máquinas imitarem a mente humana (STRATHERN, 2000).

Somando-se a isso, vem o rápido desenvolvimento dos robôs (ou robot). Os robôs são dispositivos eletromecânicos capazes de realizar trabalhos de maneira autônoma ou pré-programada. Os robôs vão aonde comumente são chamadas de tarefas sujas ou perigosas para a realização dos seres humanos, como por exemplo, locais mal iluminados ou insalubres. Outras aplicações são: tratamento de lixo tóxico, localização de minas terrestres, mineração, exploração subaquática e espacial e entre as aplicações mais nobres estão às cirurgias e busca e resgate. Os robôs industriais nas linhas de produção são a forma mais comumente utilizados, uma situação que está mudando recentemente com a popularização dos robôs comerciais limpadores de pisos e cortadores de gramas. Os robôs surgem também nas áreas do entretenimento e na execução de tarefas caseiras.

Segundo a definição da RIA (Robotics Industries Association), um robô seria um:

dispositivo **automático** que possui conexões de realimentação (feedback) entre seus sensores, atuadores e o ambiente, **dispensando** a ação do controle humano direto para realizar determinadas tarefas, podendo também haver robôs parcialmente controlados por pessoas. O grau de automatização de um robô pode atingir o nível de aprendizado automático, dependendo dos **algoritmos** (grifos nossos) utilizados - ainda que com muitas limitações, devido às óbvias dificuldades de simular a realidade em nível computacional.

O maior temor da Humanidade é o somatório de robôs de aparência humanoide + inteligência artificial + algoritmos altamente lógicos sendo igual ao controle e extermínio da espécie humana ($\Sigma \text{RIA} = \{\emptyset\}\text{H}$). Porém calma, estaremos salvos pelas três leis da Robótica de Isaac Asimov. São elas:

1ª Lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal;

2ª Lei: Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei;

3ª Lei: Um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis.

Mais tarde, Asimov acrescentou a “Lei Zero”, acima de todas as outras: um robô não pode causar mal à Humanidade ou, por omissão, permitir que a Humanidade sofra algum mal. Isso é o que podemos chamar de um algoritmo eficaz, eficiente e de alta efetividade.

5 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, DA FICÇÃO À REALIDADE

Dwar Ev soldou solenemente a junção final com ouro. A objetiva de uma dúzia de câmeras de televisão se concentrava nele, transmitindo a todo o universo doze enquadramentos diferentes do que estava fazendo.

Endireitou o corpo e acenou com a cabeça para Dwar Reyn, indo depois ocupar a posição prevista, ao lado da chave que completaria o contato quando fosse ligada. E que acionaria, simultaneamente, todos os gigantes computadores da totalidade dos planetas habitados do universo inteiro - noventa e seis bilhões de planetas - ao supercircuito que, por sua vez, ligaria todos eles a uma supercalculadora, máquina cibernética capaz de combinar o conhecimento integral de todas as galáxias.

Dwar Reyn dirigiu algumas palavras aos trilhões de espectadores. Depois de um momento de silêncio, deu a ordem:

- Agora, Dwar Ev.

Dwar Ev ligou a chave. Ouviu-se um zumbido fortíssimo, o surto de energia proveniente de noventa e seis bilhões de planetas. As luzes se acenderam e apagaram por todo o painel de quilômetros de extensão.

Dwar Ev recuou um passo e respirou fundo.

- A honra de formular a primeira pergunta é sua, Dwar Reyn.

- Obrigado - disse Dwar Reyn. - Será uma pergunta que nenhuma máquina cibernética foi capaz de responder até hoje.

Virou-se para o computador.

- **Deus existe?**

A voz tonitruante respondeu sem hesitação, sem se ouvir o estalo de um único relé.

- **Sim, agora Deus existe.**

O rosto de Dwar Ev ficou tomado de súbito pavor. Saltou para desligar a chave de novo.

Um raio fulminante, caído de um céu sem nuvens, o acertou em cheio e deixou a chave ligada para sempre.

“Resposta” (1954)

O pequeno conto acima, escrito por Frederic Brown (1906-1972), profetiza a visão da humanidade em relação à tomada de consciência das máquinas, e o medo do avanço da inteligência artificial.

No presente, ainda que a imagem vislumbrada por Brown não faça parte de nosso cotidiano, é evidente que a capacidade de processamento de dados por parte das máquinas já é expressivamente maior do que a dos seres humanos. Nesse sentido, Luz (2017, p. [1]), em entrevista a Machado (2017), enfatiza que:

a capacidade de compreender e apreender os algoritmos e os processamentos de dados que movem uma vida e a vida humana de maneira mais geral é muito maior, permitindo maiores e mais profundas interferências no ser humano, até mesmo a sua superação (MACHADO, 2017, p.1).

A Inteligência Artificial (IA) esteve presente no imaginário humano a ponto de vários filmes de ficção científica tratar dessa temática, projetando visões diferentes. Isso ocorre desde 1927, com o filme “Metrópolis” cujo enredo é baseado numa cidade futurista chamada Metrópolis, dividida entre a classe trabalhadora e os planejadores da cidade, o filho do mestre da cidade se apaixona por uma profeta da classe trabalhadora, que prevê a vinda de um salvador para mediar a diferença entre as classes; outro filme de grande repercussão à época foi “*Brade Runner*” de 1982, “*A.I Inteligência*

artificial” de 2001, outro interessante filme cujo título era: “Ela”, (2014), o trama se dá entre o homem e a máquina (computador). O protagonista acaba se apaixonando pela voz do sistema operacional do computador, iniciando assim uma espécie de relação amorosa nunca pensada. Por sua vez, o filme “*Eu robô*” (2004), teve como inspiração o livro de autoria de Isaac Asimov que recebeu o mesmo título. Outro filme que teve boa recepção por parte do público foi “*2001 uma odisseia no espaço*”. Os exemplos da ficção relatados representam o interesse do homem sobre as interferências das tecnologias em nossa vida.

Naturalmente, no campo acadêmico, esse interesse ganha outro status. O primeiro registro de pesquisa que trata especificamente da Inteligência Artificial dada de 1943, durante a primeira guerra-mundial, Warren McCulloch e Walter Pitts escrevem o artigo: “*A logical calculus of the ideas immanent in nervous activity*”, que trata basicamente de redes neurais e de estruturas de raciocínio artificiais em forma de modelo matemático.

Em 1950, Claude Shannon escreve um importante artigo para a área da IA, no artigo: “*Programming a computer for playing chess*”, sua preocupação era como programar uma máquina para jogar xadrez usando cálculos matemáticos. (SHANNON, 1950), ainda em 1950, Alan Turing já se preocupava em questões mais complexas, como se uma máquina poderia se comportar como um humano de modo a se passar por um. Para testar sua tese, ele desenvolveu um teste que ficou conhecido como “*Teste de Turing*” ou “*Jogo da imitação*” (TURING, 1950). Inclusive esta pesquisa virou filme com o nome “*O jogo da imitação*”.

No campo prático, têm-se inúmeros exemplos, como o do Marvin Minsky, que em 1951 construiu uma calculadora de operações matemática denominada de SNARC (VERWIJNEN, 2016), essa máquina simulava sinapses. Todos estes acontecimentos, de ficção ou de pesquisas, foram de grande importância para o avanço dos estudos da IA, no entanto, somente na conferência de Dartmouth, evento ocorrido no ano de 1956, que reuniu pesquisadores renomados como os já citados, Claude Shannon, Marvin Minsky dentre outros. Foi exatamente nesse evento que a área de pesquisa foi nominada de Inteligência Artificial.

Note-se que, até então, as pesquisas desenvolvidas, como as dos pesquisadores acima citados, não utilizaram esta expressão. Após esse evento, as pesquisas em Inteligência Artificial ganharam novos rumos, de modo que instituições públicas e privadas passaram a investir em pesquisas sobre Inteligência Artificial.

De fato, como visto desde 1943, estão sendo desenvolvidas inúmeras pesquisas e experimentos na área da IA. Estas pesquisas têm provocado consideráveis avanços na área em destaque, a exemplo do Perceptron de 1957, (ROSENBLATT, 1957), o primeiro Chatbot foi apresentado em 1964, batizado de Eliza, esta máquina era alimentada por palavras-chave e estrutura sintática, conversava com uma pessoa sem a interferência da ação humana ao ponto de imitar uma psicanalista. (SHUM; HE; LI, 2018). Todos estes exemplos demonstram o caminho percorrido pelas pesquisas em IA até o presente momento.

Na contramão dos investimentos e das inúmeras pesquisas acima apontados, durante os anos 70 e 80 e, posteriormente no início dos anos 90, tiveram alguns hiatos nos andamentos das pesquisas. Estes, provocados pela falta de investimentos, tais períodos ficaram conhecidos como inverno da inteligência artificial.

Com efeito, essa descontinuidade nas pesquisas teve como consequência o desaceleramento no avanço dessa área. Entretanto o atual cenário mostra que pesquisas em IA continuam sendo desenvolvidas. Na segunda metade dos anos 90, surge a internet comercial, esse fato culminou na evolução das pesquisas em IA de forma acelerada. Mais recentemente, as pesquisas em processamento de linguagem natural e os segmentos de telefonia móvel têm obtido sucesso nessa área. A exemplo da *google* com recurso de reconhecimento de voz, com a mesma funcionalidade, a *apple* lança a *Siri*. Por sua vez, em 2011, a IBM apresenta ao mercado *Watson*, um supercomputador que utiliza tecnologia na área da IA e usado em vários campos, como na área da saúde. Estes são apenas alguns exemplos do progresso da IA nos últimos anos.

Apesar de todo o avanço e proveito dos benefícios práticos da IA em nossa sociedade, há, entretanto, problemas decorrentes do uso dessa tecnologia. De fato, as várias possibilidades do uso das tecnologias que utilizam a IA associada ao amplo acesso à rede mundial de computadores (WWW) tem provocado, por parte de uma pequena parcela da sociedade, sua utilização sem considerar critérios éticos.

É exatamente nesse cenário, conforme defendido por Barreto (1998, p. 69), que a informação “modificou seu status científico quando seu destino vinculou-se ao conhecimento como fato cognitivo do sujeito e ao desenvolvimento como decorrência social natural da acumulação deste conhecimento”. Nos últimos vinte anos, a inserção dos aparatos tecnológicos, no dia a dia do cidadão comum, fez-se mais presente. De fato, a revolução tecnológica somada à dependência da sociedade, pelos atrativos e facilidades que as Novas tecnologias oferecem, fez com o “fenômeno da Informação, hoje completamente indissociável dos meios digitais” Ribeiro (2009, p. 113).

Assim, Capurro (2003, p. 11) acertadamente destaca que a informação está relacionada a “[...] processos cognitivos humanos ou a seus produtos objetivados em documentos”. Além do mais, conforme destacado por Brookes (1980), a informação é efetivamente um fenômeno relativamente específico para a CI. Assim, a inserção do aparato tecnológico a serviço do homem fez com que o século XX transformasse totalmente o contexto socioeconômico da sociedade como um todo. Por conseguinte as mudanças decorridas e intensificadas por meio do uso e desenvolvimento das telecomunicações, em todos os segmentos da sociedade, mudaram a natureza das ocupações de trabalhos. “Essa ‘revolução’, em que o computador desempenha um papel central, tem sido apontada como formadora de uma ‘sociedade pós-industrial” (BRANCO, 2006, p. 28). O computador não é simplesmente uma máquina, e sim um processador de informações de alta complexidade.

Nos dias atuais, com a veracidade das informações disseminadas. Considerando, principalmente, a importância, a rapidez e o alcance que esta informação será difundida. É nesse sentido que Carvalho (2009) defende que a revolução eletrônica tem uma contribuição importante nas transformações ocorridas nas formas de acesso à informação, tornando-se o diferencial da sociedade da informação.

6 ALGORITMOS E A MANIPULAÇÃO DO MUNDO REAL

Recentemente, o uso e a manipulação de informações principalmente através das mídias sociais, têm provocado debates, tanto do ponto de vista ético como legal e científico, sobretudo no que diz respeito à criação de mecanismos de combate à desinformação. Com efeito, o que está em jogo não é somente o consumo de notícias falsas, mas sim o impacto que estas têm na decisão dos rumos da sociedade de modo geral. Quando utilizadas para o consumo de notícias, as mídias sociais se tornam “uma faca de dois gumes”, onde de um lado oferece um serviço com um custo acessível com acesso a informações de todas as naturezas, e do outro permite disseminação de notícias falsas com um alcance internacional. Outra característica importante é que as informações são disseminadas de modo intencional, podendo provocar danos irreparáveis aos indivíduos diretamente atingidos, bem como à sociedade, conforme exposto por Shu et al. (2017), que assim sintetizam aos impactos negativos da ampla disseminação de notícias falsas sobre os indivíduos e a sociedade:

Primeiro, notícias falsas podem quebrar o equilíbrio de autenticidade do ecossistema de notícias. Por exemplo, é evidente que as notícias falsas mais populares foram ainda mais amplamente difundidas no Facebook do que as notícias tradicionais mais populares e autênticas durante a eleição presidencial nos EUA 2016. Segundo, notícias falsas intencionalmente convencem os consumidores a aceitarem crenças tendenciosas ou falsas. Notícias falsas são geralmente manipuladas por propagandistas para transmitir mensagens políticas ou influência. Por exemplo, alguns relatórios mostram que a Rússia criou contas falsas e bots sociais para se espalhar histórias falsas. Terceiro, notícias falsas mudam a forma como as pessoas interpretam e respondem a notícias reais. Por exemplo, algumas falsas notícias foram criadas para despertar a desconfiança das pessoas e deixar elas confusas, impedindo suas habilidades de diferenciar a verdade do que não é (SHU et al., 2017, p. 22).

Notícias falsas, em escala industrial, foram produzidas ao longo dos últimos anos e tiveram ,como principal mecanismo de difusão, as redes sociais – em especial o *Facebook* e, no Brasil, também o *Whatsapp*, pois no país este aplicativo de comunicação possui um papel relevante como rede social através da formação de grupos.

A divulgação em massa de notícias falsas se tornou comum desde as eleições presidenciais em 2018. Contudo, o que era visto como mera expressão de opinião política, manifestada na forma de posts com mensagens diretas e imagens de grande conteúdo simbólico, produzidas individualmente, por grupos ligados a movimentos sociais ou partidos, ganhou contornos de um grande escândalo internacional.

Antes das eleições brasileiras, em 2016, outras duas eleições relevantes para a economia e a política mundial, a da presidência americana e a do *Brexit*, foram permeadas por um ambiente de falsas notícias semelhante ao que se viu no Brasil. Segundo as apurações promovidas pela imprensa, em âmbito global, as três campanhas eleitorais contaram com a atuação da empresa *Cambridge Analytica* nos bastidores.

A *Cambridge Analytica* se dispunha a utilizar informações pessoais, coletadas ilegalmente das redes sociais, para elaborar conteúdos no sentido de “impulsionar comportamentos e atitudes – o voto – a favor de determinado candidato” (FLORES, 2017). O trabalho da empresa envolvia o mapeamento de tipos de personalidade, com o uso de conhecimentos das ciências comportamentais, subsidiando a elaboração de propagandas específicas para cada tipo mapeado.

A atividade da *Cambridge Analytica* estava fundamentada na psicometria, ciência que “procura explicar o sentido que têm as respostas dadas pelos sujeitos a uma série de tarefas, tipicamente chamadas de itens” (PASQUALI, 2009, p. 993). A análise dos dados individuais armazenados nas redes sociais, tratados como informações psicométricas, era feita por algoritmos altamente complexos que procuraram interpretar os usuários a partir de suas decisões cotidianas no ambiente virtual, permitindo a sua utilização para fins de elaboração de mensagens com o objetivo de influenciar suas decisões.

Com relação aos rumos que estavam tomando as eleições, tanto do *Brexit* quanto da presidência americana, Harari assim se posicionou:

Eleitores comuns estão começando a sentir que o mecanismo democrático não mais lhes confere poder. O mundo está mudando em toda a sua volta, e eles não compreendem como e por quê. O poder está sendo afastado deles, mas não sabem ao certo para onde foi. Na Grã-Bretanha eles imaginam que o poder pode ter migrado para a União Europeia, e por isso votam *Brexit*. Nos Estados Unidos os eleitores imaginam que o “establishment” monopoliza todo o poder, por isso apoiam candidatos antiestablishment, como Bernie Sanders e Donald Trump. A triste verdade é que ninguém sabe para onde foi o poder. O poder, definitivamente, não voltará para os eleitores comuns se a Grã-Bretanha deixar a UE ou se Trump assumir a Casa Branca (HARARI, 2016).

Neste caso, Harari parece fazer um paralelo com o fato de ambas eleições terem sido manipuladas, com a propagação de “*fakenews*”, o que enfraqueceria o sistema democrático, na medida em que a “real” opinião dos eleitores não teria sido respeitada. O mesmo teria acontecido no Brasil, com os mesmos atores nos bastidores e a mesma metodologia de abordagem utilizada.

A manipulação da realidade a serviço da política é um artifício conhecido há séculos. Chomsky, em sua obra que trata sobre propaganda política e manipulação, destaca que reescrever a história dos processos conflituosos, com a utilização dos recursos do estado em ações de propaganda em massa, é uma atividade vital para garantir a sobrevivência dos políticos.

Nestas ações de propaganda, **a representação** dos eventos, registrando a versão estatal dos fatos, **passa a ser tratada como realidade**. Com isso, Chomsky deixa claro que

É necessário, também, falsificar completamente a história. Essa é outra maneira de superar as tais restrições doentias: passar a impressão de que quando atacamos e destruímos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos, e assim por diante (CHOMSKY, 2013, p. 36).

A reconhecida manipulação da realidade pelos políticos ganha, na contemporaneidade, três pontos relevantes a serem destacados: o uso de tecnologias avançadas e algoritmos complexos para a análise de uma quantidade de informações jamais imaginada nas gerações passadas; o advento da sociedade em rede, especialmente em relação à sua conexão através das redes sociais; e a mudança do poder que, se até o início do século XX poderia ser facilmente identificado nas mãos dos políticos e empresários, ao longo do século foi se transferindo para a mídia.

O papel da mídia, enquanto principal poder na atualidade, é abordado pelo sociólogo Stuart Hall:

A velha distinção que o marxismo clássico fazia entre a —base econômica e a —superestrutura ideológica é de difícil sustentação nas atuais circunstâncias em que a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias (HALL, 1997, p. 2).

Enquanto Stuart Hall se ocupou do papel central da cultura moldando e regulando as decisões políticas globais, reinseridas em um novo contexto de relações de poder com a predominância da mídia; Manuel Castells, ao abordar a sociedade em rede, mostra “o papel exercido pela Internet na economia e na construção de uma nova sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p. 272). Ao tratar especificamente sobre o uso da Internet na política e, principalmente, como ferramenta para conversão de eleitores em potencial, com o seu uso por partidos para obterem informação “para ajustar sua publicidade”, Castells assim comenta:

Nesse sentido, o problema não é a Internet, e sim o sistema político. Mais uma vez, temos um *leitmotiv* da conferência que estou tentando transmitir-lhes: a ideia de que a sociedade se molda, a Internet converte-se em um

instrumento dinâmico de mudança social; lá onde existe burocratização política e política estritamente midiática de representação cidadã, a Internet é simplesmente um quadro de anúncios. É preciso mudar a política para mudar a Internet, então, o uso político da Internet pode converter-se em uma mudança política em si mesma (CASTELLS, 2003, p. 280).

Assim como a abordagem de Harari, a exposição de Castells, em relação à tecnologia, tem o sentido de que não são os seus avanços que conduzem aos problemas enfrentados pela humanidade. Por outro lado, o mal-uso feito pelos homens dos recursos tecnológicos disponíveis conduz aos problemas verificados em relação ao desequilíbrio das forças democráticas que, em uma escala mais ampla de análise, pode ser estendida até às questões de desigualdade em âmbito global, considerando a privatização da informação pelos grandes conglomerados de mídia (STORY, 2006, p. 11-27).

A realização das eleições americanas e do referendo junto aos cidadãos britânicos sobre a possibilidade de saída da União Europeia, bem como as eleições presidenciais brasileiras, a divulgação da metodologia da Cambridge Analytica nas campanhas eleitorais e dos escândalos envolvendo falhas na privacidade do Facebook, são fatos ocorridos a partir de 2016, um ano após o lançamento de Homo Deus por Yuval Harari.

Com isso, pode-se dizer que o seu questionamento em relação ao que aconteceria “à sociedade, aos políticos e à vida cotidiana quando algoritmos não conscientes, mas altamente inteligentes nos conhecerem melhor do que nós nos conhecemos”, está sendo vivenciado por nossa sociedade agora, no presente.

Visto que ainda não são conscientes, os algoritmos são produzidos pela humanidade e, portanto, com um determinado propósito. O uso e a manipulação de dados estão sempre a serviço de alguém, sendo, portanto, impregnado de pressupostos ideológicos, seja de um indivíduo, grupo social, governos ou empresas.

O filme “A Corporação” (2003) defende a ideia de que todas as relações humanas são comercialmente arbitradas. Neste sentido, pode-se dizer que o poder econômico, manifestado através dos grandes conglomerados, constituem uma parcela significativa dos interessados em fazer uso dos algoritmos para seus interesses econômicos, na medida em que interferem na percepção das pessoas, ditando não apenas padrões de consumo, mas também de comportamento, alterando o modo como as pessoas se relacionam entre si e em sociedade.

Harari ressalta o perigo de confiar o nosso futuro às forças do mercado “porque elas fazem o que é bom para o mercado e não o que é bom para o gênero humano ou para o mundo” (HARARI, 2016). Segundo o autor, ao ser deixado por conta própria, o mercado pode fracassar e não fazer o que é necessário para conter o aquecimento global, como também ao perigo em potencial representado pela inteligência artificial.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão de Yuval Harari, se considerarmos que todas as ações humanas podem ser traduzidas na forma de algoritmos, é possível antever que o Homo Sapiens, enquanto espécie, se tornará obsoleto, pois suas limitações serão superadas por máquinas com algoritmos mais complexos que as habilidades humanas. Segundo ele, observamos a aproximação dos organismos vivos – vistos como algoritmos bioquímicos –, dos algoritmos eletrônicos que, cada vez mais sofisticados, buscam simular os padrões de vida orgânica.

Em recente conversa com Mark Zuckerberg, Harari destaca que “estamos focando no problema errado quando falamos da inteligência artificial. A questão não é pensar robôs destruindo o mundo, mas pensar em máquinas realizando missões de extermínio” (HARARI e ZUCKERBERG, 2019). Portanto a visão sobre a inteligência artificial, vendida nas obras ficcionais no cinema e na literatura, se distancia dos problemas reais causados pelas novas tecnologias em desenvolvimento, que podem se constituir em uma ameaça à humanidade.

Em 2014, foi mundialmente noticiado que um programa de computador passou no Teste de Turing. Ao tentar distinguir uma máquina de um ser humano, dez dos trinta avaliadores foram convencidos de que o programa era um menino ucraniano chamado Eugene, iludindo 33% dos entrevistadores.

Para além dos programas que simulam nosso comportamento, e que em um futuro próximo poderão ser capazes de serem confundidos facilmente com qualquer ser humano, a utilização da inteligência artificial tem consequências para sociedade no presente. Sendo o caso mais notório nos últimos anos suas implicações para o futuro da democracia, dadas a sua interferência nos processos eleitorais.

De modo silencioso, imperceptível, algoritmos complexos determinam o que é visto nas redes sociais, quais produtos nos podem ser oferecidos para comprar e o que devemos pensar a respeito da política, de questões comportamentais e da vida em sociedade.

Cabe, portanto, à humanidade, na atualidade, determinar os rumos para o desenvolvimento da inteligência artificial, ainda que esta tarefa pareça improvável diante dos interesses de mercado, governamentais e políticos.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE CULTURAL BRASILEIRO. **Contos de Fredric Brown**. 28 abr., 2014. Disponível em: <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2014/04/contos-de-fredric-brown.html>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. O rumor do conhecimento. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 4. p. 69-77, out./dez. 1998. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_10.pdf. Acesso em: 9 jun. 2019.

BRANCO, Maria Alice Fernandes. Origens da ciência da informação. *In*: BRANCO, Maria Alice Fernandes. **Informação e saúde: uma ciência e suas políticas em uma nova era**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 13-51.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Part. I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, v. 2, p. 125-133, 1980.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CARVALHO, Kátia de. Redes Sociais: Presença humana e a comunicação informal. *In*: CARVALHO, Kátia de *et al.* **Redes sociais colaborativas: em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. p. 141-167.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. *In*: **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

CORMEN, Thomas H. *et al*; **Algoritmos: teoria e prática**. Tradução da segunda edição americana por Vandenberg D. de Souza. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FLORES, Paulo. **O que a Cambridge Analytica, que ajudou a eleger Trump, quer fazer no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/08/O-que-a-Cambridge-Analytica-que-ajudou-a-eleger-Trump-quer-fazer-no-Brasil>. Acesso em: 9 jul. 2019.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Editora Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o Século 21**. São Paulo, Cia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval; ZUCKERBERG, Mark. **Conversa divulgada no Youtube em 26/04/2019**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Boj9eD0Wug8>. Acesso em: 9 jul. 2019.

MACHADO, Ricardo. Homo Deus e a grande revolução algorítmica no século XXI. **Revista do Instituto Humanista da Unisinos**, ed. 516, n. 4, dez. 2017.

MCCULLOCH, Warren S.; PITTS, Walter. A logical calculus of the ideas immanent in nervous activity. **Bulletin of mathematical biophysics**, [S.l.] v. 5, 1943.

PASQUALI, Luiz. Psicometria. **Revista da Escola Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, p. 992-999, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe/a02v43ns.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2019.

RIBEIRO, Fernanda. Medicina e ciência da informação: uma abordagem integradora e interdisciplinar. DUARTE, zeny; Farias, Lúcio (org.). **A medicina na era da informação**. Salvador: Edufba, 2009. p. 111-125.

ROSENBLATT, Frank. **O perceptron, um autônomo percebendo e reconhecendo o Projeto Para**. Laboratório Aeronáutico de Cornell, 1957.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG Peter. **Inteligência artificial**. Tradução: Regina Célia Simille. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SHANNON, Claude E. XXII. Programming a computer for playing chess. **The London, Edinburgh, and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science**, v. 41, n. 314, p. 256-275, 1950.

SHU, Kai *et al.* Fake News Detection on Social Media: A Data Mining Perspective. **ACM SIGKDD Explorations Newsletter**, New York, v. 19, n. 1, 2017, p. 22-36.

SHUM, Heung-Yeung; HE, Xiao-dong; LI, Di. From Eliza to Xiaolce: challenges and opportunities with social chatbots. **Frontiers of Information Technology & Electronic Engineering**, v. 19, n. 1, p. 10-26, 2018.

STORY, Alan. **The copy/South dossier**: Issues in the economics, politics, and ideology of copyright in the global South. South Research Group, 2006.

STRATHERN, Paul. **Turing e o computador**: em 90 minutos. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Ed. Zahar, 2000.

TURING, Alan. Computing intelligence and machinery. **Mind**, v. 59, n. 2236, p. 433-460, 1950.

VERWIJNEN, J. **Marvin Minsky-the father of AI**. Helsinki: University of Helsinki, 2016.

Recebido/ Received: 27/07/2021
Aceito/ Accepted: 20/08/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalqual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)

**CONEXÕES ENTRE CONCEITOS DE DIREITOS HUMANOS,
ARQUIVO E MEMÓRIA**

CONNECTIONS BETWEEN HUMAN RIGHTS, ARCHIVE AND MEMORY CONCEPTS

Leandro Coutinho Silva

Doutorando e mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Bacharel em Arquivologia pela UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa G-Acervos/UFBA. E-mail: leandrocoutinhosilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7317-308X>

Zeny Duarte de Miranda

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFBA). Doutora em Letras pela UFBA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa G-Acervos/UFBA. Memorialista. Escritora.. E-mail: zenydu@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0365-6905>

Diego Rabelo Nonato

Museólogo e Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (PPGMP/UFPeL). E-mail: diego_rabello@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8782-4472>

Eduardo Roberto Jordão Knack

Docente do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande. (CH/UFCG). Doutor e mestre em História pelos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), respectivamente. E-mail: eduardorjk@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7261-7750>

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar reflexões e conexões entre conceitos de direitos humanos, arquivo e memória. Embora sejam conceitos diferentes por natureza e pouco estudados pela Arquivologia e Ciência da Informação, esta abordagem destaca elementos que os aproximam. Os direitos humanos, enquanto direitos históricos e heterogêneos, de difícil conceituação, sobretudo pelos profissionais da informação, fruto do

ABSTRACT

The aim of this paper is to present reflections and connections between concepts of human rights, archive and memory. Although they are different concepts in nature and not commonly studied by Archivology and Information Science, this approach highlights elements that bring them together. Human rights, as historical and heterogeneous rights of difficult conceptualization, especially by information professionals, which is a result from the development of societies, end up being elements that offer meaning to their interfaces. Thus, this research

desenvolvimento das sociedades, acabam sendo elementos que oferecem sentido às suas interfaces. Assim, esta pesquisa reflete sobre a compreensão que se tem acerca dos arquivos de direitos humanos, sinalizando que tal classificação não está apenas relacionada à espécie documental, mas também, ao valor secundário dos documentos. No tocante aos procedimentos metodológicos, esse estudo, com enfoque descritivo e de abordagem qualitativa, utiliza como procedimento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica. Os resultados demonstram que a Arquivologia e a Ciência da Informação devem ampliar espaços de reflexões acerca do conceito de direitos humanos, sobretudo no sentido de compreender, tanto a sua natureza política quanto o papel político do profissional da informação, na afirmação dos ditos direitos. Conclui-se que uma sociedade que respeita os direitos humanos deve disponibilizar, amplamente, à sociedade, suas memórias – materializadas – por meio dos documentos de arquivo.

Palavras-chave: direitos humanos; arquivo; memória; arquivologia; ciência da informação.

reflects on the understanding of human rights archives, indicating that such classification is not only related to the documentary species, but also to the secondary value of the documents. Regarding the methodological procedures, this study, with a descriptive approach and a qualitative approach, uses the bibliographic research as a data collection procedure. The results demonstrate that Archivology and Information Science should broaden spaces for reflection on the concept of human rights, especially in order to understand both its political nature and the political role of the information professional in the affirmation of these rights. It follows that a society that respects human rights must make its memories - materialized - widely available to society through archival documents.

Keywords: human rights; archive; memory; archival science; information science.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar conexões entre conceitos de direitos humanos, arquivo e memória. Apesar da distinção entre seus conceitos – pouco estudados pela Arquivologia, bem como pela própria Ciência da Informação, sobretudo a partir desta perspectiva – acaba sendo quase que impossível, na prática, dissociá-los.

As reflexões de Bobbio (2004) acerca dos direitos humanos ajudam a compreender a correlação entre esses conceitos. Para ele, os direitos humanos, enquanto direitos históricos e heterogêneos, em constante resignificação, fruto das transformações sociais sofridas pelas sociedades, precisam, para serem concebidos como tal, estar regulamentados a partir dos ordenamentos jurídicos dos países.

Nesse sentido, as memórias, materializadas por meio dos arquivos, são necessárias para que esses direitos sejam, de fato, efetivados. Em outras palavras, a preservação do patrimônio documental contribui – uma vez que ele registra as ações do Estado, sobretudo em regimes de exceção, porém não somente neles – para a efetivação e consolidação dos direitos humanos.

Esses regimes de exceção, excessivamente burocratizados, para garantia da manutenção da política de repressão, em especial aos que resistiam ao autoritarismo, produziram uma grande

quantidade de documentos. Sobre esses registros, Caswell (2014, p. 208) afirma que são “conjuntos documentais que registram abusos de poder violentos e sistemáticos”.

Ou, como a própria autora assim os define, são os “arquivos de direitos humanos”. Esses registros, de valor secundário e com uma diversificada tipologia documental, contribuem para o oferecimento de direitos individuais e coletivos aos que, de alguma forma, sofreram (ou sofrem) algum tipo de violação.

Porém, essa definição, muito por influência da dificuldade do campo informacional em compreender as especificidades que envolvem os direitos humanos, acaba gerando certa divergência, como aponta Ferro (2014, p. 48):

Falta, por parte dos profissionais da informação, tanto uma reflexão teórica sobre os direitos humanos quanto o conhecimento dos dispositivos legais que garantem e protegem estes direitos. Estas duas condições seriam um dos motivos para a dificuldade encontrada pelo campo informacional em estabelecer o conceito “arquivos de direitos humanos”.

Nesse sentido, a escolha desse tema justifica-se pelo fato de que há poucas formulações no interior dos estudos informacionais acerca das relações entre direitos humanos, arquivo e memória, bem como pela necessidade de um maior aprofundamento em relação ao conceito de arquivos de direitos humanos.

A compreensão desse fenômeno deve cumprir a função de aprofundar e garantir o direito de acesso à informação de modo a exercer, de maneira elementar, o exercício cotidiano de democratização ao acesso às informações.

Sobre os procedimentos metodológicos, esta pesquisa, com um enfoque descritivo e de abordagem qualitativa, utiliza como procedimento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica.

Este artigo fora dividido em cinco partes. A introdução é a primeira; os conceitos de direitos humanos, arquivo e memória são abordados na segunda; os arquivos de direitos humanos, na terceira parte; na quarta, apresenta-se a memória na Arquivologia e, na quinta e última, são expostas as considerações finais.

2 DIREITOS HUMANOS, ARQUIVO E MEMÓRIA: TEORIAS E CONCEITOS

Direitos humanos, arquivo e memória, apesar de conceitos díspares, possuem elementos que os aproximam, e é impossível dissociá-los. O arquivo, além de representar a memória em um estado material, contribui para a defesa dos direitos humanos.

O pós-Segunda Guerra Mundial é um marco temporal na luta pela internacionalização dos direitos humanos. Naquele momento, com o surgimento do sistema internacional de direitos humanos, a partir da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, consolidou-se o entendimento de que a proteção aos referidos direitos não deve ser uma luta isolada de cada Estado, mas, sim, uma pauta de interesse internacional.

Essa luta ganhou força com o surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), adotada pela ONU em 1948, em resposta às violações cometidas pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Esse documento, do qual o Brasil é signatário desde sua criação, representou um marco para a “afirmação histórica da plataforma emancipatória do ser humano representada pela promoção destes direitos como critério organizador e humanizador da vida coletiva na relação governantes-governados” (LAFER, 2008, p. 298).

A DUDH representa – reconhecendo a pluralidade e a complexidade do conceito de direitos humanos – uma tentativa de uniformização e internacionalização das discussões que envolvem a preservação da dignidade humana e as liberdades individuais, como é observado em seu Artigo 2º:

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania (ONU, 1948, Art. 2º).

Com o surgimento e aprofundamento das Constituições, mundo afora, o entendimento acerca dos direitos humanos vem sendo ampliado. É possível identificar uma estreita relação entre o constitucionalismo, compreendido enquanto um regime político, e os direitos humanos, visto que o primeiro acaba por estruturar as bases jurídicas para o exercício do segundo.

Nesse sentido, os sistemas regionais de direitos humanos, criados a partir do desenvolvimento do sistema global proposto pela ONU, a exemplo do interamericano, do europeu e do africano, vêm potencializando a luta pelo respeito à dignidade da pessoa humana pelo mundo. Sobre eles, Piovesan (2005, p. 45) argumenta que:

Os sistemas global e regional não são dicotômicos, mas complementares. Inspirados pelos valores e princípios da Declaração Universal, compõem o espectro instrumental de proteção dos direitos humanos no plano internacional. Nessa ótica, os diversos sistemas de proteção de direitos humanos interagem em benefício dos indivíduos protegidos. Ao adotar o valor da primazia da pessoa humana, esses sistemas complementam-se, somando-se ao

sistema nacional de proteção a fim de proporcionar a maior efetividade possível na tutela e promoção de direitos fundamentais. Estes são a lógica e o conjunto de princípios próprios do Direito dos Direitos Humanos.

Esses sistemas, com suas especificidades próprias, fruto das demandas de cada continente, estão sendo responsáveis por contribuir para o processo de universalização da proteção e defesa dos direitos humanos nos continentes.

O sistema africano, relativamente novo, datado da década de 1980, é fruto das lutas pela descolonização do referido continente é regido pela Carta Africana sobre Direitos Humanos e dos Povos, ou Carta de Banjul. A instabilidade política dos governos do continente africano, entre outros fatores, vem dificultando, na prática, a consolidação do sistema no continente.

Sobre o sistema interamericano, o volume I do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV) afirma que:

tem contribuído para a consolidação do direito à memória e à verdade histórica por meio do trabalho da CIDH e da Corte IDH, instâncias impulsionadas pelas demandas das vítimas e familiares na busca da verdade. Desde 1988, a jurisprudência da Corte IDH tem afirmado a necessidade de que o dever de investigar as graves violações de direitos humanos seja cumprido como um dever jurídico próprio dos Estados, e não como uma simples gestão de interesses particulares que dependa da iniciativa processual da vítima ou de seus familiares, ou do aporte privado de elementos probatórios, sem que a autoridade pública busque efetivamente a verdade (BRASIL, 2014, p. 35).

Do ponto de vista da interpretação política, interna e externa a cada país, os direitos humanos funcionam como um termômetro de funcionamento das instituições e dos regimes pelo mundo. Porém, como todo elemento de construção social, do ponto de vista das relações geopolíticas, também pode se transformar em uma ferramenta discursiva para substituição de governos por parte de nações poderosas.

Os direitos humanos são fruto de uma construção social, carregada de simbologia, influenciada pelo passado e ressignificada pelo presente. Os avanços obtidos pelas sociedades contemporâneas acerca desses direitos, em linhas gerais, são resultado da resistência e pressão social dos setores organizados.

Nessa perspectiva, os direitos humanos – que possuem como força-motriz o respeito à dignidade da pessoa humana – vêm incorporando, com o passar dos anos, alguns elementos e, assim ampliando o seu escopo de atuação. Sobre isso, Borges (2010, p. 5) afirma que hoje eles seriam “um conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico, buscam concretizar as exigências da dignidade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da solidariedade humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente, em todos os níveis”.

É preciso, para a garantia dos referidos direitos, que as informações produzidas e registradas pelo Estado sejam socializadas. Em outras palavras: o acesso à informação, concebido como um direito fundamental, contribui para a consolidação e efetivação dos direitos humanos, como afirma o Conselho Internacional de Arquivos (CIA):

Arquivos são úteis na luta por direitos humanos. Muitos deles são essenciais para assegurar direitos e benefícios: documentos pessoais, documentos de programas de segurança social, documentos referentes à saúde e segurança no trabalho, documentos de serviço militar. Alguns ajudam a comprovar direitos civis: registros de eleitores, títulos de propriedade, documentos de cidadania. Outros fornecem evidência de violações de direitos humanos, como documentos de unidades militares, policiais e de inteligência de períodos de ditadura, bem como documentos de prisões, hospitais, necrotérios e cemitérios (CIA, 2016, p. 2).

A partir daí é possível perceber a importância dos registros informacionais para a efetivação dos direitos humanos, visto que eles armazenam os testemunhos tanto do Estado quanto da sociedade civil.

O arquivo, enquanto o conjunto de documentos ordenados a partir de uma lógica própria, tem como finalidade o armazenamento da informação registrada. Assim, os documentos de arquivo – que podem ser tanto impressos quanto em formato digital, esta última modalidade muito mais explorada nesta era – representam os testemunhos ou as provas das ações do seu criador, independentemente de onde e de quem os tenha produzido.

Ricoeur (2007) vai além ao afirmar que o arquivo não se resume a um ambiente onde os registros informacionais são custodiados, mas constitui também um espaço carregado de responsabilidade social, influenciado pelas relações e disputas de poder que permeiam as sociedades. A atenção do autor volta-se para a compreensão do que denominou de “fase documental” da memória, quando os “rastros” (qualquer indício, testemunhas, objetos, documentos, lembranças, que atestem a existência do passado, que conectem o presente com o passado) passam por um processo de arquivamento e se transformam em documentos.

Está no escopo das reflexões de Ricoeur (2007) entender o que acontece com o rastro ao passar pelo processo de arquivamento, operação anterior ao próprio arquivo. As primeiras mudanças identificadas pelo autor são as que afetam a espacialidade e a temporalidade dos rastros. A referência ao “aqui e agora” que permeiam a temporalidade e espacialidade da testemunha/documento é afetada quando seu relato passa ao arquivo. Desloca-se o espaço corporal, vinculado ao ambiente em que as experiências vividas são rememoradas, o espaço da experiência é alterado,

bem como o registro da experiência temporal, pois o rastro transformado em arquivo passa a ser inserido na dimensão do tempo histórico.

Dessa forma, o calendário, sinaliza Ricoeur (2007, p. 164), “consiste em uma modalidade propriamente temporal de inscrição, a saber, um sistema de datas extrínsecas aos acontecimentos”. Ocorre que com a transição para a fase documental, o lugar que o corpo/rastro ocupa na memória viva, com sua localização temporal, torna-se qualquer lugar ou qualquer data em um espaço habitado e um tempo do calendário, constituindo mais um, entre tantos outros lugares.

O arquivo é um lugar físico destinado a abrigar o que Ricoeur (2007) denomina de “rastro documental”. O arquivamento, o gesto de selecionar e separar determinados rastros para se tornarem provas documentais possui um lugar social, está associado à Arquivística, uma disciplina vinculada a instituições de saber. Portanto, esse gesto de selecionar é também político, está relacionado com necessidades e objetivos de determinados grupos sociais que se envolvem nesse processo.

O arquivo rompe com a memória e o testemunho. O documento escrito arquivado, diferente do testemunho, não tem um interlocutor preciso, ele está aberto a quem interessar ler. Os arquivos são “órfãos”, desligaram-se dos autores que os puseram no mundo, e “a mudança de signo que faz do texto órfão um texto dotado de autoridade, está ligada ao acoplamento do testemunho como uma heurística de prova”, salienta Ricoeur (2007, p. 179). Pede-se ao testemunho o caráter de prova em tribunal, da mesma forma que o historiador solicita ao documento o caráter de verdade - esse frenesi documental é característica de nossa época.

Destarte, torna-se difícil, ou quase impossível, estabelecer apenas um conceito de arquivo, muito menos um entendimento cristalizado acerca desse termo. Rousseau e Couture (1994), argumentam que o arquivo não pode ser compreendido como um conjunto de documentos, mas, sim, um conjunto de informações, visto que a informação arquivística ultrapassa as barreiras do seu suporte.

O arquivo, reflexo da instituição e/ou do indivíduo que o produziu, é envolto em responsabilidade social. Nele os fenômenos sociais são materializados por meio de registros, oferecendo à sociedade a possibilidade de uma consciência histórica sobre o seu passado, uma vez que constitui, segundo Schelleberg (2015, p. 289) a “maneira de transmitir herança cultural, por conter ideias e princípios em que se baseiam os governos, a explicação da complicada organização social e econômica humana, e a prova de sua evolução material e intelectual”.

Assim, além de reunir testemunhos, o arquivo é o lugar onde as memórias são armazenadas. Essas memórias – a partir do momento em que elas são socializadas à sociedade, ou a quem delas necessite – contribuem à consolidação dos direitos à memória, à verdade e à justiça, bem como ao fortalecimento da democracia e do exercício político de cada cidadão.

Essa socialização pode também evitar que as futuras gerações, compreendendo a historicidade e a identidade cultural do seu povo, cometam os erros de outrora. Nesse sentido, conhecer o passado por meio das memórias documentais, segundo Fontes (2017), torna-se importante para que possamos entender o presente e, ao mesmo tempo, apontar para o futuro.

A partir do momento em que essas memórias, materializadas mediante os documentos de arquivo, são transferidas dos seus órgãos produtores ou acumuladores para os arquivos públicos, elas passam a integrar a memória nacional do país, ficando, depois de um tratamento arquivístico, disponíveis à sociedade.

Assim, a memória, compreendida como resultado de um processo de construção social, traz consigo a função de salvaguardar o passado. Vista de outra forma, ela representa, grosso modo, uma das fontes de informação para que os historiadores possam interpretar os fatos e, sob o seu prisma, reconstituir realidades passadas.

Segundo Oliveira (2010, p. 34), memória é a “capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, evocá-los e retransmiti-los as novas gerações, graças a um conjunto de funções psíquicas”. Porém, assim como na escrita da história, é preciso não desconsiderar os elementos subjetivos, identitários, ideológicos e políticos que acabam por manipular, conscientemente ou não, a conformação dessas memórias, bem como promover determinados esquecimentos.

As memórias – além de estarem em constante processo de transformação – são objetos de disputas de poder, sobretudo porque as que se tornam oficiais, acabam por influenciar a compreensão dos sujeitos sobre o seu passado, como expõe Le Goff (1990, p. 368):

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Há em outras palavras uma guerra de memórias, ou de narrativas, sobre a história. E, nesse sentido, os setores dominantes, tradicionalmente, acabam por promover, em função de seus interesses, o esquecimento e o esvaziamento de algumas dessas memórias.

Contudo, é necessário frisar um aspecto a fim de evitar qualquer tipo de confusão epistemológica sobre a questão. Podemos dizer que toda “memória oficial” é coletiva pois ao menos aqueles que detêm o poder e/ou que simpatizam com ele compartilham os mesmos elementos. Mas nem toda memória coletiva é oficial. Todo grupo que compartilha certas informações que auxiliam o ato de lembrar pode ser indicado como possuidor de uma “memória coletiva”, como afirma Halbwachs (2006).

Fica evidente, diante do exposto, perceber as relações entre direitos humanos, arquivo e memória. Esses conceitos, fruto das relações sociais de distintos momentos históricos, trazem consigo um elemento que os interliga: a sua relação com o direito à informação.

3 OS ARQUIVOS DE DIREITOS HUMANOS

Por mais que alguns pesquisadores do campo dos estudos informacionais sinalizem que em todo registro há elementos que dialogam com os direitos humanos, é preciso compreender que esses arquivos trazem informações e características específicas. Na definição de Caswell (2014, p. 208), eles são:

[...] documentos burocráticos criados durante os abusos, documentação criada por defensores dos direitos humanos e advogados após os fatos consumados para uso em julgamentos, tribunais e comissões da verdade; histórias registradas por sobreviventes, pelas famílias e comunidades de vítimas para recordar o morto e forjar a memória coletiva da injustiça passada; e, cada vez mais, provas forenses como amostras de DNA e imagens de satélite que estabelecem provas científicas de violência em larga escala.

Os arquivos de direitos humanos são classificados como tal não a partir da sua espécie documental, mas pelo seu valor secundário, uma vez que as informações neles armazenadas são agora utilizadas com a finalidade diferente da qual foram criadas.

Esses registros, em muitos dos casos produzidos com o objetivo de instrumentalizar e legitimar as violações aos direitos humanos, ou seja, para servir a administração, trazem testemunhos que contribuem para o oferecimento de direitos individuais e coletivos, bem como a rememoração do passado e a construção ou reconstrução da história em relação a regimes autoritários e repressivos.

Essas violações, sobretudo as cometidas pelos Estados de exceção, a exemplo da Alemanha nazista e as ditaduras militares na América Latina, representavam, na prática, uma política estatal. Na atualidade, o Poder Judiciário utiliza esses registros como fonte de consulta permanente para o esclarecimento desses fatos.

É preciso, porém, compreender o contexto histórico em que esses documentos foram produzidos, assim como quem os produziu, para que eles sejam, reconhecendo a complexidade desses registros, classificados como de direitos humanos. Sobre isso, Fernandes (2017, p. 48) sinaliza que:

A identificação do que significa matéria de direitos humanos em um arquivo pode não ser nada óbvia. Se o próprio acesso às informações e sua eventual restrição são matérias de direitos humanos, a pertinência dos documentos não é dada apenas pelo seu texto, mas também por critérios que interessam de perto à arquivística, pertinentes à produção do documento e seus autores.

Os arquivos de direitos humanos, ou, em outras palavras, os arquivos da repressão, a exemplo dos produzidos pelo Estado brasileiro durante a ditadura militar, foram criados para, além de contribuir para a sustentação do regime, forjar provas contra os que resistiam a ele.

Porém não foi apenas o Estado repressor que nesse período produziu esses registros. Os que resistiam ao regime, em especial as organizações de esquerda, bem como os familiares dos desaparecidos e perseguidos políticos, também registraram suas informações no tocante às violações aos direitos humanos.

Esses registros, além de fornecerem evidências históricas acerca de como se estruturou a resistência e a repressão durante a ditadura, trazem luz acerca de alguns pontos até então pouco estudados por pesquisadores, arquivistas e historiadores – a exemplo de como os governos militares dependiam dos registros informacionais para a implementação da sua política de repressão. Sobre isso, Bauer (2012, p. 260) aponta que:

A intrínseca relação com a ação repressiva evidencia uma peculiaridade desses fundos documentais, chamada por alguns pesquisadores de “efeito bumerangue”: os documentos que conformam os acervos provenientes das forças repressivas servem no presente para uma atividade diretamente oposta a sua origem. Produzidos para coordenar as ações repressivas, agora podem ser usados para compensar as vítimas pelas arbitrariedades e violações a seus direitos humanos. Tais arquivos, que foram absolutamente necessários para o exercício das atividades repressivas, convertem-se, no novo regime, em um instrumento social insubstituível para conformar as novas relações sociais.

Ou seja, se nesse período os documentos produzidos sobretudo pelos órgãos públicos de informação tinham como objetivo subsidiar a política de repressão, agora eles servem à solidificação da justiça de transição que vigora no Brasil desde o final da ditadura. Essa justiça, em outras palavras, representa um momento de transição de regimes autoritários para democracias e, por consequência, a superação dos resquícios autoritários ainda latentes na estrutura dos Estados e das sociedades.

A partir daí é possível perceber as relações entre os arquivos de direitos humanos, a consolidação da democracia e a efetivação dos direitos à memória, à verdade, à reparação e à justiça. Esses registros trazem evidências históricas que nos ajudam a entender o papel do Estado e dos seus agentes nessas violações, como apresenta Santos (2016, p. 81):

Ao colocar essa documentação à disposição da sociedade, possibilita-se sua utilização para diversas finalidades, dentre elas, a formulação de Reformas Institucionais e políticas públicas de não repetição; a realização de investigações e apurações de responsabilidades individuais e institucionais; a construção de espaços de memória; o esclarecimento de violações de direitos humanos a partir de comissões da verdade estaduais, municipais e setoriais; entre outras medidas que almejam alcançar uma efetiva justiça de transição.

Porém a abertura plena desses arquivos – diferente do que aconteceu em outros países da América Latina, a exemplo da Argentina e do Chile – ainda não aconteceu, de fato, no Brasil. Desde o término da ditadura, ocorrida formalmente em 1985, quando o Congresso Nacional via colégio eleitoral elegeu Tancredo Neves à Presidência da República, que morre pouco antes de assumir, até o exato momento, nenhum governo federal ousou exigir que as Forças Armadas promovessem a abertura completa dos arquivos desse período.

Por mais que a Lei de Acesso à Informação (LAI), em vigor desde 2012, assim como a criação da CNV, e as comissões surgidas a partir desta, tenham representado um avanço quanto à rememoração desse passado, muitos registros informacionais, sobretudo os produzidos pelos organismos de inteligência, ainda se encontram sob a guarda dos militares. Sobre isso, Joffily (2012, p. 137) afirma que:

De fato, embora o Brasil seja o país – entre seus vizinhos latino-americanos – a possuir o maior conjunto de arquivos sobre a repressão política, não se logrou forçar o aparecimento dos acervos dos principais centros de repressão política: o Centro de Informações do Exército (CIE), o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (Cisa) e os Destacamentos de Operação de Informações – Centros de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi). É nesses acervos que se poderá encontrar informações importantes, que conduzam à localização dos corpos de militantes políticos desaparecidos, e não em meio a papéis acumulados pelo cidadão comum.

As Forças Armadas, logo após o término da ditadura, buscaram promover o esquecimento de algumas dessas memórias. E não era para menos: pois em muitas delas – materializadas em documentos de arquivo – constam as provas dos crimes cometidos pelos militares.

Era preciso, além de inviabilizar a abertura dos referidos arquivos, disputar as narrativas acerca da ditadura para que a memória nacional desse período não estivesse associada ao discurso dos setores que resistiam ao regime.

A pesquisa documental representa a principal fonte de informação para a construção dessas memórias, mesmo reconhecendo que, como aponta Derrida (2001), o elemento da não neutralidade acaba por influenciar a criação desses registros, especialmente em um período tão conturbado como foi à ditadura.

Esses registros informacionais, carregados de heterogeneidade, contribuíram para que a CNV, assim como as outras comissões criadas, pudesse identificar e sistematizar relatos que ajudaram à rememoração desse período. Sobre isso, a própria CNV sinaliza que:

Merece realce o trabalho dos pesquisadores da CNV no acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), uma vez que ali se encontram reunidos os documentos produzidos pelos departamentos de ordem política e social (DOPS) dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, e da então capital federal do Rio de Janeiro. Em função da forte presença da comunidade de informações que se formou no período do regime militar na cidade do Rio de Janeiro, documentos oriundos de outros órgãos, como o CISA, o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), o Centro de Informações do Exército (CIE) e o SNI, circularam e foram difundidos para o DOPS. Deve-se destacar também o acervo existente nesse arquivo público referente ao serviço de informações do DOPS, responsável pela qualificação e explanação da trajetória de opositores do governo, do qual emergiram documentos importantes para o levantamento de informações sobre essas pessoas. (BRASIL, 2014, p. 59).

Ou seja: há uma relação de dependência entre esses organismos e os documentos de arquivo produzidos nesse período, em especial os arquivos de direitos humanos, mesmo reconhecendo a importância das fontes orais para a compreensão do passado.

Isso pode ser observado a partir de análise documental nos relatórios produzidos pelos referidos colegiados, uma vez que grande parte das comissões da verdade, como sinaliza o Arquivo Público do Estado de São Paulo (2016), utilizou documentos de arquivo para o desenvolvimento de seus trabalhos.

O tratamento dado a esses documentos acaba, na prática, sendo diferenciado, se comparado com outros registros informacionais. Sobre esses acervos, o CIA (2016, p. 07) orienta que os arquivistas devem:

[...] incluir na descrição de acervos arquivísticos, no máximo de seu conhecimento, informações que habilitem os usuários a compreender se o arquivo pode conter informação útil para se realizar uma reivindicação de direitos humanos, especialmente aquelas relativas a graves violações de direitos humanos, que ajudem a esclarecer o destino de pessoas desaparecidas ou que possibilitem aos indivíduos buscar compensação por violações anteriores de direitos humanos.

É de responsabilidade do Estado, por meio das instituições arquivísticas, em conjunto com os profissionais da informação, em especial os arquivistas, o recolhimento, o tratamento e a socialização dos arquivos de direitos humanos – respeitando os limites do direito à privacidade.

Esses arquivos evidenciam documentalmente como os regimes autoritários eram burocratizados e necessitavam do registro informacional, sobretudo do ponto de vista da repressão, para sua manutenção.

4 A MEMÓRIA NA ARQUIVOLOGIA

A memória – temática já apresentada na segunda seção desta comunicação – dialoga com a Arquivologia na medida em que a mesma, como explana Jardim (1995, p. 01), sempre esteve associada ao “dado a ser arqueologizado e raramente como processo e construção sociais”.

Esse dado arqueologizado, ou seja, a informação arquivística, concebida hoje como o objeto de estudo da Arquivologia, representa uma das fontes mais utilizadas para a construção das memórias e a reconstituição da história – independente do suporte em que essa informação tenha sido registrada.

Porém, nem sempre foi assim. A primeira forma de transmissão do conhecimento humano foi através da oralidade. Nela, que durante alguns séculos acabou sendo o principal meio de comunicação entre os seres humanos, as memórias eram armazenadas e socializadas às gerações seguintes.

Com o surgimento dos registros informacionais, e ao mesmo tempo reconhecendo as limitações da memória oral, a humanidade pôde então, como afirma Lévy (1993), perpetuar suas memórias, sobretudo por meio dos documentos de arquivo.

O arquivo, enquanto fonte primária para se conhecer e entender o passado, carrega consigo uma série de registros que, em muitos casos, destoam da versão oficial da história. Isso talvez explique o porquê de os arquivos, principalmente os produzidos em regimes de exceção, provocarem tanta preocupação em tempos de transição. Sobre isso, Araújo e Santos (2007, p. 99) afirmam que:

Os arquivos, artefatos e relatos do passado têm sido utilizados como provas de um passado que foi deliberadamente esquecido pelas versões oficiais da história. Procura-se lembrar tudo aquilo que foi deliberadamente colocado no limbo da história. A lembrança, contudo, está vinculada àqueles que têm o poder, pois são eles que decidem quais narrativas deverão ser lembradas, preservadas e divulgadas.

Os arquivos sempre estiveram associados às relações e disputas de poder. A recordação do passado por meio da pesquisa em documentos de arquivo não se resume a simples recuperação da informação, mas, sobretudo à significação e ressignificação de realidades passadas, compreendendo cada contexto histórico e suas especificidades.

Dessa forma, os arquivos, enquanto construções sociais, podem ser percebidos como o fruto das relações entre a sociedade e o Estado. Esses registros, portanto, permitem compreender como se estruturam as tensões entre as classes sociais e o poder público.

O arquivo, que possui uma relação inseparável com a memória, agora tem como um dos seus objetivos principais, além do tratamento e da custódia dos registros informacionais, como

aponta Bellotto (1989, p. 81), “o acesso à informação, seja em que idade documental for e, conseqüentemente, em que âmbito arquivístico for”.

E é nesse contexto que o arquivista, enquanto o gestor dessas memórias, atua: organizando, tratando e disponibilizando à sociedade esses registros informacionais. Esse profissional, em linhas gerais – mesmo reconhecendo a necessidade de o campo arquivístico, assim como a própria Ciência da Informação, debruçar-se com mais profundidade acerca de quais memórias e em que contexto elas estão sendo armazenadas no interior dessas instituições – contribui para a construção do conhecimento humano.

Visto de outra forma, esse profissional da informação, carregado de responsabilidade ética e social, configura-se como o guardião das memórias documentadas, responsável pela construção e consolidação da memória nacional de um país, uma vez que a partir delas é possível que o seu povo compreenda as suas origens.

Contudo, a Arquivologia, enquanto uma disciplina científica ainda em processo de consolidação no Brasil, precisa superar definitivamente a perspectiva tecnicista ainda presente em suas formulações e práticas, como apresenta Jardim (1995, p. 08):

Faz-se necessário que a arquivologia debruce-se sobre o tema da memória de modo a favorecer uma revisão dos aspectos teóricos e metodológicos da avaliação e seleção de documentos. Parece urgente, no mínimo, operar com uma noção/conceito de memória que privilegie o seus aspectos como construção social, e não como dado arqueologizável.

Não que a técnica tenha de ser desconsiderada em detrimento dos elementos subjetivos no tratamento dessas memórias documentadas. É preciso, reconhecendo a complexidade do tratamento documental, também compreender o contexto histórico e as intencionalidades que levaram à produção desses registros.

Em síntese, a memória, temática pouco aprofundada pelos estudos arquivísticos, apesar da sua indissociável relação com o documento de arquivo, dialoga com essa disciplina a partir da sua intrínseca relação com a informação – sobretudo no tocante à recuperação e à disseminação de ambas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a noção de documento como monumento, como sinaliza Le Goff (1990), demonstre que o tratamento e a análise documental precisem ser feitos com cautela e de forma crítica – reconhecendo que esses registros são construções de sujeitos históricos, carregados de subjetividades e imparcialidades – os documentos de arquivo são fontes primárias e imprescindíveis para conhecer e transformar em documentos as memórias do passado.

O documento, como patrimônio cultural brasileiro, reconhecido pela Constituição Federal de 1988, representa, em linhas gerais, a memória do nosso país. A memória possui a capacidade de, para além de se constituir enquanto um elemento informativo, responsável por trazer esclarecimento e estimular a constituição de sentimentos de pertencimento e identidade nos sujeitos, também altera a nossa compreensão acerca da realidade.

A memória, fenômeno socialmente construído, seja individual ou coletivamente, não pode ser mais, como durante muito tempo foi, um conceito cristalizado e sempre associado ao passado. A memória é viva, volátil, recorrentemente ressignificada pelos sujeitos a partir das suas vivências e crenças.

A materialização das memórias por meio dos documentos de arquivo, sobretudo os produzidos em regimes de exceção, torna-se necessária para que em tempos de justiça de transição as sociedades tomem conhecimento das violações aos direitos humanos cometidas pelos Estados autoritários.

Sobre esses registros, de valor secundário pouco estudados pelo campo informacional, que possuem características específicas e uma diversificada tipologia documental, Santos (2016, p. 19) define-os como “aqueles que contribuem à efetivação, esclarecimento e memória de violações de direitos humanos”.

Ou, em outras palavras, apesar de não haver consenso no campo arquivístico, principalmente, pelo pouco entendimento dos profissionais e pesquisadores acerca desses direitos, são os arquivos especializados de direitos humanos. Esses arquivos são classificados como de direitos humanos não porque possuem essa temática, mas sobretudo, pelo fato de comprovarem documentalmente essas violações, auxiliando assim no oferecimento de direitos individuais e coletivos às vítimas, bem como contribuindo ao aprofundamento e à consolidação da democracia.

Porém, é importante salientar que os arquivos de direitos humanos não são produzidos apenas em regimes autoritários. Em democracias, esses registros, a exemplo dos produzidos pelo Poder Judiciário, também são gerados.

Fica evidente, a partir desta reflexão, que os profissionais da informação, assim como o campo dos estudos informacionais, carecem de um olhar mais crítico e aprofundado acerca desses registros, especialmente para compreender tanto a natureza política dos direitos humanos quanto, o papel político desses profissionais para a afirmação desses direitos.

Os conceitos de direitos humanos, arquivo e memória, para finalizar, possuem elementos que os tornam, invariavelmente, interligados. É impossível pensarmos uma sociedade que respeite os direitos humanos sem que suas memórias – materializadas em documentos de arquivo – não estejam disponíveis aos seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 95-111, 2007.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 832, 2012.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro, 2005.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. A ditadura revisitada. **Revista do Arquivo**, São Paulo, n. 2, p. 45, 2016. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/02/interpretes_do_acervo_03.php Acesso em: 1 ago. 2019.
- BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: Ditaduras, Desaparecimentos e Políticas de Memória**. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2012.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivologia: objetivos e objetos. **Arquivo: boletim histórico e informativo**, v.10, n. 2, p. 81-83, 1989.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BORGES, Alci Marcus Ribeiro. Direitos humanos: conceitos e preconceitos. **Justributário**, Fortaleza, v. 4586, p. 01-14, 2010.
- BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório final da Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, v. I, p. 976, 2014. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=571 Acesso em: 25 jun. 2019.
- CASWELL, Michelle. Defining human rights archives: introduction to the special double issue on archives and human rights. **Archival Science**. v. 14, p. 207-213, 2014. DOI: 10.1007/s10502-014-9226-0. Acesso em: 8 out. 2021.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **Princípios básicos sobre o papel dos arquivistas na defesa dos direitos humanos**. 2016. Disponível em: https://www.ica.org/sites/default/files/ica-hrwg-principios_basicos_sobre_papel_arquivistas_rev%20final%2007112016_Portuguese.pdf. Acesso em: 19 jun. 2018.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.
- FERNANDES, Pádua. Arquivos e direitos humanos: documentos e violações durante a ditadura militar no Brasil. **Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, a. 2, n. 5, p. 40–50, 2017.
- FERRO, Carolina Martins. **Os direitos humanos, a Unesco e os arquivos**. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- FONTES, Milena Fonseca. Desvendando os arquivos para estabelecer a justiça. **Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 77–90, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação** - v. 25, n. 2, 1995.

JOFFILY, Mariana. Direito à informação e direito à vida privada: os impasses em torno do acesso aos arquivos da ditadura militar brasileira. **Estudos históricos**, v. 25, n. 49, jan./jun. 2012, p. 129-148. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/3766> Acesso em: 20 jul. 2019.

JOSÉ, Emiliano. **Intervenção da imprensa na política brasileira (1954-2014)**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 184, 2015.

LAFER, Celso. Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In*: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História da Paz**. São Paulo: Contexto, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

PELEGRINE, Ayala Rodrigues Oliveira. Ditadura militar e universidades: a importância do acesso aos arquivos da repressão política. *In*: Dossiê Temático: Arquivos e direitos humanos. **Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, a. 2, n. 5, p. 135-143, out. 2017. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/05/index.php. Acesso em: 25 jun. 2019.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, p. 43-55, jan./abr. 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

SANTOS, Shana Marques Prado dos. **Tratamento de arquivos de direitos humanos na América Latina**. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (RLAJT), 2016.

SHELLEMBERG, Theodor Roosevelt. Documento: Problemas Arquivísticos do Governo Brasileiro. Acervo: **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 287-300, jul./dez. 2015.

Recebido/ Received: 17/07/2021
Aceito/ Accepted: 10/08/2021
Publicado/ Published: 30/08/2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalqual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0)ww

NARRATIVAS REMINISCENTES

Em setembro de 2020 foi realizado em meio virtual, na Universidade Federal da Bahia, o V Colóquio Internacional a Medicina na Era da Informação (V MEDINFOR VINTE VINTE). Na oportunidade, a Revista Fontes Documentais, em parceria com a Comissão organizadora do evento, sob as lideranças da Prof^a Dr^a Zeny Duarte (UFBA), do Prof. Dr. Armando Malheiro da Silva (U.Porto), da Prof^a Dr^a Fernanda Ribeiro (U.Porto) e da Prof^a Dr^a Bárbara Coelho Neves (UFBA), organizou e publicou a Edição especial MEDINFOR VINTE VINTE contendo palestras e comunicações apresentadas no evento.

A fim de comemorar um ano de evento realizado, trazemos para deleite do nosso leitor a conferência de encerramento do referido evento, proferido pelo Prof. António José de Barros Veloso.

NARRATIVAS SOBRE OS MÉDICOS E A CULTURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX**António José de Barros Veloso**

Doutor Honoris causa da Universidade Nova de Lisboa – Portugal. Médico e Escritor, com produção nas áreas da História, Artes, Cultura e Ética. É especialista em Medicina Interna e Oncologia, atuante em Hospitais Cívicos de Lisboa. Dedicou-se, com paixão, à azulejaria e à história da Medicina. Vários livros no currículo, inclusive o Médicos e Sociedade: para uma História da Medicina em Portugal no século XX. Reconhecido pianista de jazz, apresenta-se com grandes músicos nacionais e internacionais. Foi homenageado pelo V Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (MEDINFOR), realizado pela Universidade Federal da Bahia – Brasil e Universidade do Porto – Portugal, em setembro de 2020.

RESUMO

É comum dizer-se que os médicos, mais do que quaisquer outros grupos profissionais, revelam uma atracção particular por actividades exteriores à sua profissão. A partir desta afirmação, surgem duas explicações: ou quem tem vocação para a Medicina possui uma sensibilidade especial e por isso se sente atraído pelas humanidades, ou a atividade médica, pelos contactos que proporciona com os problemas humanos, com o sofrimento e com a morte, leva os médicos a projectar a sua experiência em actividades culturais ou simplesmente a procurar nelas compensação para o desgaste da profissão. Embora não haja investigações sobre este assunto, não me custa admitir que assim seja. De facto, entre os médicos portugueses do século XX existiram numerosos melómanos, colecionadores de arte, amantes da literatura, estudiosos da história e da filosofia que nunca foram contabilizados. Mas, para além de agentes passivos, os médicos foram também protagonistas activos que conquistaram posições de topo e deixaram uma marca imperecível como políticos, pensadores, arqueólogos e polemistas. Se, contudo, nos restringirmos exclusivamente ao campo das Artes, é, sobretudo, na Literatura que encontramos figuras que inscreveram o seu nome na grande cultura portuguesa do século XX. Júlio Dantas, Miguel Torga, Fernando Namora, Bernardo Santareno, António Lobo Antunes são alguns desses nomes. A seguir, abordarei alguns aspectos da minha própria experiência pessoal.

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Começo por agradecer à Prof^a Zeny Duarte e ao Prof. Armando Malheiro o convite que me dirigiram para encerrar o V Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (MEDINFOR VINTE VINTE), realizado em setembro de 2020, pela Universidade Federal da Bahia e Universidade do Porto - Portugal. Foi para mim uma honra enorme, mas também um prazer, poder partilhar com irmãos brasileiros – e não o digo como figura de retórica – este território enorme e único que é a língua portuguesa.

Cabral com as suas naus descobriu. D. João VI assinou decretos às cegas e definiu fronteiras. Navegadores, colonizadores, bandeirantes levaram a língua. A língua ficou. E os brasileiros, muitas vezes indiferentes aos acordos ortográficos, souberam enriquecê-la e transformá-la. Não apenas através dos seus geniais romancistas e poetas, mas, sobretudo, pelo uso que lhe deram na rua, na música, no futebol, nas telenovelas e nos afectos. Descobriram nela uma plasticidade e uma riqueza insuspeitadas que por vezes me emociona.

Lembro-me, por exemplo, do protagonista de uma telenovela que, farto de ouvir um sujeito que nunca mais se calava, o interrompeu com esta frase lapidar: “Basta de ‘entretantos’ e vamos aos ‘finalmentes’”. O uso destes advérbios como se fossem substantivos, é genial. Mas para mim é igualmente emocionante ver os índios da Amazônia profunda, com os seus utensílios de caça e os seus ornamentos, a falar português. Um português adulterado pelo tempo, pela distância, pelos costumes, mas apesar disso tudo, ainda português.

Nós, portugueses, temos grandes dívidas de gratidão para com os brasileiros. Deixe-me citar três. Ao celebrar em 23 de julho de 1920 os 100 anos do nascimento de Amália Rodrigues, não podemos esquecer, que foram os brasileiros, sobretudo os seus músicos, a promover a grande cantora do fado, quando os seus compatriotas a depreciavam quer por supostos motivos políticos quer por se atrever a cantar poemas de Camões. Foram também os literatos brasileiros que contribuíram para a divulgação do grande poeta Fernando Pessoa, ele que dizia “minha pátria é a minha língua”. Já agora, perdoem-me que refira uma área mais prosaica, mas que me tem interessado muito: os azulejos portugueses. Numa altura em que estavam em franco declínio em Portugal como arte decorativa, foram os brasileiros que redescobriram as suas potencialidades e recomeçaram a usá-los de forma magistral pela mão de Portinari e de outros artistas. Depois disso, regressaram em “torna viagem”, como qualquer emigrante, na bagagem do arquitecto Keil do Amaral que esteve no Brasil a participar num congresso. Só a partir daí, passaram a ser valorizados de novo em Portugal.

Feita esta pequena introdução, em forma de desabafo pessoal, vamos aos “finalmentes”, ou seja, ao assunto desta palestra: “Os médicos e a cultura portuguesa no século XX”. Com ela gostaria não só de arrumar algumas ideias soltas, mas também de desanuviar e esquecer por momentos, o ambiente sombrio que todos estamos a atravessar com esta terrível pandemia da Covid-19.

Começarei por dizer que existe a ideia generalizada de que os médicos constituem um grupo profissional que, mais do que qualquer outro, se interessa por assuntos exteriores à sua profissão ou, se se quiser ser mais explícito ou provocador, se dedica a vários ramos da cultura.

Mas que é isto da cultura? Para António José Saraiva é tudo o que não é produto da natureza e lhe é acrescentado pelo espírito. Para Alçada Baptista trata-se de uma palavra-sótão onde metemos aquilo que não sabemos onde arrumar: nessa palavra cabe tudo, desde a receita de arroz-doce da Beira-Baixa até à poesia do Fernando Pessoa. Porém, aquilo que nos interessa aqui é apenas a cultura erudita a que Morin chamou a cultura cultivada por oposição à cultura espontânea, popular ou etnográfica.

Posto isto, voltemos então aos médicos e à sua atracção pela cultura.

Existem, para este facto, dois tipos de explicação: ou as pessoas que têm vocação e escolhem a Medicina são, já de si, dotadas de mais sensibilidade e por isso se sentem atraídas pelas humanidades ou, então, a prática médica, pelos contactos frequentes com problemas humanos, com a intimidade dos doentes, com a dor, com a doença, o sofrimento e a morte, leva os médicos a projectar a sua experiência em actividades de índole cultural ou, simplesmente, a procurar nessas actividades, compensação para o desgaste da sua profissão.

O crítico literário Pedro Mexia num texto recente dedicado a uma escritora médica, Gabriela Pina de Moraes, cita-a com esta frase: “aos médicos nada do humano lhes é estranho e adquirem uma carapaça férrea ou uma empatia tranquila”. Ricardo Jorge, por sua vez, afirmava: “Sou médico,

como tal nada me é indiferente” e Fernando Namora, em 1950, escrevia: “São as nossas singulares relações com o doente, com tudo aquilo que rodeia e se gera no homem que sofre, que fazem da nossa profissão uma escola de humanismo... De tudo isto se escapam intimidades que só o médico apreende”.

Está implícita nestas opiniões a convicção de que a prática médica pode moldar gostos, descobrir vocações ou revelar talentos ocultos. Mas, Abel de Lima Salazar, foi mais longe ao citar com frequência a frase atribuída ao médico catalão, José Latamendi: “Quem só sabe Medicina nem Medicina sabe”. Com isto queria dizer que para ser um médico completo e pleno, era necessário ser culto. Não apenas para compreender os segredos da profissão, mas para ser capaz de criar empatia com os doentes. A cultura seria, pois, uma condição essencial à boa prática da Medicina.

Mas será de facto assim? Não quero nem vou enredar-me a discutir uma matéria que é, sem dúvida, um terreno movediço e para qual não me sinto preparado. Apenas direi que desconheço a existência de trabalhos de investigação sobre este assunto e, por isso, não me é possível afirmar de fonte segura se existem diferenças entre médicos, arquitectos, advogados, engenheiros ou políticos, no que diz respeito a interesses culturais.

O que eu posso dizer é que, pessoalmente, estou convencido que sim. E que essa convicção se baseia e ganha alguma autoridade no facto de ter tido um longo contacto com o meio médico português durante um período que cobre grande parte do século XX. Tinha 3 anos quando o destino me atirou para uma estância de tuberculosos, o Caramulo, onde a minha mãe fora internada e o meu pai passou a ocupar um lugar no corpo clínico. A minha infância e parte da minha adolescência foi passada entre médicos e tuberculosos e era sobre médicos e tuberculosos grande parte das conversas e dos problemas de que fui testemunha. Na altura própria, matriculei-me em Medicina na Universidade de Coimbra e licenciiei-me em 1956. Acabado o curso, fiz o internato e a carreira hospitalar em Lisboa, nos Hospitais Civis de Lisboa. Além disso, fui presidente de várias sociedades médicas e concorri a Bastonário da Ordem dos Médicos e ocupei uma série de lugares e exerci actividades que me permitiram conhecer bem o meio médico português de norte a sul do país.

Durante mais de 60 anos do século XX, vivi, pois, entre médicos, doentes, hospitais, sociedades médicas, amigos médicos, conversas médicas, ou seja, conheci o meio médico português como pouca gente. Além disso, interessei-me por estar a par dos problemas da Medicina portuguesa e dos seus protagonistas, estudei e escrevi sobre a sua História, acumulei documentos, testemunhos e fotografias.

Com toda esta experiência de vida, o que eu posso dizer em concreto?

Entre os médicos portugueses do século XX houve muitos melómanos, muitos colecionadores de arte, frequentadores de exposições, amantes da literatura, estudiosos de história e de filosofia. Estou-me a referir aqui, apenas a agentes passivos, que se dedicaram a estas actividades quase

sempre de forma discreta e recatada, mas que nunca foram contabilizados. Sabemos que foram muitos, mas não sabemos quantos.

Mais importante é, contudo, falar dos protagonistas activos que deixarem obra visível. Mas, entre estes, só alguns conquistaram posição de topo e se projectaram quer como políticos, polemistas, historiadores, pensadores, arqueólogos ou artistas. É desses que vale a pena falar.

O princípio do século XX ficou marcado pelos médicos de formação positivista que intervieram na política. Muitos deles ocuparam lugares decisivos e contribuíram com a sua acção para definir o destino do país. Miguel Bombarda (nascido no Brasil em 1851) aderiu à conspiração republicana e foi um brilhante polemista. António José de Almeida foi líder político e o único Presidente da Primeira República, que cumpriu o mandato até ao fim; Brito Camacho esteve à frente do partido Unionista; Egas Moniz pertenceu a vários partidos, foi apoiante de Sidónio Pais e ministro dos negócios estrangeiros. Até aos 51, apesar de ser professor de neurologia, só fez praticamente política: apenas depois disso se dedicou à investigação. Bissaya Barreto interveio na política desde a juventude como republicano de esquerda e ligado à Carbonária. Mais tarde seria apoiante do Estado Novo e amigo pessoal de António de Oliveira Salazar.

Alguns destes e muitos outros foram também pensadores e polemistas. Mas, nesta categoria, quero destacar Abel de Lima Salazar (nacional e internacionalmente conhecido como Abel Salazar) pela grande agressividade que punha nas polémicas em que se envolveu e pelo conhecimento e preparação filosófica que possuía, sobretudo acerca do positivismo lógico e o Círculo de Viena.

Entre os historiadores, Ferreira de Mira deixou uma história da Medicina portuguesa até ao início do século XX que embora datada do ponto de vista historiográfico, é uma obra de referência. Maximiliano de Lemos fez abundante investigação e escreveu também uma história da Medicina que foi reeditada recentemente e se tornou obrigatória para os historiadores. No campo das biografias de médicos há que destacar Ricardo Jorge e Eduardo Coelho. Mas na historiografia, um lugar à parte pertence a Mário Carmona com o seu livro “O Hospital Real de Todos-os-Santos”, trabalho de investigação e erudição sobre o hospital fundado por D. João II, cuja qualidade não foi até hoje ultrapassada. Para além destes ocupam lugares destacados, Silva Carvalho, investigador, Augusto Celestino da Costa, biógrafo e olissipógrafo e Silveira Botelho. Este último reuniu durante anos um vasto e riquíssimo arquivo de documentação sobre a Medicina portuguesa do século XX que, infelizmente, ficou em risco de se perder após a sua morte. Mais recentemente merecem referência Armando Moreno, com uma obra vasta e eclética, e Luís Damas Mora, com várias biografias de muita qualidade e que foi um dos editores do livro “Médicos e Sociedade: para uma história da Medicina em Portugal no século XX”, por mim coordenado.

Na categoria dos pensadores gostava de salientar Jaime Cortesão, historiador e pensador, autor de uma obra eclética, que foi Director da Biblioteca Nacional. Reuniu à sua volta um vasto

grupo de intelectuais, dos seareiros até aos integralistas, empenhados na criação de elites e na regeneração do país. Mas há dois amigos, já desaparecidos e que os brasileiros conhecem bem e que quero citar de forma especial: Daniel Serão e João Lobo Antunes. Daniel Serrão foi, sobretudo, o homem da bioética e nessa qualidade foi conselheiro de João Paulo II. Curiosamente dedicou-se também ao estudo da Arqueopatologia que depois abandonou, disciplina em que escreveu alguns textos notáveis. João Lobo Antunes foi um pensador particularmente brilhante que nos deixou vários livros de ensaios e a recordação de espantosas conferências algumas das quais estão felizmente gravadas e disponíveis na net. Chamo-lhes pensadores e não filósofos para não correr o perigo de os filósofos de carreira lhes virem chamar “filósofos espontâneos”, como aconteceu com outros que reflectiram sobre a sua obra científica como Monod, Einsenberg, Einstein, etc. Na verdade, ambos deixaram uma profunda reflexão sobre a sua profissão.

Noutro campo bem diferente, e talvez inesperado, surge a Arqueologia. Aí destacam-se os nomes de três médicos: José Leite de Vasconcelos que fez Medicina apenas durante um ano para depois se tornar num brilhante arqueólogo e etnólogo. Fundou o Museu Nacional de Arqueologia e deixou uma obra riquíssima; Sousa Viterbo foi arqueólogo, mas também jornalista e historiador. Finalmente, o menos citado, Pimentel Barata. Com uma obra interessantíssima na área da arqueologia naval, estudou a fundo as embarcações portuguesas do século XV e XVI. Pouco conhecido em Portugal, ganhou projecção internacional, tendo-lhe sido dedicado um editorial numa revista de arqueologia naval britânica por altura sua morte.

Contudo, se nos restringirmos ao campo artístico, mais concretamente ao campo das artes plásticas, à música e à literatura há que começar por fazer um breve comentário para dizer desde já que é um assunto a tratar com pinças, porque, se há muitos médicos a cultivar estas áreas, nem todos merecem ser nomeados. Terá, por isso, de se estabelecer uma fasquia e essa será sempre fruto de um critério pessoal. Por isso, desde já peço desculpa se for injusto para alguns que fiquem de fora desta escolha.

Comecemos então pela pintura. Há cada vez mais médicos a pintar e a fazer exposições, sobretudo depois de se reformarem, mas julgo que só dois ou três atingiram uma posição destacada junto dos críticos e do público e merecem por isso serem aqui mencionados: Abel Salazar, Mário Botas e Pantoja Rojão.

Abel Salazar é uma figura multifacetada como vimos, mas que se distinguiu no desenho e na pintura. Influenciado inicialmente pelo impressionismo, foi um pintor do povo, sobretudo da mulher, e alguns críticos têm-no considerado um precursor do neorealismo.

Mário Botas, desaparecido muito jovem, deixou uma obra pictórica notável, moderna, original, hoje em dia muito valorizada e procurada.

Finalmente gostava de deixar aqui uma nota sobre Pantoja Rojão recentemente desaparecido e que era um pintor compulsivo, assumidamente naif, que deixou alguns quadros de excelente qualidade.

Mas, no campo das artes plásticas, merece um lugar destacado Reynaldo dos Santos. Além de cirurgião, urologista e precursor da aortografia, com títulos académicos e condecorações em todo mundo, teve tempo para se destacar como crítico, estudioso e, sobretudo, teorizador de arte portuguesa na qual procurou sempre identificar uma raiz e uma identidade próprias. Figura destacada de um grupo de intelectuais dos anos 1920 que se empenharam na regeneração do país através da cultura e das elites, o seu contributo foi enorme e as suas obras continuam a ser estudadas obrigatoriamente nos cursos de História da Arte.

Quanto à música há, como vimos, muitos médicos melómanos. A maioria dos praticantes de música não foi, na sua grande maioria, além dos saraus caseiros para familiares e amigos. Poucos atingiram um plano que os tornasse conhecidos publicamente.

Posso dizê-lo, por experiência própria e com alguma pena, porque, tendo praticado a música de jazz durante um grande período da minha vida, nunca consegui formar um quarteto ou um trio constituído só por médicos. João Viana é o único médico que toca jazz, mas dedica-se ao estilo Dixieland que é muito diferente daquele que sempre pratiquei, o pós-bebop. Mesmo assim, há que citar alguns nomes de médicos que se destacaram na música.

Álvaro Malta, obstetra, fez uma brilhante carreira como cantor de ópera. Carlos Paião, desaparecido muito cedo, atingiu enorme popularidade como compositor e cantor de música ligeira, tendo representado Portugal no concurso da Eurovisão. Por fim, Katia Guerreiro, fadista actual muito cotada que chegou a frequentar o internato de Oftalmologia.

Por fim, chegamos à área em que os médicos se têm distinguido e atingiram um nível notável: a literatura. Também aqui, estou a falar de uma actividade a que muitos médicos se dedicaram, mas em que só alguns atingiram um nível, diria, superlativo e se tornaram grandes nomes da língua portuguesa. Alguns deles foram mesmo falados como candidatos a possíveis Prémio Nobel.

Quero, contudo, deixar aqui duas observações. A primeira é que ao destacar 5 nomes, coloco mais uma vez a fasquia muito alta, para realçar o valor dos nomes escolhidos. Com esse destaque cometerei a injustiça de enviar para um segundo plano nomes como Celestino Gomes, Mário Sacramento, Armindo Rodrigues, Araújo Correia, Vieira Reis, Gabriela Pina de Moraes, António Trabulo, Leonor Almeida e muitos outros. A segunda é que, não vou considerar os vultos da literatura que pertencem claramente ao século XIX, como Júlio Diniz e outros, que embora desaparecidos já no século XX, foi no século XIX que passaram grande parte da sua vida e nele beberam as influências literárias. Refiro-me, por exemplo, a Fialho de Almeida.

Tendo em conta estas observações escolherei cinco nomes de escritores médicos que marcaram profundamente a literatura e a cultura do português do século XX: Júlio Dantas, Fernando Namora, Bernardo Santareno, Miguel Torga e António Lobo Antunes.

Júlio Dantas está longe de ser uma figura consensual. Com um estilo marcado pelo romantismo e pelo parnasianismo tardio iria revelar-se um romancista e dramaturgo notável ao produzir obras como “A Ceia dos Cardeais”, “A Severa” e “Soror Mariana”. Mas era um homem já fora de um tempo que começava a ser agitado pelos jovens modernistas do Orpheu. Snob e poseur, inserido na alta roda de académicos, diplomatas e homens de letras, foi alvo do ataque de Almada Negreiros e nunca conseguiu descolar-se da frase final do Manifesto anti-Dantas: “Morra o Dantas, morra! Pim!”

Fernando Namora deixou uma obra literária extensa onde está muitas vezes presente quer a sua experiência de médico rural, como em “Retalhos da Vida de um Médico”, quer da sua fase de médico cidadão, como em “Domingo à Tarde”. Parece-me hoje um homem um pouco esquecido e desvalorizado pela crítica literária que lhe dá injustamente pouca importância.

Bernardo Santareno, cujo nome verdadeiro era António Martinho do Rosário, foi médico dos barcos bacalhoeiros e acompanhou a campanha de pesca do bacalhau durante dois anos. Foi essa experiência que serviu de inspiração a algumas das suas obras como “Lugre” e “Nos Mares do Fim do Mundo”. Considerado um dos mais pujantes dramaturgos da literatura portuguesa, foi anti-salazarista activo lutou pela liberdade e dignidade do homem contra todas as formas de opressão e, uma das suas peças, “A Promessa”, foi retirada pela censura por pressão da Igreja.

Miguel Torga, cujo nome de batismo era Adolfo Rocha, foi um dos nomes maiores da literatura portuguesa. A sua obra grandiosa, em que se destacam os “Contos”, o “Diário” e a poesia, possui uma qualidade enorme que não me compete agora descrever de tão conhecida que é dentro e fora do país. A sua escrita ligada aos mitos agrários e pastoris e à sua origem transmontana, ganhou dimensão universal.

Finalmente, António Lobo Antunes, ainda vivo e activo, que renovou a linguagem literária. Com uma obra de muitos romances e muitas crónicas, a sua experiência como médico surge muitas vezes, ligada à fase das campanhas de África como oficial miliciano. Recordo aqui a crónica sobre Corino Andrade que foi amigo de seu pai também ele médico, que é uma peça deliciosa de humor e estilo literário. O Lobo Antunes que se apresenta com ar descuidado, informal e aparentemente alheado, possui uma inteligência, uma cultura e um sentido de humor pouco habitual que faz também dele um brilhante conferencista.

Dito isto, terei de acrescentar breves palavras a meu respeito para explicar porque é que estou aqui hoje a intervir. Julgo que a razão é simples: alguém teve acesso ao livro sobre história da medicina do século XX de que sou co-autor e coordenador – “Médicos e Sociedade” -- e descobriu que eu, além de ser médico e historiador da Medicina, tinha tocado jazz e publicado vários livros

sobre azulejos. Teria, portanto, um perfil que estava indicado para falar sobre as relações dos médicos com a cultura. Mas será que mereço tal distinção? O que é que me distingue, afinal, para deixar aqui estas despretensiosas palavras?

O filósofo Isaiah Berlin num dos seus mais famosos ensaios, cita um fragmento do poeta grego Arquílogo que diz assim. “A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma coisa muito importante”. Qual é o sentido destas palavras enigmáticas? Para Isaiah Berlin elas marcam a diferença profunda entre as pessoas que organizam o seu pensamento à volta de uma visão cega, única e central na qual procuram o significado de tudo, e outras, que perseguem muitas pontas frequentemente não relacionadas e até contraditórias, cujo pensamento é disperso, difuso e se move em muitos níveis. Umas, alimentam ideias centrípetas, são os “ouriços”; outras, estruturam-se em redor de ideias centrífugas, são as “raposas”. Umas fecham-se sobre si próprias, outras abrem-se para o mundo através de uma irresistível curiosidade. Nesse sentido, eu sou uma raposa e julgo que foi como raposa que me revelei nesta pequena palestra. Muito Obrigado!